

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Joise Simas de Souza Maurício

**BOI-BUMBÁ DE PARINTINS:
heteronomia, competitividade e lazer na figuração de Caprichoso e Garantido**

Belo Horizonte

2023

Joise Simas de Souza Maurício

**BOI-BUMBÁ DE PARINTINS:
heteronomia, competitividade e lazer na figuração de Caprichoso e Garantido**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer. Área de concentração: Cultura e Educação. Linha de pesquisa 1: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Coorientador: Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos

Belo Horizonte

2023

M455b Maurício, Joise Simas de Souza
2024 Boi-bumbá de Parintins: heteronomia, competitividade e lazer na figuração de Caprichoso e Garantido. [manuscrito] / Joise Simas de Souza Maurício – 2024.
118 f.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli
Coorientador: Gláucio Campos Gomes de Matos

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 93-96

1. Folclore - Teses. 2. Folclore do boi - Teses. 3. Lazer- Aspectos sociais - Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Matos, Gláucio Campos Gomes de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. IV. Título.

CDU: 398(81)

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Antônio Afonso Pereira Júnior, CRB 6: nº 2637, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM ESTUDOS DO LAZER

ATA DA 94ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

JOISE SIMAS DE SOUZA MAURÍCIO

Às 08h30min do dia 31 de julho de 2023 reuniu-se de no auditório Maria Lúcia Paixão na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho "BOI-BUMBÁ DE PARINTINS: heteronomia, competitividade e lazer na figuração de Caprichoso e Garantido", requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Prof. Dr. Gláucio Campos Gomes de Matos - UFAM (coorientador)	X	
Profa. Dra. Ana Flávia Braun Vieira (UEPG)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	
Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro (UFAM)	X	
Profa. Dra. Sônia Cristina de Assis (UEMG)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 31 de julho de 2023.

Assinatura dos membros da banca examinadora:



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Cristina de Assis, Usuário Externo**, em 01/08/2023, às 17:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 01/08/2023, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Flávia Braun Vieira, Usuário Externo**, em 08/08/2023, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glaucio Campos Gomes de Matos, Usuário Externo**, em 19/08/2023, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Odenei de Souza Ribeiro, Usuário Externo**, em 14/09/2023, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2499460** e o código CRC **DC92FD07**.

A todos que vivenciam o Boi-Bumbá de Parintins

Gratidão

*Hoje eu tenho a agradecer
Ao universo e a muita gente
Hoje eu tenho a agradecer
Ao universo e a muita gente*

Aos meus ancestrais e aos que vieram antes de mim.

Aos meus pais que são minha força e que foram meus assistentes na coleta de dados. Ao meu marido que sempre me incentivava a continuar, sendo o primeiro a arrumar as malas para as mudanças, me encorajando e preparando comidas deliciosas. À minha eterna Tuffyanne, que virou estrelinha na minha viagem de despedida do Amazonas e à minha Bailey, companheira e o suporte emocional fundamental.

Aos meus familiares que direta e indiretamente contribuíram para que eu chegasse até aqui com um lugar para morar durante meus estudos na graduação; à minha “Vó” Regina e ao meu tio Alcântara que me deram o último olhar e abraço antes do ano mais difícil para se passar longe de casa... partiram pra ficar...

Aos meus amigos, em especial, Josiani, pela amizade de todas as horas; Denilson, pela revisão textual da qualificação; Cássia, que sempre esteve comigo; Moisés, que tinha o abraço mais acolhedor que já existiu (mas partiu pra ficar...). Ao eterno apresentador Paulino Faria, que se disponibilizou para me ajudar na pesquisa com empolgação e me contar a “verdadeira história do festival” (nas palavras dele) através de seu acervo, mas, infelizmente, também partiu pra ficar... E a tantos outros parintinenses que poderiam ter feito parte desta tese, mas também foram vítimas da pandemia...

Não tenho palavras para agradecer aos meus orientadores pelo afeto e partilha durante minha jornada aqui. Ao meu primeiro orientador no doutorado (Rafael Fortes, in memoriam) que me instigou a persistir no meu tema e abordagem teórica. Ao Zé, meu orientador, pela receptividade, acolhimento no momento crucial para o renascimento do projeto de tese e pelas aulas brilhantes em todas as esferas. Ao Gláucio pela coorientação, pela parceria desde a graduação, pelo incentivo, pelos conselhos e por me apresentar Norbert Elias. Vocês são orientadores/pessoas sensacionais!

Aos membros dos grupos de pesquisa Processos Civilizadores na PanAmazônia (GPPCPAM/UFAM/CNPq) e do Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social (NAPrática/UFMG/CNPq) pela partilha de conhecimento durante os estudos.

Aos membros da Banca do projeto de tese, da qualificação e da defesa pela disponibilidade e sensibilidade ao avaliar esta tese e contribuir para futuras publicações.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, em especial aos professores do curso por suas contribuições em minha formação. Aos meus colegas de turma e aos de outras turmas pela partilha. E ao Danilo Ramos e estagiários do Programa por todo o suporte na secretaria.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida no momento certo. À Fundação Norbert Elias pela bolsa concedida para viajar para o XIX Simpósio Processos Civilizadores.

Aos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido e suas respectivas Associações e presidentes pela acolhida, ao 11º Batalhão da Polícia Militar de Parintins pelo empenho na tabulação de dados, ao Centro de Documentação e Memória da Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso pela disponibilidade e atenção, ao Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro – Parintins, à Biblioteca Municipal Tonzinho Saunier pela confiança no empréstimo de livros raros e ao artista Pedro Farias Junior por ceder imagem de sua arte para uso na capa da tese.

Agradeço principalmente aos meus parceiros nessa pesquisa que contribuíram contando-me suas memórias tornando realidade esta tese: Acinécio, Benedita, Cláudio, Cristina, César, Evandro Jr., Maria Betânia, Maria do Carmo, Mário, Raimundo, Rheck, Rob, Ronildo, Suzan, Odinéia, Taís e Zezinho.

Minha eterna gratidão!



Tela "Meu Brinquedo" do artista Pedro Farias Júnior (Cartaz do 50º Festival Folclórico de Parintins em 2015). Reprodução da imagem autorizada pelo artista em junho de 2023.

Alô, povo da Francesa,
Do Palmares e de toda cidade
Esse contrário faroleiro
Anda dizendo
Que é tradição,
Mas não é verdade
Já mudou de dono e de curral
Fica fazendo o que diz que é ritual
Aprisionado sem saber como sair
A enchente alaga toda a área da Fabril
E esse boi fica nadando pra chegar
Na terra firme onde está meu Boi-Bumbá
Enquanto o meu rio Amazonas
Correr para o mar
E a minha bandeira no céu estrelado
Estiver tremulando
Eu hei de lutar
Soberano fluindo o encanto dessa brincadeira
Pois os campeões são sempre assim
Reagem quando tudo parece o fim
Meu povo pronto a derramar
Seu sangue e suor
Pelo nosso Caprichoso
E vai ser sempre assim
Caprichoso, Caprichoso
Tradição e raiz
Contigo Caprichoso,
Eu serei feliz.

(César Moraes/César Oliveira/Chiba)



Olha contrário
Meu boi é de tradição
Sou de fibra
Sou de raça
Pro teu teto de vidraça
Meu desafio é sempre uma lição
A arte é uma missão
Ensinar-te é minha sina
Não pensas que eu esmoreço
Se compras os meus poetas
Eu sou pau de dar em doido
Sou do povo sou profeta
Nascestes para invejar
E ainda vais morrer de inveja

(Fred Góes)



RESUMO

O Festival Folclórico de Parintins é realizado desde a década de 1960 na cidade de Parintins-AM. Foi tombado em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e tem como elemento principal os Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido que nutrem uma rivalidade desde sua gênese, adaptando-se e mudando através da ação do processo civilizador. Dos embates físicos entre os Bois nas ruas à manifestação simbólica, pacífica e admirável na arena, identificamos a autonomia relativa dos indivíduos nesse processo, no entanto, ações heterônomas também são percebidas, fazendo com que figurações de pessoas adequem-se às regras sociais e também do Estado. O marco teórico contempla Norbert Elias com sua teoria processual e figuracional tendo como objetivo geral compreender como a heteronomia foi essencial para as mudanças do Boi-Bumbá que brincava nos terreiros até seu protagonismo que hoje se destaca na cidade de Parintins enquanto Boi de Arena. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que teve como método a História Oral com a realização de 17 entrevistas semi-estruturadas com moradores de Parintins que participaram ou testemunharam algum acontecimento referente ao Boi-Bumbá desde as primeiras manifestações na cidade. As entrevistas foram transcritas através do aplicativo *Transkriptor*, analisadas no programa *N-Vivo* e interpretadas a partir do aporte do referencial teórico. Desta maneira, conhecemos a origem e os duelos entre Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido enquanto um folguedo de rua, registramos as memórias das pessoas acerca do processo de inserção do Boi-Bumbá de Parintins em um espaço controlado para as disputas, evidenciamos como os mecanismos de controle presentes no Boi de arena influenciaram no usufruto do lazer e analisamos as mudanças no Boi-Bumbá de Parintins frente às exigências do Estado e da sociedade. Podemos então afirmar a tese de que a heteronomia permeia as atividades de lazer, a exemplo do Festival Folclórico de Parintins, para atender ao desenvolvimento da sociedade onde as tradições passam por ajustes de acordo com as exigências do estado e das relações sociais para se consolidarem e permanecerem vivas na cultura popular.

Palavras-chave: Processo Civilizador; Boi-Bumbá; Estudos do Lazer.

ABSTRACT

The Parintins Folk Festival has been held since the 1960s in the city of Parintins-AM. Listed in 2018 by the National Historical and Artistic Heritage Institute (IPHAN) and has as its main element the Bois-Bumbás Caprichoso and Garantido that nourish a rivalry since its genesis, adapting and changing through the action of the civilizing process. From the physical clashes between the Bois in the streets to the symbolic, peaceful and admirable manifestation in the arena, we identify the relative autonomy of individuals in this process, however, heteronomous actions are also perceived, making figurations of peoplerules and also the state. The theoretical framework contemplates Norbert Elias with his procedural and figurational theory having as general objective to understand how the heteronomy was essential for the changes of the Boi-Bumbá who played in the terreiros until his protagonism that today stands out in the city of Parintins as Boi de arena. It is a research of qualitative approach, which had as method the Oral History with the accomplishment of 17 semi-structured interviews with residents of Parintins who participated or witnessed some event referring to the Boi-Bumbá since the first demonstrations in the city. The interviews were transcribed through the Transkriptor application, analyzed in the N-Vivo program and interpreted from the theoretical framework. In this way, we know the origin and duels between Bois-Bumbás Caprichoso and Garantido as a street folguedo, we record the memories of people about the process of insertion of Parintins Boi-Bumbá in a controlled space for disputes, evidenced how the control mechanisms present in the Boi de arena influenced the enjoyment of leisure and analyzed the changes in the Parintins Boi-Bumbá front of the demands of the State and society. We can then affirm the thesis that heteronomy permeates leisure activities, such as the Parintins Folk Festival, to meet the development of society where traditions undergo adjustments according to the requirements of the state and social relations to consolidate and remain alive in popular culture.

Keywords: Civilizing Process; Boi-Bumbá; Leisure Studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 ANUNCIEI BOI NA CIDADE: A FIGURAÇÃO DO BOI DE TERREIRO	27
1.1 Raízes do Boi-Bumbá parintinense	28
1.2 O terreiro	30
1.3 O surgimento dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido em Parintins	33
1.4 A brincadeira nos terreiros.....	47
2 LÁ VEM MEU BOI PELAS RUAS DE PARINTINS: A FIGURAÇÃO DO BOI DE RUA	54
2.1 A rivalidade nas ruas	55
2.2 A divisão dos territórios	62
2.3 A formação de figurações.....	68
3 DE PARINTINS PARA O MUNDO VER - A FIGURAÇÃO DO BOI DE PALCO/ARENA	71
3.1 Das ruas para as quadras da cidade.....	71
3.2 Institucionalizar para civilizar: O Festival Folclórico de Parintins.....	75
3.2.1 A implantação do regulamento	79
3.3 A heteronomia presente no bumbódromo	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	99
ANEXO A – REGULAMENTO DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS DISPUTA DE BUMBÁS 2022	100

INTRODUÇÃO

Convido-lhe a fazer uma viagem a Parintins-AM! Seja de barco, lancha rápida ou avião, você chegará à “Ilha Tupinambarana” situada à margem direita do Rio Amazonas, há 369 quilômetros da capital Manaus, palco de um espetáculo a céu aberto, o Festival Folclórico de Parintins. Chamado carinhosamente pelos parintinenses e amantes do boi-bumbá de Festival (este será o termo adotado no decorrer desta tese) é realizado desde 1965 até os dias atuais e tem como protagonistas os Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido, que foram criados no início do Século XX. É nessa cidade que eu nasci em 1988, ano de inauguração do Bumbódromo – arena onde são realizadas as disputas entre os Bois – que marca a transição do Boi-Bumbá que brincava nas ruas e palcos da cidade para chegar ao que é hoje: um espetáculo conhecido mundialmente e patrimônio cultural brasileiro.

Conhecida como a cidade que é dividida ao meio pelas cores azul e vermelho, que remetem à divisão do território e das figurações Caprichoso e Garantido respectivamente. Figuração ou configuração é o termo adotado por Norbert Elias para se referir aos grupos formados por seres humanos que compartilham conhecimentos e comportamentos de maneira singular. A arte da capa dessa tese – cartaz do festival de 2015, obra de Junior Farias – ilustra como essa ligação com o Boi-Bumbá surge desde cedo, fazendo com que parintinenses torçam por determinado Boi e, até mesmo, sonhem em ser artista ou brincar nele como item (ver ANEXO A, p. 94), desta maneira o Boi-Bumbá é parte da identidade do parintinense que vive o Boi não somente no mês de junho, mas no ano todo, durante toda sua existência e além (e não é exagero).

Eu nasci na figuração do Boi Garantido. Durante minha infância e começo da adolescência na cidade, eu morava com meus pais na casa dos meus avós maternos. Íamos com frequência aos ensaios para o Festival, pois morávamos bem próximo ao curral do Garantido (reduto do Boi-Bumbá onde são realizados os ensaios e também onde são realizadas atividades administrativas), nesse ínterim, os Bois-bumbás passaram por modificações importantes que eu só perceberia mais tarde, como o Estado do Amazonas assumindo o controle do Festival, o patrocínio da Coca-Cola e a transmissão televisiva ao vivo em rede nacional. Com isso, mais pessoas passaram a ir até a cidade de Parintins para desfrutar dessa festa que se tornaria grandiosa a cada ano, uma fonte de renda e principalmente uma opção de

lazer de muitas pessoas, capaz de despertar um descontrole controlado de emoções diferenciadas das vivenciadas na rotina diária (Elias, 2019).

Durante minha adolescência, nos mudamos para um bairro próximo do curral do Boi Caprichoso e eu também estudava em uma escola praticamente ao lado dele. Quando saía das aulas de Educação Física no fim da tarde, ia aos ensaios das coreografias do Boi azul com meus amigos da escola. Eu até tentava acompanhar e dançar, mas a timidez me impedia. Meus pais não sabiam que eu ia até lá, pois, sendo torcedores do boi Garantido, eu achava que eles ficariam chateados com minha presença em outra figuração diferente da qual eles me criaram e no mínimo eu ficaria de castigo...

Morei em Parintins até a véspera de completar meus 18 anos. Ao ingressar na universidade da capital do estado do Amazonas, a vontade de brincar de Boi cresceu e, qualquer folga que eu tivesse nos estudos e até mesmo se não tivesse, eu ia para casa, principalmente nos últimos dias de junho, fazendo loucuras (assim como todo amazonense que vivencia o Boi-Bumbá) para estar em Parintins. Nesse tempo, acabei trocando de curso...

Eu cursava Letras Língua Portuguesa desde 2005 e reprovei algumas disciplinas por causa das viagens que coincidiam com minhas provas finais. Mas tudo valia para estar perto do meu Boi. Sei de histórias de pessoas que perderam o emprego ou o casamento por viajar para o festival. No fim de 2008 prestei vestibular para Bacharelado em Educação Física com ênfase em Promoção da Saúde e Lazer e passei em primeiro lugar. No primeiro período da faculdade, ainda cometi a loucura de viajar para o Festival, mas consegui chegar em cima da hora para fazer uma prova final. Foi ali que decidi dar um tempo das viagens e ter mais comprometimento com minha graduação, pois como falam, tem Boi todo ano.

No segundo período da faculdade de Educação Física, tive a disciplina Fundamentos da Sociologia da Atividade Física que foi primordial para minha carreira acadêmica e de lá passei a trilhar o que eu queria para o futuro. O professor da disciplina nos apresentou Norbert Elias através de vários textos, em especial a capítulos do livro "A busca da excitação" que aborda o Lazer. Assim, compreendi minha incansável vontade de estar em junho em Parintins. Era lá que eu podia vivenciar emoções que eu não podia experimentar em outros lugares. Mesmo depois de concluída a disciplina, as conversas nos corredores com o professor não cessaram. Ao encontrar com o professor doutor Gláucio Campos, meu coorientador

nesta tese, sempre conversávamos sobre projetos, Elias e sugestão de leituras. Então, no penúltimo período da faculdade estávamos de novo estudando com ele, agora sobre Estudos do Lazer. Isso, conseqüentemente levou à minha inserção no campo do Lazer através da recreação em Hotéis, o que resultou no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Continuei estudando as obras do referido autor e, em meio às minhas experiências, com a lente de Elias, pude ir compreendendo as relações entre a teoria e as práticas socioculturais. Foi quando precisei pensar um projeto de pesquisa para concorrer ao mestrado, lembrei-me das conversas nos corredores com o professor onde ele falava que seria interessante pesquisar o Festival de Parintins, mas algo me dizia que aquele não era o momento, então segui com um projeto sobre Papagaio de Papel: Lazer de adultos em Manaus, também fruto de uma de nossas conversas pelos corredores. No dia da apresentação do projeto para a banca, uma professora exclamou “você é parintinense? Até que enfim uma parintinense que não vai pesquisar sobre Boi! Não aguento mais! Já esgotou!”. Naquele momento eu fiquei sem palavras, apresentei meu projeto, fui aprovada e em 2017 concluí meu mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Em seguida, passei a lecionar durante um ano como professora substituta na Universidade Federal do Amazonas na Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, mas eu seguia tentando entrar no doutorado. Nesse tempo, o Grupo de Pesquisa Processos Civilizadores na PanAmazônia (GPPCPAM/CNPq) se consolidou e foi registrado no Diretório de Grupos do CNPq. Nossas reuniões com o professor Gláucio eram quinzenais e muito produtivas, lá discutíamos com o grupo nossos projetos de pesquisa, temas atuais, líamos textos do Norbert Elias e até organizamos o primeiro Simpósio de Processos Civilizadores na PanAmazônia em 2018. O GPPCPAM contribuiu de forma significativa para eu pensar o meu projeto de doutorado e as palavras daquela professora na seleção do mestrado não saíram da minha cabeça e soaram-me como um incentivo a buscar minhas memórias e iniciar a escrita do esboço de projeto de tese. Afinal, onde já se viu uma pesquisadora parintinense que não pesquisa o Boi-Bumbá? E, ao contrário do que falam, muito ainda se tem para estudar sobre esse assunto.

Em 2018, o Boi-Bumbá de Parintins foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, tornando-se assim, Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, registrado como Complexo do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e

Parintins (IPHAN, 2018) por ser parte da cultura e identidade do povo parintinense. Seria esse mais um motivo para eu escrever sobre o Festival, afinal, ele como um patrimônio cultural mantém seus traços, mas, não é mais como era quando iniciou no início do século XX. Além disso, uma das preocupações durante o processo de tombamento era justamente sobre a constância dos traços de continuidade e efeitos de ruptura no Boi-Bumbá amazônico que mostra sua complexidade marcado por múltiplas relações de interdependência nas diferentes figurações. Será que a mudança é o que mantém viva uma tradição na sociedade?

Ao estar em Parintins para assistir ao Festival Folclórico de Parintins em 2018, não tive como não colocar minhas lentes de enxergar o mundo através da teoria de Norbert Elias. De modo que, quando lá estive, passei a observar e a lembrar de muita coisa que vivi e ouvi quando morava na cidade e a relacioná-los ao que o autor denominou Processo Civilizador.

Compreendemos aqui o Processo Civilizador, a partir dos estudos de Norbert Elias, como um percurso de aprendizagem involuntária que vem acontecendo desde os primórdios da espécie humana e segue em curso até agora, sem um fim aparente. Está ligado diretamente à autorregulação adquirida como meio de sobrevivência dos seres humanos, pois sem a mesma, seria impossível convivermos uns com os outros. Assim, a presença da regulação e autorregulação estão inseridas em nossas vidas e em tudo o que fazemos, nas nossas relações sociais, profissionais, familiares e também no lazer.

Quando meus avós diziam que estava tudo mudado, que no tempo deles que era bom, o mesmo é dito pelos meus pais, e já é dito por mim, pois tudo muda. Enquanto escrevo esta introdução, estamos em um processo que não volta. Não se trata de dizer se está melhor ou não, mas de reconhecer e entender por que motivo essas mudanças aconteceram tanto no festival, quanto na sociedade parintinense, e também na própria cidade em razão desta manifestação cultural.

Fundamentada na teoria de Norbert Elias, pude resgatar minhas memórias enquanto parintinense e, ao ler livros, teses, dissertações, pude perceber, com olhar de pesquisadora, que é patente afirmar que ambos os Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido passaram por diversas modificações ao longo do percurso histórico, social e cultural. Dos embates físicos entre os Bois nas ruas à manifestação simbólica, pacífica e admirável na arena, identificamos a autonomia dos indivíduos nesse processo, mas ações heterônomas também são percebidas,

fazendo com que diferentes figurações de pessoas adequem-se às regras sociais e também do Estado.

O termo heteronomia pode provocar estranhamento, já que as pessoas mesmo que interdependentes, acreditam que são autossuficientes e até mesmo que podem fazer o que quiserem e quando quiserem. Norbert Elias nos convida a uma reflexão sobre nossa autonomia relativa, onde a autorregulação e a coação externa, falando-se em processo civilizador, são responsáveis, na maioria das vezes, por nossas ações quando chegamos ao limite de nossa autonomia – relativa – a coação externa entra em cena ditando se o que ele faz é certo ou errado e se terá consequências. O autor em nenhum momento afirma que somos robotizados ou que só fazemos o que o outro manda, afinal, temos nosso livre arbítrio de fazermos o que quisermos, no entanto, mecanismos de controle estão presentes em nossas relações sociais e na sociedade em geral e, por serem instituídos em longo prazo, acabam passando despercebidos e nos dando a sensação de liberdade total, assim como o semáforo colocado em uma via pública que gerou transtorno até as pessoas naturalizarem passarem por lá ou também de terem a escolha de obedecê-lo ou não. Afinal, coisas que a gente não controla não anulam as nossas ações enquanto seres humanos. Por isso, trouxe esse termo para esta pesquisa para demonstrar que no Boi-Bumbá de Parintins as mudanças que aconteceram e acontecem fazem parte de um processo que é cego e sem direção, que no momento geraram certo incômodo para quem presenciou, hoje são tidas como naturais que nem imaginam que tenha sido de outro jeito ou como serão no futuro.

Além das mudanças no contexto do Boi-Bumbá, percebi o avanço do protagonismo do parintinense nas pesquisas sobre a temática. Até o fim dos anos 90, os bois-bumbás de Parintins tiveram sua história contada por *outsiders* (acadêmicos/pesquisadores de universidades fora da Amazônia) no intuito de “dar voz” com etnografias, fotografias, vídeos, que representavam um recorte do que era mostrado a eles. Não nego a importância desse movimento por ter trazido visibilidade à cidade e sua manifestação folclórica, mas por conter um viés colonizador, reconheço aqui a necessidade de uma ação contra-colonizadora para mostrar a importância de cada vez mais vermos produções saindo da comunidade parintinense.

O surgimento dos primeiros estudos científicos de parintinenses coincide com o acesso a partir de 1998 que os cidadãos parintinenses passaram a ter de

fazer um curso superior sem ter que sair de Parintins. Eu saí de Parintins por questões pessoais, pois já havia vários cursos na cidade, incluindo o curso de Letras, mas ainda lembro-me que até a minha entrada no ensino fundamental II – que na época correspondia à 6ª série – os meus professores, por exemplo, começavam a cursar o “Normal Superior” para terem uma formação de nível superior para poder ministrar aulas em sua disciplina de domínio, já que só tinham o antigo Magistério. Mesmo assim, a saída da cidade foi inevitável para continuação de seus estudos em uma pós-graduação. Anos mais tarde vão surgindo os primeiros mestres e doutores parintinenses ou amazonenses que se debruçam sobre o boi-bumbá e o festival, mas ainda em universidades fora do estado.

Com o passar dos anos e o crescimento da cidade e sua população, mais universidades e faculdades foram instaladas e com isso também aumentou o número de produções científicas, mas muitas ainda estão amparadas nas visões dos pesquisadores *outsiders* que construíram um referencial teórico, pois é isso que o fazer ciência no Brasil exige através da estrutura eurocêntrica das universidades, isto é, o empírico tem que ser justificado pelo científico e não o contrário. Nesta tese, meu esforço é convidar os intelectuais da cultura parintinenses e amazonenses para esta conversa sobre Boi-Bumbá com a ilustre fala dos entrevistados, alguns já conhecidos em pesquisas e outros surgindo agora para somar nessa história, afinal, temos voz e vez para falarmos desse lugar que conhecemos bem.

Em 2021 participei do projeto de “Hoje tem festa de boi – mapeamento das tradicionais disputas folclóricas bovinas em todo o estado do Amazonas”¹, iniciativa premiada na categoria Folclore e Cultura Popular, pelo Programa Cultura Criativa – 2020/ Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana do Governo do Estado do Amazonas, com Apoio do Governo Federal – Ministério do Turismo – Secretaria Especial da Cultura, Fundo Nacional de Cultura. Fiz parte do departamento de pesquisa que fez buscas por referências sobre o Boi-Bumbá e listou mais de duzentos produtos audiovisuais, produções literárias e acadêmicas entre teses e dissertações oriundas de universidades brasileiras, em programas de pós-graduação das áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Ao realizar uma busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Google Acadêmico, notamos que a produção de

¹ Na página <https://hojetemfestadeboi.com.br/?page_id=486> tem uma tabela com as produções levantadas sobre Boi-Bumbá no Amazonas.

trabalhos oriundos de diversas áreas de universidades brasileiras em programas de pós-graduação das áreas de Ciências Humanas e Sociais entre teses e dissertações.

Nos programas de Comunicação, por exemplo, podemos citar o trabalho de Cardoso (2018) abordando a questão de imprensa e gênero, de Dantas (2003) com a recepção das mensagens ecológicas, de Carvalho (1999) dedicando-se à semiótica, de Miranda (2019) sobre comunicação mercadológica e de Patrício (2007) com uma reportagem para além do dogma jornalístico contemplam o tema Boi-Bumbá de Parintins.

Nos programas de Letras e Linguística, por sua vez, o foco está no discurso de resistência em Jocemara Cardoso (2016), na composição das toadas dos Bois-Bumbás como o trabalho de Maria Celeste Cardoso (2013) e o trabalho de Dulcilândia Silva (2015) sobre a presença do léxico indígena.

O Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas possui trabalhos sobre a relação com o mercado capitalista de Nogueira (2002), sobre a espetacularização do imaginário amazônico de Nogueira (2013) e outro sobre a representação indígena no Festival Folclórico de Parintins de Silva (2017). Na mesma universidade, o Programa de Pós-Graduação em Serviço Social também tem apenas dois trabalhos que tratam sobre as condições de trabalho nesse contexto de Catalão (2014) e Weil (2014). Na mesma linha têm um trabalho do programa de Ciências do Ambiente que aborda o tema da agricultura relacionada ao Festival Folclórico de Parintins de Penha (2016).

O Boi-Bumbá de Parintins foi objeto na área da Administração para compreender a inserção do Festival no marketing cultural e a importância de um planejamento turístico nos trabalhos de Azevedo (2000) e Cardoso (2019). Na área do Turismo, por sua vez, encontra-se trabalho sobre gestão da qualidade dos serviços de Maciel (2015). Tem-se ainda um estudo sobre impactos socioambientais abordados na dissertação de França (2014) no Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. Já na área da Geografia, foram encontrados trabalhos voltados para o território, globalização, produção e rede urbana de Azevedo Filho (2013), Costa Junior (2011) e Neves (2007).

Na área da Educação, há teses e dissertações sobre o que é produzido nos galpões dos Bois-Bumbás e sua relação com a educação formal, sobre o modo de produção capitalista dos Bois-Bumbás de Elizandra Silva (2015), sobre o olhar

sociocultural e educacional do Festival Folclórico de Parintins na dissertação de Souza (2011), bem como sobre a festa do Boi-Bumbá como instrumento pedagógico abordados no trabalho de Dutra (2019) e, Oliveira (2018) abordando a questão das altas habilidades/superdotação nos artistas. Já na área de Artes, é possível encontrar o trabalho de Bentes (2018) sobre teatralidade, sobre performance e espetacularidade em Biriba (2005), sobre representação indígena e afirmação identitária em Nakanome (2017), Silva (2005) e Carvalho (2014) relacionadas aos Bois-Bumbás e ao Festival.

É possível encontrar nessas teses, dissertações, artigos e livros muito da história dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido e do próprio Festival, mas parece haver uma lacuna que relacione as mudanças que aconteceram a um processo histórico e social. Por isso, mais uma vez reitero a importância da teoria de Norbert Elias como lente para enxergarmos os processos civilizadores imbricados nas mudanças que ocorreram desde o início do Século XX até o momento.

Você leitor, percebe minha opção decolonial nesta tese, porém se questiona quanto o uso de um autor europeu que destaca o processo civilizador como o regulador das relações entre os seres humanos. O trio dos controles básicos (em relação à natureza, às relações sociais e autocontrole), ao contrário do que os europeus e muitos ainda podem afirmar, pode ser identificado antes, após e na convivência com os invasores/colonizadores de Pindorama (hoje Brasil) como apresentado por Matos (2023). Assim, considera-se o Processo Civilizador não como um modelo europeu de comportamento a seguir, mas como regulador de acordo com a sociedade que o aplica.

Mesmo sendo um recorte temporal extenso, entendemos que é um período lógico para se analisar um processo social que se refere “às transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de *figurações* formadas por seres humanos” (Elias, 2006, p. 27-8). Trazer Elias como marco teórico desta pesquisa nos auxilia no objetivo geral da pesquisa que é compreender como a heteronomia foi essencial para as mudanças do Boi-Bumbá que brincava nas ruas até seu protagonismo que hoje se destaca na cidade de Parintins enquanto Boi de Arena.

Este trabalho tem como objetivos específicos conhecer a origem e os duelos entre Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido enquanto um folguedo de rua (1913-1965); registrar as memórias das pessoas acerca do processo de inserção do

Boi-Bumbá de Parintins em um espaço controlado para as disputas (1966-1987); evidenciar como os mecanismos de controle presentes no Boi de arena influenciaram no usufruto do lazer (1988-1994); e analisar as mudanças no Boi-Bumbá de Parintins frente às exigências do Estado e da sociedade (1995-atual). Embora estejam divididos em grupos para fins didáticos, os indivíduos participaram ou participam de outras figurações ao longo dos anos por tratar-se de um processo em curso.

Para atingir os objetivos, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais sob o CAAE 52585021.9.0000.5149. Como método, utilizamos a História Oral (Alberti, 2005) a partir de 17 entrevistas semi-estruturadas com moradores de Parintins que participaram ou testemunharam algum acontecimento referente ao Boi-Bumbá desde as primeiras manifestações na cidade.

Ao adotar este método de pesquisa, buscamos assumir a postura de um pesquisador cambono (Simas, 2018, p. 38) que vivencia o campo e recusa “qualquer condição de conhecimento prévio que venha afetar os princípios que inferem mobilidade nas dinâmicas do saber”. Não se diz isso no sentido de negar a importância da empiria, da ciência ou do que já foi escrito, muito menos do que eu já tenho em minha memória sobre a história dos Bois, mas de possibilitar movimentos outros para o encantamento no cruzo, isto é, os conhecimentos produzidos não devem estar sobre posse de um único agente, como se ele fosse o dono da verdade, temos que enxergar que há movimento que resiste e reverbera na tradição, assim, não interferi nas histórias que os entrevistados me contaram com os fatos que eu já conhecia de outras histórias ouvidas.

Segundo Elias (1994, 1998) quando nos comunicamos através da linguagem, possibilitamos a partilha de conhecimento que são capazes de atravessar gerações através da língua oral ou escrita. Mesmo que essa linguagem nos leve a pensar que os “objetos” são estáticos, eles não são, estão em movimento sendo produzidos e reproduzidos na sociedade gerando transformações e histórias a serem contadas. Concordamos que “o processo de recordação de algum acontecimento ou alguma impressão varia de pessoa para pessoa, conforme a importância que se imprime a esse acontecimento no momento em que ocorre e no(s) momento(s) em que é recordado” (Alberti, 2005, p. 23).

A língua é um instrumento de comunicação importante para a formação das figurações através da transmissão de conhecimento de uma geração a outra, sem a qual “os seres humanos seriam incapazes de se orientar no seu mundo nem de se comunicar uns com os outros” (Elias, 2006, p. 25), assim, agrupam-se uns com os outros em razão de sua interdependência fundamental em figurações específicas que podem mudar, se transformar. Desta maneira, percebemos algumas das figurações formadas no contexto do Boi-Bumbá de Parintins no curso dos processos sociais que incluem as transformações de longa duração.

Consideramos importante entrevistar pessoas que vivenciaram diferentes períodos, pois já estamos indo para a quinta geração de pessoas que brincam de Boi, já que, de acordo com Elias (2018, p. 21) “certas transformações sociais só se podem efectuar – se é que se podem mesmo efectuar – quando houver um desenvolvimento que abarque várias gerações”, lutando em um processo de resistência na transição do antigo para o novo, o que levaria um período necessário de duas ou três gerações, no mínimo.

Sendo assim, considerou-se primordial abordar pessoas de maneira aleatória e encerrar quando houve a saturação das informações. Elas estão ou estiveram envolvidas em figurações específicas no Boi-Bumbá de Parintins:

- **Figuração de Boi de Rua (1913-1965):** 3 pessoas ou filhos de pessoas que vivenciaram esta época;
- **Figuração do Boi-Bumbá em um espaço controlado para disputa (1966-1987):** 4 pessoas que vivenciaram esta época em que o Boi-Bumbá passou a adotar a configuração de um Boi de Palco;
- **Figuração de Boi de Arena (1988-1994):** 5 pessoas envolvidas nos primeiros anos do Festival Folclórico de Parintins até o início da profissionalização do Boi-Bumbá;
- **Figuração de Boi de Arena (1995-atualidade):** 5 pessoas envolvidas nessa época.

Em decorrência da pandemia de COVID-19, ações como a ida a campo e a coleta de dados viram-se prejudicadas. Algumas pessoas que eu pretendia entrevistar faleceram vítimas do vírus, restando os relatos delas já em artigos, teses, livros e dissertações, gravados em arquivos como documentários disponíveis na internet. Mesmo assim, a história dos Bois de Parintins é constituída mais pela

memória do que por documentos escritos e, através da oralidade, é passada de geração para geração.

Entrei em contato com o Centro de Documentação e Memória (CEDEM) da Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso (ACBBC) que nos deu anuência para a pesquisa e fui convidada a conhecer o local. Fui até lá na primeira viagem em outubro de 2021, depois do período mais crítico da pandemia, já com duas doses da vacina e ainda usávamos máscaras. Fui recebida pelo professor Diego Omar Silveira que me apresentou o projeto que visa desenvolver ações de salvaguarda e preservação do patrimônio que é o Boi-Bumbá. O projeto é um dos contemplados com o Edital do Prêmio Feliciano Lana/Lei Aldir Blanc na Categoria Patrimônio Cultural e apresenta três frentes de trabalho: recepção, tratamento, digitalização e disponibilização de acervos pessoais de sócios, torcedores, brincantes (folião de Boi-Bumbá) e ex-dirigentes do Boi Caprichoso; a realização de um programa de História Oral, com entrevistas em vídeo do povo que fez a história do Boi Caprichoso e; a montagem de uma mostra permanente sobre a trajetória da brincadeira do Boi e Festival com foco na trajetória do Caprichoso. O material ainda não estava disponível na época em que visitei, mas ele compartilhou comigo alguns arquivos de livros, teses e dissertações digitalizados sobre a temática do Boi-Bumbá.

A Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido (AFBBG) também deu sua anuência através do presidente da associação. Fui também à Cidade Garantido, como é conhecido o curral do Boi-Bumbá Garantido, e lá fui recebida pela secretária do presidente da AFBBG que me apresentou as dependências do espaço como a sala de troféus e a sala da administração onde tem uma prateleira que ocupa uma parede com pastas arquivos contendo prestações de contas do Bumbá. Quanto a um local que guardasse a história ou a memória escrita, não havia.

Nessa visita à cidade, fui pela primeira vez ao Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro localizado dentro do Bumbódromo, um espaço para a cultura que oferece aulas de violão, teclado, coral, musicalização, capoeira, danças urbanas, dança de salão, teatro, noções de cinema e de fotografia etc. Lá pude visitar a Biblioteca e pesquisar sobre o Boi-Bumbá de Parintins, todavia, ali existem poucos livros sobre o tema. No entanto, estão disponíveis para visita os Memoriais dos Bumbás, sendo o Memorial Caprichoso do lado azul do Bumbódromo e o Memorial Garantido do lado vermelho. Cada espaço é distribuído em três salas que contam a

história oficial de cada Boi-Bumbá, com imagens de seus fundadores, indumentárias e vídeos.

Visitei ainda a Biblioteca Municipal Tonzinho Saunier onde busquei documentos e livros sobre a história de Parintins e do Boi-Bumbá. Mais uma vez me deparei com um acervo escasso, mas raro, com sua importância para compor minha tese. Foram dias de buscas, leituras e encontrei algumas informações que eu queria, mas ainda faltava mais, incluindo o primeiro Regulamento do Festival Folclórico de Parintins. Eu procurava por ele e pelos Códigos de Postura do Município para entender melhor como a sociedade parintinense tinha que se comportar no passado.

Para conseguir acesso às fichas policiais relacionadas às brigas de rua por causa dos Bois-Bumbás, fui até o 11º Batalhão de Polícia Militar de Parintins, mas, infelizmente, não encontrei os arquivos anteriores a 2015. Como os arquivos foram digitalizados, fui informada que muitos documentos foram descartados antes desse período. Mas pedi a estatística de ocorrências no mês de junho envolvendo torcedores dos Bois de 2015 até o último festival, realizado em 2019 e me enviaram alguns meses depois tudo tabulado. Em todos os lugares que passei, ninguém conseguiu me informar se tinham algum arquivo policial envolvendo o festival.

Para continuar a busca, fui até a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Parintins (Sectur-Parintins) e lá me informaram que quem era responsável pelo Festival Folclórico de Parintins era a Secretaria de Estado de Cultura do Amazonas (SEC) e qual talvez lá tivesse algo guardado sobre o Festival. Ao sair de lá, desapontada por não encontrar mais uma vez o que eu buscava, ao destrancar o cadeado da bicicleta, pronta para desistir, perguntei à minha mãe, que me acompanhava em mais uma jornada de pesquisa, onde ficava a prefeitura.

Fomos até lá. Quando estava estacionando a bicicleta, vi duas pessoas conversando na frente do prédio. Minha mãe disse: “vai que eu tranco a bicicleta!”, afinal, eu não podia perder tempo. Estavam duas pessoas muito influentes na figuração do Boi-Bumbá: um torcedor do Caprichoso e outro do Garantido. Cheguei até eles e me apresentei. O do Caprichoso me cumprimentou, pediu desculpas e saiu, pois estava com pressa para um compromisso.

Respirei e um filme passou em minha cabeça. Depois de semanas andando atrás da história do Festival, eu estava agora em frente a uma das pessoas diretamente envolvidas nas montagens das apresentações do Boi Garantido para o Festival Folclórico de Parintins: Zezinho Faria, idealizador e fundador da AFBBG.

Apresentei-me e pedi desculpas pela abordagem, mas ele foi muito receptivo. Falei que tinha conversado com seu irmão Paulino Faria sobre minha pesquisa e que o mesmo tinha me convidado para ir à sua casa que ele me contaria “a verdadeira história do festival”, mas infelizmente, ele foi uma das vítimas do COVID-19 em fevereiro de 2021, ele exclamou: “você sabia que todo acervo do Paulinho está comigo?”. De início, convidou-me para conhecer seu acervo de fotos desde a década de 1970 e apresentou-me à Larice Butel, coordenadora de um projeto junto à Câmara de Vereadores de Parintins que culminou na publicação de três volumes do livro “História e Memória Política do Município de Parintins”. Marcamos uma reunião com ela para nos conhecermos e conversamos sobre este projeto de pesquisa e sobre o Festival.

Diferentemente dos outros dias que cheguei em casa desapontada por não ter encontrado o que eu queria, desta vez cheguei com as ideias renovadas e vendo meu problema de outra perspectiva. Ao ouvir minha mãe dizendo que não encontramos nada nos outros dias, refleti sobre como é a pesquisa. Entendi, enfim, que o que eu não encontrei, foi sim um grande achado e que isso estará aqui. Talvez seja a busca de outros pesquisadores no mesmo caminho que eu.

Reunimos-nos em um jantar regado a um delicioso pirarucu a casaca, prato típico da região, e conversamos por horas sobre o Boi-Bumbá e muitas ideias iam surgindo na minha cabeça, anotei cada palavra dita por eles. Expliquei meu projeto, mas sem muitos detalhes, somente a ideia principal. Eles me indicaram pessoas para eu entrevistar, que segundo eles, contribuiriam muito na minha pesquisa. Foram semanas muito produtivas.

Em 2022 prometiam ter o maior Festival de todos os tempos, afinal, a cidade ficou sem realizar em 2020 e 2021 as disputas por causa da pandemia, gerando um impacto econômico sem precedentes. Voltei a Parintins em maio de 2022, época em que a cidade começava a respirar novamente os ares bovinos, já mais relaxados das restrições. Comecei a articular com as pessoas com as quais eu iria conversar.

A primeira abordagem é sempre mais difícil, ainda mais nessa época que antecede a festa principal dos Bois, onde todos que estão diretamente envolvidos com o Festival andam muito ocupados, sem tempo para parar e conversar. Mas, aos poucos, fui entendendo que a formalidade da pesquisa poderia se tornar uma conversa mais aberta e no contexto do momento. A ideia inicial era abordar as

pessoas que seriam entrevistadas e perguntar-lhes se aceitavam me conceder uma entrevista. A maioria das respostas iniciais era: “agora não, estou muito ocupado (a)” e para não perder a viagem, tive a ideia de perguntar qual o melhor horário e lugar para a gente conversar um pouco sobre Boi, aí eles marcavam o dia, a hora e o local para nosso encontro. Além da dificuldade em conseguir agendar as entrevistas por causa de seus compromissos pré-festival, ainda teve a questão do uso de máscaras e o distanciamento social dos entrevistados, mas eu deixei o gravador bem perto deles para registrar as respostas.

Assumi uma postura distanciada de pesquisadora, esforçando-me ao máximo para não revelar minha figuração enquanto torcedora. A todas as entrevistas eu fui com roupas neutras (ou seja, cores diferentes de azul ou vermelho), revelando minha figuração apenas sob muita insistência no fim da entrevista, de modo a não interferir nas respostas deles.

Antes de iniciar as entrevistas, foram informados sobre a natureza e objetivos da pesquisa, e da garantia de sigilo e anonimato onde somente uma pessoa decidiu não se identificar, pedindo para usar seu segundo nome. Mesmo assim, decidimos que não revelaríamos os nomes completos dos entrevistados de modo a não interferir no julgamento do leitor e adotar apenas o primeiro nome. Ao concordarem com sua participação na pesquisa e suas condições, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Foi assim que realizei 17 entrevistas entre pessoas de mais diferentes esferas do cenário parintinense.

Tímida, eu precisava de um “empurrão” para começar. Não fazia sentido naquele momento eu ficar parada no meio da rua esperando a primeira pessoa passar na minha frente e pará-la para conversar. Então, peguei a bicicleta com minha mãe e fomos dar uma volta na cidade. E ela disse para darmos uma volta lá pela Baixa (região da cidade onde fica localizado o antigo curral do Boi Garantido). O som alto de uma rádio comunitária anunciava a próxima música e me chamou a atenção, então percebi que a narração vinha de dentro do curral antigo. Lá tinha uma mesa de som onde um homem, descendente do fundador do Boi Garantido, era quem comandava. Aproximei-me e perguntei seu nome; era o senhor Ronildo, neto de Lindolfo Monte Verde, teólogo, fotógrafo, ex-presidente do Boi Garantido e atualmente faz parte da direção administrativa da Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido. Conversamos e decidimos iniciar a entrevista, mas a demanda da

Associação interrompeu a entrevista, e teve que ser marcada para outro dia. Neste mesmo dia, passou pelo local a filha do fundador do Garantido, dona Maria do Carmo, e ela aceitou conversar comigo na manhã do dia seguinte. Na espera para a entrevista de dona Maria, como é conhecida, encontrei outro potencial informante para minha pesquisa, um membro da batucada do Garantido, neto do fundador e agricultor Jucimar, conhecido como Rheck, e o entrevistei.

Como havia entrevistado três pessoas declaradamente torcedoras do boi Garantido, fui à procura de torcedores do boi Caprichoso. Lembrei-me de uma amiga da família que trabalhou no boi-bumbá nos anos 90 e agendei para conversarmos. Maria Betânia, atualmente é torcedora do boi azul, esposa de um torcedor do boi vermelho, ela trabalhou para o Movimento Amigos do Garantido - MAG em Manaus quando o boi começava a ultrapassar as fronteiras de Parintins, mas passou a torcer para o boi Caprichoso quando voltou a morar em Parintins. Ao terminarmos a entrevista, resolvi ir até o curral do boi Caprichoso e lá encontrei várias pessoas, entre elas, a Coordenadora de Eventos do Boi, Benedita e conversamos. Ao sair de lá, fui à casa de uma amiga da família e aproveitei para fazer mais uma entrevista com o filho dela. Evandro Junior é professor e bisneto de um dos fundadores do Boi Caprichoso, o Roque Cid, e ele me contou a importância dessa ligação com o Boi.

Com cinco entrevistados, a pesquisa ia ganhando forma, os dados iam chegando. E, pelas entrevistas, fui encaminhada a possíveis pessoas com que eu poderia conversar. Alguém me disse que seria interessante entrevistar o Rob Barbosa, presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Parintins, e fui até lá. Rob é arte-educador, artista plástico e esteve/está presente no cenário da arte parintinense voltada para o Festival.

Como eu já havia entrevistado duas gerações da família Monte Verde, decidi entrevistar mais uma geração. Encontrei Susan, bisneta do fundador, professora, pesquisadora e membro atuante da família Monte Verde, e já foi presidente da Associação da família.

Eu estava buscando alguém muito religioso para entrevistar, no entanto, as pessoas que encontrei não aceitaram conversar por questões religiosas, mostrando que ainda há resistência de alguns parintinenses em relação à cultura do Boi-Bumbá como algo profano. Foi então que pensei em meu padrinho de batismo, Júlio César. Ele é católico, sacristão da igreja católica do bairro em que mora. Nos meses que antecedem o festival, ele chama a atenção de quem passa por sua casa

pela decoração em vermelho do Boi Garantido, mas ele torce para o Boi Caprichoso. Inclusive enfeita a frente de sua casa com bandeiras vermelhas vestindo as cores do seu Boi azul. Fiquei curiosa para saber um pouco mais sobre essa “rivalidade” vivenciada dentro de sua casa.

Entrevistei ainda Taís, doutora em química, empreendedora e torcedora do Boi Caprichoso que recentemente fez parte de uma página de notícias e humor sobre o Festival de Parintins e iniciou outra página para falar de “Boi” em uma rede social. Seguindo, conversei com Mário, aposentado, integrante da batucada do Boi Garantido, acompanha o Boi em tudo quando pode.

Por seus relatos que sempre me chamaram muita atenção e pelo fato de ser um imigrante nordestino chegado em Parintins na década de 70, entrevistei Raimundo, professor aposentado e comerciante que também esteve envolvido na brincadeira do Boi-Bumbá Campineiro. Conversei também com o responsável pela escultura do Boi Caprichoso demarcando o território no Centro da cidade, Cláudio tem uma loja com sua esposa onde fabrica e vende artesanatos e denomina-se sócio-fundador de seu Boi.

Entrevistei ainda o senhor Acinécio, aposentado, padrinho e sócio-fundador do Boi Caprichoso e a senhora Odinéa, professora aposentada, historiadora, escritora e que também é madrinha do Boi Caprichoso. Entrevistei também Zezinho, com quem eu tinha conversado muito na primeira visita a Parintins e também tinha muito a contribuir na pesquisa por estar envolvido diretamente na criação do primeiro regulamento do Festival e das primeiras edições com regras mais evidenciadas.

E, para encerrar, pois as entrevistas já estavam chegando ao nível de saturação de dados, entrevistei a professora universitária e membro da Comissão de Arte do Boi Garantido, Cristina. Por fim, incluo-me como parte da pesquisa em um exercício mnemônico, pois tenho muitas lembranças enquanto estabelecida na cidade de Parintins e de mais algumas décadas até hoje acompanhando de longe, o que tornariam essa introdução demasiadamente longa. Ainda mais porque, ao conversar com os entrevistados, percebi que muitas das minhas experiências e memórias se cruzavam com as deles, cabendo levar-me para dentro da pesquisa não somente como pesquisadora/expectadora, mas alguém que vivenciou e vivencia parte do processo. Por isso, em alguns parágrafos escrevo na primeira pessoa do singular para sinalizar meu percurso pessoal e acadêmico, mas a escrita na primeira

pessoa do plural também estará presente, sinalizando a produção em conjunto com meu orientador e coorientador, com os autores consultados e com os entrevistados.

A partir dessa introdução, podemos dividir o Boi-Bumbá em dois momentos: “o boi que brincava nas ruas, em frente das casas e nos quintais; e o boi participando do Festival Folclórico de Parintins, hoje um megaespetáculo na arena do Bumbódromo” (Vieira Filho, 2002, p. 27). De acordo com essa divisão e a classificação do IPHAN (2018), desenvolvemos o presente trabalho em quatro sessões ancoradas nos objetivos específicos.

Na primeira sessão, intitulada “Anunciei Boi na Cidade: A figuração do Boi de Terreiro” destacamos algumas versões de como surgiram os bois-bumbás Caprichoso e Garantido na sociedade parintinense no início do Século XX e como era sua apresentação nos terreiros, segundo os entrevistados. Na segunda sessão “Lá vem meu boi pelas ruas de Parintins: A figuração do Boi de Rua”, apesar de estar separada da primeira sessão, elas se complementam, pois Boi de Rua é um cortejo dos Bois para brincar nos terreiros das casas onde eram convidados. Nesta figuração daremos ênfase à rivalidade que se instalava nas ruas onde os Bois se encontravam e os mecanismos de controle na época.

Para o Boi de Palco/Arena, na terceira sessão, abordamos o início da institucionalização do Boi-Bumbá de Parintins, quando os bois começam a se apresentar em quadras e clubes em meados da década de 1960 e quando eles passam para um ambiente controlado dentro do Festival Folclórico de Parintins na forma de disputa, ressaltando ainda a inserção do regulamento na competição entre os Bois. Nela também evidenciamos os mecanismos de controle presentes no Boi de Arena e as mudanças no Boi-Bumbá de Parintins frente às exigências do Estado e da sociedade. É de se destacar que por se tratar de um processo em curso, vivo, podemos observar os mecanismos de controle em todas as figurações apresentadas.

Desse modo, esta pesquisa sustenta a tese de que a heteronomia é um dos fatores responsáveis pela preservação de tradições socioculturais, a exemplo do Boi-Bumbá de Parintins, que através da institucionalização encontrou uma solução para atender ao desenvolvimento da sociedade, realizando ajustes advindos do Estado e do capital, com impacto regional e socioambiental.

1 ANUNCIEI BOI NA CIDADE: A FIGURAÇÃO DO BOI DE TERREIRO



*Vem balançar no terreiro
Venha comigo brincar
Já reuni meus vaqueiros
É festa de boi-bumbá
Vem, chegou a marujada,
Minha maior tradição,
Venha pra ver meu povo cantando
a toada,
Mil bandeiras e fogos na quadra,
E as vibrantes palminhas na mão
(Ariosto Braga)*



*Acorda morena bela, vem ver,
O meu boi, serenando no terreiro,
É assim mesmo, que ele faz lá na fazenda,
Quando ele avista o vaqueiro.
É assim mesmo, que ele faz lá na fazenda,
Quando ele avista o vaqueiro.
(Lindolfo Monteverde²)*

A figuração do Boi de Terreiro foi reconhecida em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) através do tombamento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins. É nos terreiros assim como nas ruas e em outros contextos que as relações entre as pessoas – figurações – são colocadas em evidência. Segundo Norbert Elias,

[...] apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros. O modelo de sua vida conjunta em grupos grandes e pequenos é, de certa maneira, singular e sempre co-determinado pela transmissão de conhecimento de uma geração a outra, portanto por meio do ingresso do singular no mundo simbólico específico de uma figuração já existente de seres humanos (Elias, 2006, p. 25).

As pessoas “constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como família, escolas, cidades, estratos sociais ou estados” (Elias, 2018, p.15). Desse modo,

Os seres humanos, em virtude de sua interdependência fundamental, uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas. Diferentemente das configurações de outros seres vivos, essas figurações não são fixadas nem com relação ao gênero humano, nem biologicamente (Elias, 2006, p. 26).

Em Parintins, entre as mais variadas figurações de pessoas, existem a figuração dos torcedores do Boi Caprichoso e a figuração do Boi Garantido, por

² O nome Monte Verde pode ser encontrado na literatura escrito junto (“Monteverde” ou “MonteVerde”), no entanto na obra de Monte Verde (2003) é grafado separado. Ao entrevistar a filha de Lindolfo, ela esclarece a escrita de seu nome separado justificando que “quando a gente vai tirar, eles não exigem nada, não é? Quando eu fui, tirei o meu era separado porque agora o de muita gente, de meus netos, sobrinhos já é junto...” (Maria do Carmo, entrevistada em 2022).

exemplo, e dentro delas, são formadas outras figurações. Assim, as pessoas vão se ligando a outras pessoas e formando figurações de torcedores, de artesãos, de dançarinos, de dirigentes, unidos em torno de um objetivo comum: o Boi-Bumbá, podendo, inclusive, ter uma autonomia relativa para entrar ou sair de uma figuração.

O que eu vejo é mais em relação aos artistas, não é? Eles trocam muito de boi e antes era uma questão muito além de financeira. Parecia ser de envolvimento com aquela agremiação. O pessoal gostava do Garantido e não sairia dele por nenhum valor, hoje não. Hoje eles trocam de facilmente e uma coisa que eu acho ruim também é a questão feminina, as mulheres. Isso, de trocar de boi, é facultado aos homens, não as mulheres, quando vem item feminino que já tentou no Garantido uma rainha do folclore 2018, ela era do Caprichoso, da escola e foi selecionada pro Garantido. E assim a torcida ficou muito irada. A ponto dela sair, então aos itens femininos eles têm essa, eu sinto, não sei se é um preconceito ou machismo, que é como se tu fosse o item feminino, sinhazinha, tu não pode ser sinhazinha de um outro, mas no caso do Davi, já foi levantador de um e vai para o outro, e isso aconteceria com o tripa, com pajé, mas com as mulheres isso não acontece. As torcidas rejeitam, então, eu acho que esse é um fato que mudou em termos dessa possibilidade de ir para uma agremiação outra, mas por pelos homens, para as mulheres, não é permitido (Cristina, entrevistada em 2022).

[...] no Caprichoso eles não dependem muito do boi em si, até a pessoa que já trabalha lá... muda presidente mas eles continuam lá trabalhando. Se você foi ver, a Dora tá lá no boi, vai no galpão e é aquele mesmo pessoal... no Garantido não. Saiu presidente, ele coloca o pessoal dele, aí já é outro porteiro, já é outro não sei quem... eles mexem muito com isso; aí tu já saiu de lá, coloca o boi na junta...aí é 'esse daqui não presta, bom era o fulano'. Aí o cara sai do boi porque não achou o contrato, não sei o quê... aí vão pro outro boi, muda de boi. Se tu fores ver, dificilmente um cara do Caprichoso vai pro Garantido, mas do Garantido, acabou, ele vem embora... (Evandro Jr, entrevistado em 2022).

Olhamos então para o passado, onde as figurações do Boi-Bumbá Caprichoso e do Boi-Bumbá Garantido começaram a se formar, no início do século XIX. Desde então, pessoas tem se agrupado com outras para torcer pelo boi de sua preferência. Quem poderia imaginar um dia, à beira de uma fogueira, em um terreiro, que um Boi de pano pudesse reunir milhares de pessoas que dedicariam sentimentos a ele não só nos momentos de lazer mas também em outras esferas de sua vida?

1.1 Raízes do Boi-Bumbá parintinense

Tonzinho Saunier (2003) considera que o folclore de Parintins iniciou com os primeiros habitantes da ilha de Parintins, os povos sapopés, maués, mundurucus, parintins, parintintins, paravianas, tupinambás, uapixanas, paraueris e paravianas. Os primeiros registros sobre o Boi-Bumbá no Amazonas estão nos relatos de Robert

Cristian Avé-Lallemant em 1859 quando viajou pelo Rio Amazonas. Avé-Lallemant destacou a festa como um “cortejo pagão” dentro de uma “festa católica” em honra a São Pedro e São Paulo (Cavalcanti, 2000; Monteiro, 2004; Saunier, 2003).

Segundo Monteiro (2004) o Boi-Bumbá veio para a Amazônia no século XVII com as missões jesuíticas, sofrendo influência de imigrantes nordestinos do ciclo da borracha (Assunção, 2008; Saunier, 2003; Tenório, 2016; Tocantins, 2000). Nessa época, Parintins recebeu milhares de imigrantes nordestinos, sendo sua presença marcante na Amazônia, sobretudo culturalmente. No entanto, Gomes (2005) assegura que por volta de 1700, já se encontrava espalhada pela Amazônia a população negra e africana. Essa população era consequência também do tráfico de pessoas para a escravidão, mesmo que com pouco significado econômico, infelizmente também existiu na região.

Monte Verde (2003) afirma que aconteceram no século passado várias expedições provenientes da Costa da África. Dona Germana, avó de Lindolfo, criador do Boi Garantido, era ex-escravizada e seus pais descendentes de Cabo Verde na África. Ela chegou a Parintins por volta de 1820 e casou-se com Alexandre Monte Verde da Silva, tendo em 1845 uma filha chamada Alexandrina Monte Verde da Silva que se casou com Marcelo com o qual tiveram seu único filho Lindolfo Marinho da Silva em 1902. Suzan nos conta que

Existe o boi espetáculo e existe o boi de terreiro. O boi de terreiro foi onde eu fui criada. Esses mecanismos: curral, festa, festival, espetáculo... na nossa comunidade não existe. Na nossa comunidade era brincadeira de terreiro, terreiro da Dona Xanda, que era a mãe do Lindolfo, existiam outros tipos de manifestações, existia o Guará, existiam as pastorinhas, então a comunidade se reunia em torno de atividades folclóricas, então era a festa do pobre que aí a gente pode fazer uma ligação com o Carnaval quando a gente fala lá do Da Matta no livro dele "Carnavais, Malandros e heróis", né? O pobre, ele se transveste no boi-bumbá, então nós não tínhamos as festas dos brancos – das pessoas que tinham poder aquisitivo – então os pobres, eles começaram a fazer as suas festas e aí tem toda uma ligação que a comunidade da baixa tem com o negro. A mãe do Lindolfo, a Xanda, ela era uma escrava. Eu não tive contato com eles, mas minha mãe conta que ela tinha vergonha de mostrar a ferradura que ela tinha nas costas. Então, essa ligação com o terreiro, com a escravidão, fez com que aquela fortaleza de comunidade sempre fosse ligado muito a dança, a tambores, as festas, o nome do Lindolfo não é Lindolfo Monte Verde, o nome dele é Lindolfo Marinho da Silva. E aí, por pesquisas, já no meu intuito jornalístico, Marinho, a família Marinho, em Parintins, é toda a família de raiz de Quilombo, que hoje se encontra no Quilombo de Barreirinha. Então todo mundo tem a mesma face, o rostinho redondo, o olho pequeno, e aí já se transmuta, no decorrer das épocas. (entrevistada em 2022).

Quando a festa do Boi-Bumbá de Parintins estava em seu começo, ela seguia um formato diferente do que é atualmente, exaltava a lua, a natureza as estrelas, a morena... Foi somente nos meados dos anos 80 foi introduzida a temática indígena (Carvalho, 2014). Atualmente, vincula-se o boi às raízes culturais advindas de influências do povo afro-indígena, resultante da miscigenação cultural. Desta maneira, não se pode negar a ancestralidade do povo parintinense.

Como afirma Santos, conhecido como Nego Bispo, as manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são diferentes das manifestações dos povos monoteístas, caracterizadas por uma disposição mais linear para adorar aos seus. Podemos então compreender o Boi-Bumbá nos moldes de uma manifestação cultural de cunho politeísta, uma festa organizada

geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade) (Santos, 2015, p. 41-42).

Não se pode continuar a negar nem a apagar o protagonismo do negro na Amazônia e sua contribuição para a formação do povo amazônida, com suas culturas e saberes, sendo importante seu resgate para que todos possam entender que “as coisas não surgem do nada: quer se dizer que o reconhecimento desta população como tipo amazônico ajuda a dar protagonismo de direito para todos os ambientes em que eles e elas estiveram e ajudaram a construir” (Nakanome, 2019, p.373). Afinal, não foram somente os nordestinos do sertão que “trouxeram sua força, sua fé, sua poesia, suas danças e seus cantos que, juntando-se às ricas tradições indígenas” (Valentin, 2005, p. 89) para formar a cultura cabocla.

1.2 O terreiro

Podemos pensar a palavra “terreiro” para além de seu significado na língua portuguesa. Da herança das sabedorias e das práticas culturais africanas, a palavra terreiro é comumente usada para designar um lugar descampado no quintal ou na frente das casas. Terreiro pode ser visto, sobretudo, sob a ótica da perspectiva encantada, onde ele se inventa “a partir do tempo/espço praticado,

ritualizado pelos saberes e as suas respectivas performances” (Simas, 2018, p. 42) que vai além de sua dimensão física, assim, todo lugar pode ser transformado em terreiro, mesmo não tendo um espaço físico.

Em questão de território físico ou cultural, o bumbódromo também pode ser um terreiro onde os bois encantam o mundo todo com seu espetáculo. Quem já foi alguma vez a um terreiro de religião de matriz africana ou indígena, pode aproximar o Boi-Bumbá de Parintins ao rito muito característico das religiões de matriz afro-indígenas na chegada do Boi ou de seus itens para a evolução, tal como é descrito por Nigri (2014) e Sousa (2021) em seus trabalhos.

Em analogia, qualquer espaço físico em que o Boi se faz presente, tocam os tambores e uma roda formada por pessoas se abre para ver o Boi-Bumbá evoluir. Assim acontece na chegada de outro item como a Cunhã-Poranga, por exemplo, onde todos cantam e dançam para ver a chegada da mulher mais bela “da tribo”, e quando ela chega, todos apreciam sua evolução. Analisando desse ponto de vista, a presença de influências africanas em ambos os Bois não estaria somente na presença das figuras de Pai Francisco e Catirina no auto-do-boi (invisibilizadas por não serem itens oficiais a pontuar no regulamento do Festival) ou na figura de seus fundadores de origem negra/nordestina que teriam se inspirado no Bumba-meu-boi do Maranhão “nascido de negros escravos, mamelucos, mestiços, gente pobre, agregados de engenhos e fazendas, trabalhadores da roça e pequenos ofícios das cidades interioranas, por volta das últimas décadas do século XVIII” (Viana, 2019, p. 166).

De acordo com Silva e Ferreira (2015, p. 1062) “a festa, a dança, a música, girando em torno do hoje majestoso festival, tem no seu bojo a influência das matrizes africanas”, mas isso ainda é pouco abordado na literatura acadêmica sobre o Festival. Talvez se deva por causas religiosas. O que se justifica pelo fato da cidade de Parintins, como a maioria das cidades brasileiras, ter sido colonizada por invasores europeus que impuseram o cristianismo no território, fazendo com que indígenas, negros e seus descendentes convertessem-se à religião católica ou protestante, afastando-se de suas práticas religiosas ou criando sincretismos.

Com relação às tensões que ocorrem nas sociedades sob a figuração de estabelecidos-*outsiders* (Elias; Scotson, 2000, p.19) “podemos observar que os membros dos grupos mais poderosos do que outros grupos interdependentes se pensam a si mesmos (se autorrepresentam) como humanamente superiores”. As

religiões não hegemônicas estariam, em relação à hegemônica, na condição de *outsiders*, impedidas ou julgadas por vivenciar sua fé. Assim, no sincretismo surgido ainda com os escravizados, muitos quilombos adotaram o catolicismo como religião cultuando seus santos.

Vale ressaltar que a religião “nunca teve em si um efeito ‘civilizador’ ou de controle das emoções” (Elias, 1994a, p. 198), mas ela é tão civilizada quanto a sociedade que a sustenta, representando o nível de controle de determinada época. Vendo do curso onde o processo civilizador se encontra hoje, julgamos como inaceitáveis muitas das ações dos colonizadores e da igreja, mas ela representava a sociedade daquela época. Por se tratar de uma figuração de pessoas, à medida que a sociedade vai se tornando mais diferenciada, um grupo de pessoas vai assumindo um caráter hierárquico de poder, enquanto outros se tornam excluídos (Elias; Scotson, 2000). Nessa relação de estabelecidos-*outsiders*, as pessoas religiosas de uma vertente hegemônica acreditam serem superiores às demais religiões, ao passo de negar a participação dos *outsiders* no seu próprio carisma grupal.

Atualmente vemos a igreja assumindo outros discursos para conscientizar seus fiéis sobre o respeito a vários assuntos que no passado nem eram comentados pelas igrejas como aborto, homofobia, combate à intolerância religiosa etc. Vemos um passado marcado por ações colonizadoras que feriram os direitos de muitas pessoas com relação à sua cultura, entre elas o direito a práticas corporais como a dança/luta capoeira e a própria religião, seja ela de matriz indígena, africana ou outras consideradas do lado do “bem”. Se hoje julgamos estar um passo a frente de nossos antepassados, no futuro, alguém também nos julgará como ultrapassados em nossas ações de hoje, ou seja, a estrutura emocional, ou seja, a sensibilidade a certas questões de cada época é diferente uma da outra.

Há aldeias indígenas inteiras católicas ou protestantes, assim como há quilombos formados por descendentes de negros que são católicos fervorosos. Em algum momento, o invasor impôs a sua fé como única forma de salvação. Se isso foi bom ou ruim, não podemos afirmar, somente poderia quem vivenciou... Atentando para o sincretismo religioso de santos católicos com Orixás do Candomblé, por exemplo, como São Benedito (*Ossain*), São Sebastião (*Oxóssi*), São João Batista (*Xangô*) etc. que são cultuados em religiões de matriz africana e, muitas vezes, tem sua ancestralidade apagada. No entanto, o sincretismo “protagonizado por negros e negras segue em seu modo afro-brasileiro e sobrevive em nossa culinária (“comidas

de santo”), em atos religiosos (“catolicismo popular”), na musicalidade, no vocabulário” (Nakanome, 2019, p. 372) e no Boi-Bumbá de Parintins que nasceu de promessa a santos católicos em redutos de descendentes afro-indígenas que na atualidade vem enfrentando um processo de reconexão e retomada de sua verdadeira identidade e fé sem medo ou vergonha.

Nas primeiras edições do Festival Folclórico de Parintins, na década de 1965 em diante, a igreja católica era responsável pela organização visando com os lucros o término da construção da torre da Catedral do Nossa Senhora do Carmo, anos mais tarde, ao se desvincular, os Bois de Parintins passaram a ter uma conotação negativa figurada em uma festa profana, mesmo mantendo sua devoção a santos católicos como Nossa Senhora do Carmo, São João, São Pedro, São José, São Benedito e Santa Clara. Décadas mais tarde, já nos anos 2000, o bispo da cidade, Dom Giuliano Frigeni iria pessoalmente ao palco do espetáculo assistir às apresentações dos Bois, assim como as igrejas evangélicas faziam distribuição de água para os torcedores que aguardavam nas filas para entrar no bumbódromo.

A realidade é que o Boi-Bumbá de Parintins é o que se chama de cultura híbrida onde a palavra hibridação é definida como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinaram para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (Canclini, 2015, p. XIX) e nem essas práticas discretas podem ser consideradas puras, mas sim multiculturais.

O processo de hibridização ocorre de maneira não planejada ou até mesmo é resultado de processos migratórios, turístico e de intercâmbio econômico ou comunicacional, por exemplo, misturando os hábitos, crenças e formas de pensamentos europeus com os originários das Américas. Desta forma, não se pode negar a influência de diferentes povos e religiões na brincadeira do Boi-Bumbá de Parintins e também a presença colonizadora durante esse processo através da normatização e moldagem da festa até o presente momento.

1.3 O surgimento dos Bois-Bumbás Caprichoso e Garantido em Parintins

O ano de 1913 tornou-se marcante pelo ápice da exportação da borracha e pela história do surgimento dos Bois-Bumbás de Parintins: Caprichoso e Garantido. A rivalidade entre ambos está presente até nos mitos de sua criação.

Como não se tem a certeza que quem “surgiu” primeiro na cidade, a figuração Caprichoso se coloca na posição de estabelecidos e deprecia o boi contrário (é assim que uma torcida chama o outro Boi. Sem pronunciar o nome dele) e, também a figuração Garantido se coloca nesse lugar, considerando-se superior ao outro. Assim, a competição sempre foi acirrada na disputa de qual Boi-Bumbá teria sido “criado” primeiro, quem o teria criado e também várias datas até hoje rondam o imaginário popular sobre o ano de criação.

Na figuração estabelecidos-*outsiders*, há uma tendência dos mais antigos se autoconsiderarem superiores aos mais novos, nessa relação de interdependência, se reconhece a importância de ter o outro boi para que seja o mais antigo, colocando o mais novo na figura de recém-chegado, logo, na posição de inferioridade, excluindo os membros do outro grupo (Elias; Scotson, 2000).

Como cada um conta a história que viu e também omite ou aumenta alguns fatos, essa noção de estabelecidos e *outsiders* tal como abordada por Elias e Scotson (2000), pode ter sido fruto da fofoca. A fofoca “não é um fenômeno independente. O que é digno dele depende das normas comunitárias e crenças coletivas e das relações comunitárias” (Elias; Scotson, 2000, p. 121). Os autores chamam a atenção de que tanto a fofoca depreciativa quanto a fofoca elogiosa fazem parte da estrutura social de uma comunidade e são como força motriz para manter moinhos em funcionamento, assim, uma fofoca é posta para circular e quando ela começa a perder seu efeito, outra é solta para circular, sempre sobre terceiros. Geralmente as fofocas são transmitidas por duas pessoas ou mais para as outras pessoas do grupo, um verdadeiro complexo de centro de intriga que se espalha em uma velocidade considerável na comunidade.

As fofocas depreciativas geralmente são referentes a pessoas de fora (*outsiders*) e as fofocas elogiosas são para trazer fama para o próprio produtor da fofoca ou para seu grupo de estabelecidos e tem um alto valor de entretenimento. Logo, em uma cidade do interior do Estado do Amazonas, onde na época se costumava sentar-se na frente de suas casas, ir à igreja, reunir-se com os amigos, por que não dizer que fofocar era um dos lazeres que lhes trazia fortes emoções?

Por se tratar de um interesse coletivo, o complexo do Boi-Bumbá sempre gerou muito interesse por parte das pessoas e isso ressoa até hoje, porque mesmo passando a época do Boi-Bumbá (maio a junho/julho), as pessoas continuam com fofocas depreciativas ou elogiosas em torno dos Bumbás e de seus itens,

alimentando o moinho. Uma delas é sobre a criação de Caprichoso e Garantido em Parintins.

Existiam outras festividades que faziam parte do lazer do parintinense no início do Século XX, entre elas: pastorinhas, danças de pássaros, bumba-meu-boi e até mesmo Boi-Bumbá. Douradinho foi o primeiro a dançar em Parintins (Dutra, 2005). Segundo o autor “até os idos de 1915, Douradinho e Boi-do-Piauí/ Brincavam alegremente/ Sem ofensa, sem agredir./ Ainda não havia contrário,/ Havia festa para divertir” (2005, p.55).

Ele afirma ainda que o Boi Garantido surgiu em maio de 1919, após uma promessa a São João, São Pedro e São Marçal feita pelo senhor Lindolfo Monte Verde para que nada acontecesse com ele e nem fosse convocado à linha de frente da guerra, em agradecimento colocaria o nome do boi de Garantido (couro branco) por tudo que os santos lhe garantiram. Seus amigos também resolveram colocar um boi para brincar e foi chamado Pai-do-Campo (couro marrom), que segundo Tenório (2016), não passou de umas poucas noitadas ou até mesmo de uma noite. Já Dutra (2005) nos diz que Pai-do-Campo brincou de 1919 a 1921, onde Lindolfo e João Marçal, criador do boi, se desafiavam, mas eram amigos. Quando foi a vez de João Marçal Mendes ir para Manaus servir ao Exército, o boi ficou sem dono e resolveram trocar seu nome para Boi Galante. Em junho de 1922 o Boi Galante saiu nas ruas de Parintins e assim foi por dois anos. Em 1924, aconteceu a Revolta do dia 23 de julho. Marçal não voltara e os brincantes queriam o boi de volta. Muitos jovens da cidade reuniram-se e deram o nome de Caprichoso, tal como o nome do boi de Manaus (couro branco), mas o de Parintins teria o couro preto e segundo Dutra (2005), foi lavrado em ata no dia 14 de março de 1925. O autor critica aos que “Hoje ignoram sua tradição/ Apegados ao desamor monopólico” (p. 84) e afirma que quando o boi Caprichoso surgiu, o Boi Garantido já tinha 6 anos que brincava pela cidade.

Desta maneira, vendo através desta história contada sobre o surgimento do Boi Caprichoso na cidade de Parintins, talvez o surgimento da fofoca que o Boi Caprichoso veio de Manaus tenha sido espalhada e movimentado o moinho até os dias de hoje. Como antigamente os meios de comunicação na cidade não eram tão rápidos como nos dias atuais, um tipo de “telefone sem fio” pode ter acontecido, e de tanto contarem, tornou-se verdade no imaginário de muita gente, além disso, aqui entre nós, parintinense adora contar uma história, sendo verdade ou não.

Cristina nos diz que sabe

só o que contam mesmo da promessa do Lindolfo Monte Verde. O Caprichoso ele não tem dono. Tem várias famílias. Cid... mas nunca se tem um histórico correto da história... Caprichoso que veio de Manaus não é? Outros falam que foi aqui... é um boi rival que foi criado. E do Lindolfo não, é a promessa que ele fez” (Entrevistada em 2022).

Assim, percebemos o quando a fofoca dura no tempo e se torna uma verdade. Dizer que o Boi Caprichoso veio de Manaus é um tipo de fofoca depreciativa, uma maneira que a figuração do Boi Garantido encontrou para tornar seu rival um *outsider*, sendo assim, o Boi contrário não pertence ao seu grupo estabelecido. Do mesmo modo, a figuração do Boi Caprichoso, encontra outras maneiras de depreciar o Boi Garantido.

Vários bois-bumbás existiram na mesma época em Parintins, assim como ainda existem hoje, só que com menor protagonismo do que Caprichoso e Garantido alcançaram. Segundo a história contada por Dutra (2005), outros existiram na cidade, mas não tinham tanta rivalidade entre eles quanto aos dois Bois em questão.

A realidade é que cada um conta sua versão. Pelo fato da história de Parintins ser contada através da oralidade, não há registros documentos escritos naquela época, afinal, as pessoas estavam mais preocupadas em divertir-se do que formalizar ou institucionalizar suas práticas.

Olha, ninguém sabe, porque dizem, né? Quanto ao ano, dizem 1913, eu encaro isso até que não seja real. Eu, Odinéa, não vi, não assisti, mas me contam, então eu não vou dizer que quem me contou mentiu ou deixou de mentir. Se é 13, eu vou dizer que foi 13, mas com uma balança que vai e vem, oscila, sabe, essa verdade. Que também, todo mundo, tem muita gente que diz que é e tem outros que dizem que não é. Eu sempre digo quando me atacam, me ferem, eu digo: cada um tem o direito de escrever sua história, não é a minha que é verdadeira. Eu sempre digo: a própria história do Brasil, quando vem um outro autor, ele conta algo diferente. A própria história do Brasil tem suas falhas, por que é que o boi não vai ter? Porque ninguém tem um documento para mostrar. A história do Brasil ainda cita o fulano, fulano, fulano, beltrano... no boi é muito difícil. Tu começa a penetrar no âmago da questão, buscando informação aqui, buscando alguém ali, e são informações que geram também dúvidas pra ti (Odinéia, entrevistada em 2022).

A criação do dogma de 1913 veio da competição, “se um boi dizia que algo era pedra o outro afirmava que era pau” (Tenório, 2016, p. 91), até que se convencionou que 1913 seria a data oficial depois de muito debate e discussão, aceitando que os dois bois foram criados no mesmo ano, mas a briga não estaria resolvida. As memórias são muitas e não chegam a um consenso.

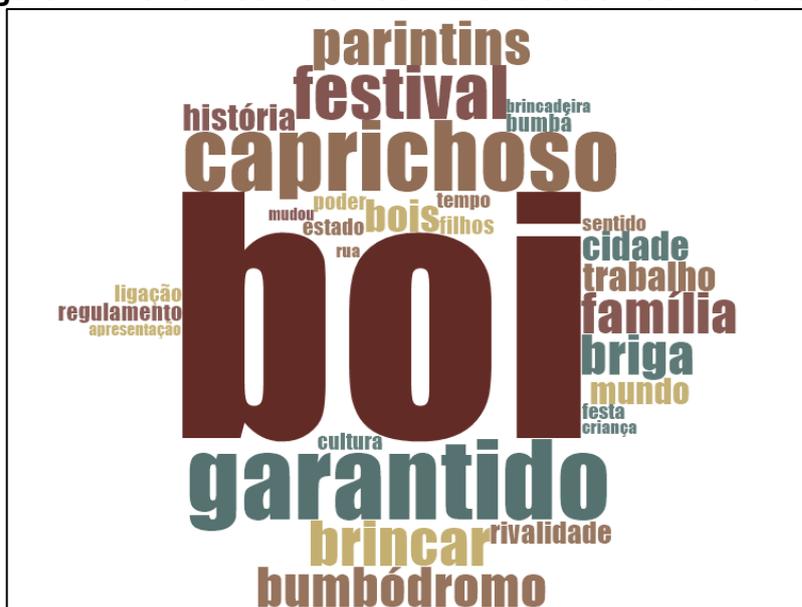
Muitas pessoas estiveram presentes quando os Bois foram criados. Várias pessoas presenciaram a mesma cena e contaram de maneira diferente o fato observado, omitindo partes, acrescentando outras e assim a história foi se criando. A verdade de cada pessoa começou a ser contada de seu ponto de vista e também de sua visão de mundo (Alberti, 2005) e é isso que captamos durante as entrevistas.

Neste trabalho, não temos a pretensão de dizer o que é verdade e o que não é, mas registrar as histórias contadas por nossos entrevistados. Apesar de muitos parintinenses terem conhecimento do surgimento dos Bois da Cidade, alguns reconhecem que não vivenciaram naquela época e duvidam dos discursos que giram em torno dos Bois como verdade. O senhor Júlio representa essas pessoas quando diz:

Olha, por exemplo, o Caprichoso, eu sou do Caprichoso, eu não sei lhe contar como foi que ele surgiu. Entendeu? E partindo também do Garantido, eu só sei através das lendas que são contadas nas revistas... Mas, realmente, como eles nasceram, eu não tenho esse conhecimento” (Entrevistado em 2022).

Através da história oral, podemos ouvir o ponto de vista de cada uma das 17 pessoas entrevistadas sobre o surgimento dos Bois-Bumbás em Parintins. O que nos chama atenção é como as histórias são contadas mantendo um eixo onde se cruzam e são formados discursos que são compartilhados e levados para as gerações que se seguem (Figura 1). Podemos perceber a presença de palavras na fala dos entrevistados que nos levam a conhecer a dinâmica das coisas envolvidas e presentes no complexo do Boi-Bumbá de Parintins.

Figura 1 - Nuvem de Palavras mais faladas nas entrevistas



Fonte: Gerado no programa N-Vivo pela autora (2023)

Oito entrevistados revelaram ter algum tipo de envolvimento com o Boi Caprichoso, oito com o Garantido e apenas um assumiu torcer igualmente para os dois bois. Deles, o discurso de que o Boi Garantido foi criado por Lindolfo Monte Verde em cumprimento a uma promessa por motivo de doença é recorrente, variando a enfermidade, onde malária e derrame estão entre as citadas, mas a filha dele afirmou que foi por conta de uma malária. O derrame veio quando ele já era adulto.

Para mim, foi uma missão, porque quando ele adoeceu, com 13 anos, que ele estava já no boi, né? Aí ele adoeceu, aqui tinha muita malária, morria muita gente aqui em Parintins. E aí quando falaram para ele que ele estava muito mal, não se alimentava mais, não comia mais nada. Aí a mãe dele disse: "olha, meu filho, nós somos todos de batizados. Se pega com um dos Santos que nós festejamos aqui". Eles festejavam aqui, os pais dela. Aí ela disse: "olha aqui, nós temos São João Batista, nós temos Santo Antônio, nós temos São Pedro, muitos anos, meu pai festeja São Pedro. Nós temos Nossa Senhora da Saúde... se pega com qualquer Santo desse que tu vai vigorar, tu vai levantar daí dessa rede", porque naquele tempo tudo era rede, né? Aí ele disse: "eu quero São João Batista". E pronto. Olha, foi uma cura que ela dizia que foi imediata porque ele teve fé. Porque o que leva nós a Deus é a fé. E aí, pronto. Bastou aquilo e eram remédios curandeiros. Naquele tempo, nós tínhamos muitas pessoas que ajudavam os outros, aí ela foi chamar seu João Raimundo ali [...]. E aí ele veio com essa benção, com as curas, com os banhos, a coisa toda... está aí, meu pai, nunca mais ele adoeceu da malária. E era malária. Pois então. Então é assim que foi. A tradição surgiu já através da fé, da promessa, da promessa que ele fez. Pois é, então é essa a sugestão que eu te dou a respeito da criação no boi, né? [...] O Caprichoso só apareceu aqui em 36... Em 36 que começou o Caprichoso do seu Luiz Gonzaga, não é? Os outros, como eu disse que tinha do seu do Roque, eu não soube. Eu ainda era muito criança quando eles criaram também... mas o meu pai é de 1913, 1913 foi quando o meu pai botou o Garantido lá na Clarindo Chaves, que era na casa do padrinho dele, que era o coronel Ninas, Raimundo era nome dele, Raimundo Ninas, era o coronel daqui de Parintins. E aí meu pai era afilhado dele, levou o Garantido daqui no dia do aniversário dele, desse padrinho dele. Aí viram o Garantido que já era de caixinha, mas o meu pai começou a brincar com o curuatá. Vocês sabem, a nossa planta daqui, que é nativa da região... E aí ele achou bonitinho o Curuatá e botava na cabeça e começava a dançar e daí surgiu o Garantido aqui. (Maria do Carmo, entrevistada em 2022).

Já entre os torcedores do Boi Caprichoso, houve uma disparidade em razão de quem criou o Boi. Houve quem dissesse que o Boi foi fundado pelo senhor Roque Cid, outro que não sabe de onde tiraram que o Roque Cid criou o Boi, outro que foi Luiz Gonzaga, outro que disse que o Caprichoso não teve fundador, mas sim teve vários donos. Uma pessoa disse ser o fundador do boi:

Eu sou um sócio. Hoje eu sou um sócio-fundador do boi-bumbá Caprichoso. E um dos sócios-proprietários do boi, porque foi a gente que fundou o Boi Caprichoso. É a Família Lima. Hoje a gente tem um Boi Caprichoso aqui no meio da rua como um memorial da turma do canto família Lima (Cláudio, entrevistado em 2022).

Por se tratar de pessoas a partir da segunda geração, ou seja, de filhos de pessoas que vivenciaram a época de 1913, os entrevistados, por mais que tenham mais de 80 anos, eles não presenciaram, somente ouviram o que lhes contaram. Isso demonstra o quanto as pessoas são interdependentes, ou seja, dependem de outras pessoas durante toda a vida inclusive para adquirir conhecimento por meio do aprendizado (Elias, 1994b).

Todos os entrevistados, pela idade que tem, ouviram as histórias através de outras pessoas, não excluindo suas memórias individuais. Assim, a terceira geração ouviu da segunda, a quarta ouviu da segunda e da terceira e assim por diante, pois

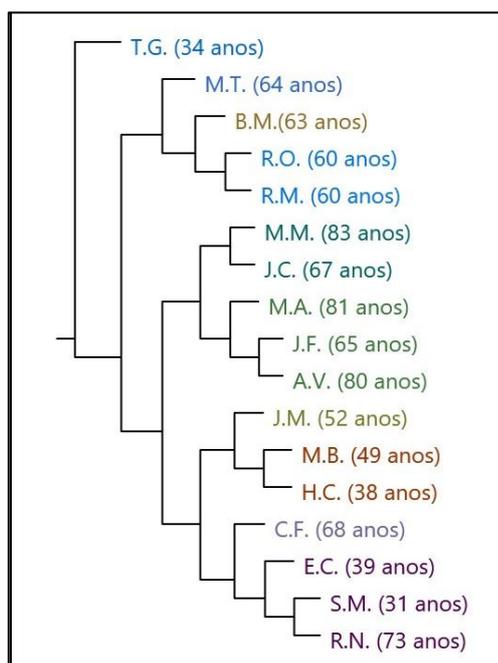
a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se sobre a memória coletiva, deslocar-se nela, confundir-se momentaneamente com ela; nem por isso deixa de seguir seu próprio caminho, e todo esse aporte exterior é assimilado e incorporado progressivamente a sua substância. A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas (Halbwachs, 1990, p. 55).

As entrevistas demonstraram, quando gerado o dendograma³ (figura 2), que os discursos são similares de acordo com a figuração que formam. Pessoas de diferentes gerações têm a mesma narrativa mesmo estando em figurações diferentes, ou seja, uma pessoa da figuração do Boi Garantido conta uma história similar de outra pessoa da figuração do Boi Caprichoso, assim como tem pessoas que contam histórias diferentes estando na mesma figuração. Suas visões de mundo, formação educacional e principalmente o nível de envolvimento ou distanciamento com a figuração do Boi-Bumbá de Parintins refletem em suas palavras.

O modo como os membros individuais de um grupo vivenciam qualquer coisa que afete seus sentidos, o significado que isso tem para eles, depende dos padrões de lidar com esses fenômenos que gradualmente se desenvolveram em suas sociedades, bem como de pensar e falar sobre eles (Elias, 1998, p. 109).

³ Gerado no programa N-Vivo, é uma estrutura hierárquica que mostra as relações de similaridade entre as entrevistas agrupadas em *clusters* (representados por essas ligações entre as palavras). Assim, é possível realizar a Análise de Cluster buscando similaridade dentro de cada *cluster* e minimizando a similaridade entre clusters diferentes, fazendo com que um discurso do grupo sejam o mais parecido possível entre si e o mais diferente possível dos discursos dos outros grupos.

Figura 2 - Entrevistados em cluster gerado por similaridade de palavras



Fonte: Dendrograma gerado no programa N-Vivo pela autora (2023)

Olhando de cima para baixo, da esquerda para a direita, vamos percebendo os *clusters* como colchetes que vão ligando um discurso ao outro. Percebe-se, através da Análise de Cluster que somente um discurso ficou mais distante em relação aos demais. Tais (34 anos), mesmo inserida na figuração Boi Caprichoso, mostra um discurso distanciado devido seu trânsito nas duas figurações, diferentemente de outros entrevistados que são de famílias majoritariamente de uma mesma figuração de Boi-Bumbá, membros de comissões ou que participam da organização do Festival.

Aqui é misturado, metade Garantido, metade Caprichoso. A gente fica se alfinetando. Da nossa família, só quem tem ligação direta é o meu cunhado, ele é *Kaçaueré*-chefe⁴ lá. Sou apenas torcedora. Zero vontade de participar. Eu só gosto de torcer mesmo, não gosto de me envolver, só dar minha opinião na internet. (Tais, entrevistada em 2022).

O discurso dos entrevistados com 60 anos ou mais estão mais distantes dos outros também, mas revelam similaridade pois a figuração que formaram na época de transição do Boi de quadra para a arena. Todos eles, contaram histórias dessa época em que viveram. A mesma aproximação e distância podemos notar no *cluster* seguinte, onde os entrevistados com mais de 60 anos e 80 anos, contaram histórias similares. Logo abaixo, no próximo cluster, podemos perceber as pessoas

⁴ *Kaçaueré* é como são denominadas as pessoas que empurram as alegorias do curral do Boi Garantido até o Bumbódromo para os dias de espetáculo.

entrevistadas que participam ou participaram dos Bois como brincantes e organizadores na arena. Suas falas possuem certa similaridade, principalmente entre Maria Betânia (49 anos) e Cristina (38 anos) que participaram de diferentes figurações, como brincante na arena e também na organização, ao contrário de Rheck (52 anos) que participa como brincante e é membro de família tradicional no Boi-Bumbá. As distâncias entre o conteúdo das entrevistas vão diminuindo e tornando-se mais similares ao ponto de envolver três gerações. Cláudio (68 anos) apesar de apresentar um discurso um pouco distante dos demais, ele está entre os mais similares, pois a distância está diminuindo, ao ponto de Suzan (31 anos) e Raimundo (73 anos) atingirem um grau maior de similaridade entre todos os outros entrevistados. Apesar de gerações e tipos de vivências diferentes no contexto do boi-bumbá, são pessoas com formação em nível superior, professores, e cada um, à sua maneira, reproduz o discurso que é difundido na literatura e sociedade parintinense.

Percebe-se ainda através do dendograma o nível de envolvimento nas figurações. Ele mostra que tem diminuído, mas não desaparecido no Boi-Bumbá de Parintins, isso é devido ao crescente controle das emoções, decorrente do processo civilizador nas sociedades de nosso tempo, quando comparado a épocas anteriores. No entanto, as tendências para a alienação e para o envolvimento se equilibram e se misturam, onde diante de uma perspectiva de longo prazo alcançam um equilíbrio (Elias, 1998).

Em termos de um processo sociológico, de uma perspectiva de longo prazo, e preferível usar como instrumento conceitual o modelo do equilíbrio. Nesse sentido pode-se considerar uma escala entre os polos imaginários de autonomia absoluta e heteronomia absoluta de avaliação, que coincide com aquela cujos polos são total envolvimento e total alienação. Quanto maior o envolvimento, maior a tendência para avaliações heterônomas; quanto maior alienação, maior a tendência para avaliações autônomas. Dessa forma, a escala variável de um equilíbrio-relacionamento entre envolvimento e alienação, entre as avaliações de heteronomia e autonomia, pode ser aplicada a mudanças estruturalmente observáveis em pessoas, assim como em sociedades e indivíduos. Ela pode ser testada pelo estudo das mudanças no discurso e nas ideias humanas das suas formas mágico-míticas para as suas formas científicas, das mudanças da criança para o adulto no comportamento e na experiência, ou pelas sistemáticas comparações entre as ciências humanas e naturais no presente estágio de desenvolvimento (Elias, 1998, p.153).

As histórias de surgimento dos Boi-Bumbás de Parintins são atualmente consolidadas e têm suas versões oficiais de cada agremiação, mas ainda geram bastante controvérsia nos torcedores parintinenses e também são o ponto alto da

rivalidade quando o assunto é sobre seu fundador. Quanto maior o envolvimento/alienação com a figuração, maior a tendência de reproduzir a versão oficial (heteronomia) e quando maior o distanciamento com relação à figuração, mais autonomia o indivíduo tem até mesmo para questionar as versões do próprio grupo.

Olha, dizem que o boi foi uma promessa a São João Batista, não é? Do Lindolfo Monte Verde que ele se encontrava doente e quase morrendo, né? Então ele fez uma promessa com São João Batista de que se ele se recuperasse a saúde dele, ia colocar um boi, que seria uma homenagem ao Santo por toda a vida dele. Aí de lá, estamos até hoje aí com o Garantido. Sim, era aquela questão, do brincava todo mundo junto. E depois houve aquela briga, aquela desunião e cada um se separou, foi para o lado de cima da cidade, outro ficou aqui na baixa do São José. Aí criaram o Caprichoso, né? Inclusive, muitas famílias reivindicam para si a fundação do boi Caprichoso, uns dizem que foi Luiz Gonzaga, outros a família Cid, enfim, na verdade, o Caprichoso não tem um pai certo, assim como o Garantido tem o Lindolfo Monte Verde (ROB, entrevistado em 2022).

Como o processo de conhecimento não é rígido, ele pode mudar de direção e também abrigar correntes de diferentes direções e níveis de desenvolvimento ao mesmo tempo; “ele pode reverter sua direção e passar a contrair-se ou a declinar. Da direção dominante para a alienação e a congruência com a realidade, ele pode mudar para a do envolvimento e do compromisso com a fantasia” (Elias, 1998, p. 46). E isso aconteceu com os Bois de Parintins. Como se desaprendêssemos uma história para contar outra, claro que há resistência na aceitação dessas versões oficiais e as pessoas continuam contando suas histórias.

As histórias dos Bois de Parintins foram e ainda são contadas tendo seus protagonistas descendentes de migrantes nordestinos. Do lado do Boi Caprichoso (figura 3), o senhor Roque Cid, e do lado do Garantido, o senhor Lindolfo Monte Verde.

Figura 3 – Boi Caprichoso em exposição no Curral Zeca Xibelão



Fonte: arquivo de campo (maio de 2022)

Atualmente, fala-se que o Boi Caprichoso é feito de muitas mãos justamente por isso. No entanto, por muitos anos, Luiz Gonzaga foi o nome de seu fundador.

Aí, agora, há pouco tempo, está até tendo em rede social uma “treta” quanto à fundação do Caprichoso, aquela coisa toda que o amo do boi Garantido está citando. Só que na época que a Márcia Baranda foi presidente do Caprichoso, ela fez todo um estudo e uma estrutura em cima disso. E tem esses fatos todos contados, porque quem realmente criou o Caprichoso foi o Roque Cid e que na época, ele era amigo do Lindolfo Monte Verde. Aí, como o amo do Garantido que está falando, que a família Gonzaga foi esquecida... não, os “Gonzagas” é igual de Vieiras, eles apenas foram, como hoje tem o presidente, naquela época era o dono do Boi, que eles falavam que era o dono do Boi, tem um outro nome que eu esqueci, mas que era o mesmo que o presidente, que era aquele que comandava, que fazia as coisas... que teve várias famílias: a família Vieira, do seu finado Didi Vieira, que já foi prefeito de Parintins, e a família Gonzaga também, como teve o seu Acinécio Vieira, são vários, não é? Vários (Maria Betânia, entrevistada em 2022).

Em meados de 2010 a 2013, uma pesquisa foi realizada para esclarecer de uma vez por todas as origens do touro negro de Parintins, tentando apagar ou silenciar direta ou indiretamente toda a narrativa consolidada na população parintinense e nas figurações tanto de Caprichoso quanto de Garantido, almejando provar de uma vez por todas suas origens e cessar os ataques de que o Boi não tinha um fundador. Isso pode ser visto como uma ação colonizadora fruto do cientificismo branco/europeu arraigado em nossas sociedades para tudo ter um início ou um “porquê”.

A noção de heteronomia se dá pelo outro estar ditando o que é para falar ou fazer a partir daquele momento em que uma história é tomada como oficial e, até mesmo, única. Como diz Chimamanda (2009, p. 12) “é impossível falar sobre a história única sem falar de poder”. As histórias dependem de quem as conta, de como são contadas e quantas são contadas, segundo a autora, depende muito de poder. Nessa relação de poder, o poder é a capacidade não apenas de narrar a história de outra pessoa, mas principalmente de fazer que aquela seja sua história definitiva. Silenciando-a.

Eu quando fui, deixa eu te dizer, no ano de 50 anos da migração japonesa, que eles vieram a Parintins, o Reis mandou fazer o busto do Tsukasa Uyetsuka, que foram os primeiros que chegaram no Amazonas, e o Caprichoso foi dançar para eles. E durante essa festa, quando terminou, aliás, a apresentação do Caprichoso pros japoneses, inauguração do busto do busto e tudo, um senhor que estava na minha direita, lado de fora, com o chapéu na cabeça, a mão assim olhando o Caprichoso, terminou, ele disse assim, eu gravei isto: "Quem diria que o Caprichoso fosse dançar para o Sol nascente. Roque Cid bem que deveria estar vivo para ver isso". Nunca eu tinha ouvido falar em Roque Cid. Eu, até então, falava Luiz Gonzaga, que

era um dos últimos donos do Caprichoso. Aí eu comecei a bisbilhotar, porque eu sempre digo que eu sou bisbilhoteira, eu vou atrás e quando eu quero, eu converso, eu pergunto, eu jogo uma piada para ver a resposta... Aí eu comecei a querer saber quem foi Roque Cid e eu tinha uma amizade assim, muito de leve com a Maria Célia Nascimento, que já morreu também e o pai dela foi um dos donos do Caprichoso.[...]. Aí eu comecei a buscar quem foi Roque Cid (Odinéa, entrevistada em 2022)

Quem conhece o festival de Parintins nos dias de hoje, se depara com a história oficial, que os irmãos Cid chegaram à Amazônia no primeiro ciclo da Borracha, entre 1880 e 1910, impulsionados pela imagem do Amazonas como uma oportunidade de mudar de vida trabalhando nos seringais. Vieram quatro irmãos: Pedro Cid, Roque Cid, Antônio Cid e Beatriz Silva Cid. Em meados de 1897, Roque Cid iniciou sua jornada promissora em Parintins, era mestre de obras, formou amizades, fixou residência e relação de compadrio. Em 1913, criou o Boi Caprichoso para seus filhos brincarem, sendo o primeiro curral em frente à sua casa na Travessa Sá Peixoto.

Meu pai contava a história dele, quando eles eram menores, meu bisavô criou o bozinho pra eles, porque naquela época a diversão deles era bozinho que tinha, né? Aí quando tinha esses encontros na rua que geralmente era aqueles encontros meio violentos quando se encontravam. No caso o meu avô proibiu o papai e os irmãos de irem frequentar isso daí. É mais assim, coisas dos encontros que tinham antigamente, né? Que era na rua, essas coisas, como na lamparina que eles saíam, contam muito da história do tio Feliz, que era irmão do... que ele era versador também, essas coisas do boi (Evandro Jr, entrevistado em 2022).

O Boi Caprichoso surge como o pagamento de uma promessa por conta de seus empreendimentos comerciais terem dado certo na cidade. O boi é preto, tem como cores oficiais o azul e o branco e desde 1996 tem uma estrela na testa.

Tais diz que

Do Caprichoso, eu sei que ele veio com a ideia do Roque Cid, apesar de todo mundo querer chamar ele de fundador, não é fundador, ele é o primeiro dono. Ele deu a ideia e foi o primeiro dono do Caprichoso. O Caprichoso nasceu Bumba-meu-boi. Diferente do Garantido que nasceu Boi-Bumbá, o Caprichoso nasceu Bumba-meu-boi, não é um Boi de briga, ele só é um Boi de oferta, né? Que é diferente do Garantido, que lá o Lindolfo já era mais valente e gostava da rivalidade, da briga... Então, quando o Caprichoso nasceu, ele era Bumba-meu-boi, ele tinha vários nomes, ele nasceu como Galante... Ele não tem essa tradição de ter uma só imagem. Então ele era criado, dependendo do ano, o dono daquele ano ia fazer o Caprichoso da forma como ele queria, né? Então, já teve coração, já teve sol na testa... vários símbolos. Então, o Caprichoso teve vários donos. Teve o primeiro dono, que foi o Roque Cid, que eu acho errado chamar ele de fundador. Aí teve os outros donos, como o Luiz Gonzaga e os outros (entrevistada em 2022).

Apesar de formalmente institucionalizada a versão do Boi Caprichoso que tem Roque Cid como seu fundador, percebe-se que parte da comunidade

parintinense ainda não encara com naturalidade a informação e isso é ainda mais evidenciado na figuração do Boi Garantido gerando ainda mais discussão em torno do assunto.

Dos Bois de Parintins, da criação do Garantido, é recorrente na minha família a questão que Lindolfo criou o Boi Garantido a partir de uma promessa, né? Que ele estava acometido de doença, por isso que dia 24 é o dia que o Boi sai na rua, por ser dia de São João, que é o dia da promessa, também dito. Com relação ao Caprichoso, eu nunca ouvi, por exemplo, essa questão de que os Cid criaram o Caprichoso, nunca foi uma memória nem da nossa comunidade [...]. Eu acredito que nós somos uma família pobre que tem essa continuação. O Caprichoso não se conseguiu definir porque a família que criou realmente ela não teve esse mesmo trato que a nossa e aí deixou outras famílias ricas dizerem que começaram, que fizeram, e aí tem essa luta das classes, não é? As classes hegemônicas na época, por exemplo, o Garantido a família continuou, mas teve um processo que as famílias que tinham dinheiro, que eram os Farias que tinham, que podiam tirar foto, começaram a contar eles a histórias deles como se fossem verdade. As pessoas morreram, as fotos ficaram e aí você conta um conto como você quiser. E tem uma família que não, que sempre está lá brigando, lutando, dizendo que não é assim, que não foi desse jeito que tem que respeitar uma memória. Então essa memória, essa luta que é familiar, que é garantida e verbera até a minha geração, que é a quarta, não aconteceu com o Caprichoso. Então no Caprichoso eu não tenho conhecimento de fala assim. Eu só sei que a minha família sempre contou quem sempre foi conversar com o nosso bisavô sobre o Caprichoso era o Luiz Gonzaga. Então para mim, eu considero ele como um precursor dessa brincadeira do Contrário. Mas a questão da memória social ela é uma memória coletiva e é uma memória da hegemonia. Quem está falando? Hoje em dia, a Associação Caprichoso, ela fala como uma instituição que tem mais de 50 anos, tem um peso, tem uma memória, que é coletiva, que é das classes, que não são uma classe superior que diz que é errada. E aí, como que vai fazer essa briga? Como é que tu diz que um está errado e outro está certo agora? E então, por exemplo, o Caprichoso hoje em dia ele faz o seu arquivo de memórias. Mas é um arquivo de memórias feitas por alguém que não é de Parintins, por alguém que tem uma superficialidade, que é acadêmico, mas que não tem uma vivência daqui, tem contatos com poucos. Então, a memória social, eu converso muito com o Wilson que é PhD na nossa área de boi-bumbá, né? Ele fala "Nós, pobres, a gente não conta a nossa história, a gente conta a história do outro". É interessante (Suzan, entrevistada em 2022).

Já a história oficial do Boi Garantido conta que Lindolfo Monte Verde (figura 4) foi acometido de uma doença grave e teria feito uma promessa a São João e teria sido curado. A promessa era que se fosse curado, colocaria um Boi para dançar nas casas e nas ruas de Parintins, no mês de junho, enquanto fosse vivo. O Boi Garantido é conhecido até os dias de hoje como o "Boi da Promessa". Ele é branco, suas cores oficiais são vermelho e branco e tem com símbolo um coração na testa. Sua história, ao contrário da história do Boi Caprichoso, sempre teve o mesmo protagonista, mas também é alvo de diferentes versões.

Figura 4 - Lindolfo Monte Verde e sua família



Fonte: Arquivo da Família Monte Verde publicada na rede social de Dêmonteverde. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1075603786524998&set=pb.100022261609653.-2207520000.&type=3>>. Acesso em: 5 nov. 2021.

A heteronomia se faz presente até mesmo na história contada pelos cidadãos que viveram a história. A autonomia relativa que eles têm para contar suas perspectivas do vivido ou ouvido é parada pela instituição social que se transformou o Boi-Bumbá de Parintins através de suas Associações. Se antigamente se podia contar a história do jeito que eles queriam, não poderia mais ser assim, pois há uma versão oficial. No Boi Caprichoso adotaram uma história oficial e no Boi Garantido também se adotaria a partir dos anos de 2010 a 2013, talvez isso tenha distanciado o Boi-Bumbá com características de folclore para a espetacularização. Já que o folclore tem como uma de suas características o anonimato, criado por alguém cujo nome se é ignorado (Souza, 1989), o Boi-Bumbá de Parintins teria seus fundadores oficiais.

Que tudo foi só num momento, para bem dizer, num ano. Mistura deles Garantido e Caprichoso no ano da Márcia Baranda... foi nesse ano... Mas nós nunca mais, depois que passou para a mão dos Farias o Boi, nós não tivemos mais vez. Nós não podemos mais falar nada, não é? Eles vieram. Conversaram aí com meu pai, com a minha mãe, coitada da minha mãe, era cega, meu pai bem pouco falava porque ele apanhou derrame. Ele não sabia mais quase de nada. Eles entrevistaram ele, não sei como foi que ele falou, eu não morava aqui, eu morava no Limão, só vim de lá porque meu marido adoeceu e morreu. (Maria do Carmo, entrevistada em 2022).

Se no Boi-Bumbá Caprichoso a discussão gira em torno de seu fundador, no Boi-Bumbá Garantido gira em torno das datas.

É porque, do lado Garantido, a questão de data, existe duas versões. A data que começou o movimento lá e a data que ele começou a sair às ruas da cidade. E a data que o Lindolfo usava no estandarte era "Garantido, Brinquedo de São João e 1917". Isso aí era o estandarte aí. Quando o Caprichoso, ainda na época da Castanholeira, resolveu usar o estandarte "O boi da sociedade", nós reunimos lá em casa, eu, o Paulinho e o Jair e falava "rapaz, que coisa antipática essa coisa de sociedade. Bora colocar "o boi do povão". Aí nós mudamos o estandarte. Hoje, nós não mudaríamos nunca. Mas foi mais uma resposta pro Caprichoso, porque aí nós colocamos "Garantido o boi do povão". Que ficou uma coisa muito mais simpática, muito mais agradável e que continua até hoje. Só não pode mais ser usado porque a família Monte Verde entrou na justiça e requereu, e ganhou a patente do Boi do Povão, foi uma coisa que nós demos e também aquela marca, aquele brasão, que foi Jair que criou. Mas essa questão eu não vou entrar. Eu nunca me meti nisso aí, eu tenho a minha opinião formada a respeito. Que o boi é uma festa popular. Foi criada por várias famílias ali que fizeram boi. Mas também não excluo o Boi de uma responsabilidade muito grande com a família Monte Verde e com outras famílias que ajudaram lá no início dessa brincadeira. E nem sempre essas famílias são reconhecidas, tem o devido tratamento, o respeito, carinho, a retribuição que elas merecem por terem começado e ter mantido essa brincadeira, onde não tinha nada, era só um amor que movia todos, no que a gente chamava antigamente de brincadeira do Boi, e hoje é uma coisa muito séria (Zezinho, entrevistado em 2022).

Das divergências de datas e versões da criação dos Bois de Parintins uma coisa é certa: os Bois iniciaram a brincadeira nos terreiros, é assim que as pessoas de Parintins se referem ao terreno da frente de suas casas.

1.4 A brincadeira nos terreiros

Os Bois-Bumbás de Parintins foram criados para o divertimento da sociedade da época, “a brincadeira ocorre geralmente no terreiro ou no quintal do dono do Boi, local privado que se torna público ao receber as pessoas para participarem das festividades” (IPHAN, 2018, p. 71).

O formato do chamado Boi de Terreiro resulta então dessa aclimação mundano-festiva do auto religioso que, saído das pautas missionárias dos clérigos católicos, fora introduzido nos costumes de celebração e diversão das frações populares de classes com fortes marcas étnicas, fosse elas indígenas ou negras, mais propriamente quando ambas se mesclaram no perfil do tipo social do mestiço caboclo das sociabilidades ribeirinhas, notadamente aquelas rurais (IPHAN, 2018, p.93).

Figura 5 - Boi Garantido com seus vaqueiros



Fonte: Arquivo da Família Monte Verde publicada na rede social de Démonteverde. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo/?fbid=740020866749960&set=pb.100022261609653.-2207520000>>. Acesso em: 20 de jun. 2020

Pensar o processo que o Boi-Bumbá vem trilhando é pensar como se deram essas figurações com o passar dos anos. Segundo Pires (2014) no início a brincadeira era mantida pela família dos próprios criadores e as fantasias confeccionadas pelos brincantes. O intuito era somente o divertimento e entretenimento das famílias criadoras dos Bois e da população local (figura 5), diferentemente do que é hoje. Assim,

Como manifestação pública, os bumbás de Parintins mantiveram uma consonância com o espaço, abriram as porteiras dos quintais, ganharam ruas até experimentar sua institucionalização, nas quadras da cidade, produzindo, na carga simbólica da vida e da cultura de Parintins, uma cidade viva nas pessoas, numa relação de respeito e poder (Nakanome, 2017, p. 25).

Houve uma época em que os Bois-Bumbás de Parintins ainda não eram rivais (Valentin, 2005) e era comum eles se visitarem. Recebiam seus visitantes regados a muita comida junina e bebidas.

Sempre teve uma ligação com os Gonzaga, sempre foi os Gonzagas que foram lá na Baixa, foram as pessoas que brincavam, eram brincadeiras, então tinha aquela rivalidade. Lembrando que a gente tinha uma rivalidade também dos que bebiam, dos versadores. Então eu acho muito estranho hoje em dia as pessoas falarem "ah, tinha trincheira, tinha porrada" como se fosse alguma coisa assim, que é pensada, não, é como qualquer outra bebida. Tá brincando, tá bebendo, tem aquele estranhamento, tem aquela comoção, mas nunca foi uma brincadeira que elucidasse a briga, o temor.

Eu acho que da sátira ao verso, ele é ligado à sátira, quem faz mais bonito, quem goza mais bonito, quem tem uma tirada melhor, mas com relação à criação, eu sempre fui dessa cadeia de que Lindolfo criou Boi Garantido e isso só é reconhecido até hoje por uma luta familiar que não deixou cair no ostracismo (Suzan, entrevistada em 2022).

Elias e Dunning classificam como uma atividade de lazer as “atividades, pura ou simplesmente, sociáveis” (2019, p. 211) participar de reuniões no bar ou em festas num caráter de informalidade. Deste modo, os encontros entre as pessoas para conversar, comer e beber eram um lazer da sociedade parintinense naquela época. As experiências de emoções diferenciadas das vividas no cotidiano no início do Século XX em Parintins estavam mais voltadas para as práticas da sociabilidade em reuniões com os amigos e familiares.

Antigamente o Boi saía nas ruas de noite, tarde da noite, de casa em casa conforme o pedido. Chamava "convite", eu lançava o convite e o Boi vinha dançar aqui em casa. O Caprichoso ia daqui lá na Marchinha Prata, lá no curral do Garantido. Ia brincar lá. Quando se encontravam, tinha briga (Acinécio, entrevistado em 2022).

Atualmente as pessoas fazem fogueiras, enfeitam suas casas e convidam pessoas para esperar o Boi passar ou até mesmo montam vendas de comidas e bebidas em frente a suas casas durante o cortejo pelas ruas da cidade (figura 6).

Figura 6 - Família aguardando o Boi para dançar em sua fogueira



FONTE: Arquivo pessoal da autora, junho de 2019.

Segundo Monte Verde (2003, p.29) “por volta de 1920 a 1940, Lindolfo começou a brincar na frente das casas das famílias, nesse período havia uma harmonia muito forte da brincadeira com a convivência familiar”. Os bois eram

convidados para dançar nas casas de quem podia pagar, um lazer elitista que demonstrava o poder das pessoas envolvidas.

Muito embora que naquela época era organizada a seu modo tradicional, chamado Boi de rua, fazia-se uma fogueira na frente da casa, e se esperava o Boi chegar. O dono da casa, ele simplesmente ficava às escondidas por trás da janela ou da porta, quando tinha um momento que o Boi se apresentava para ele, ele pegava a língua do Boi, de maneira simulada. Como era a língua do Boi? Era um lenço, como se fosse a língua do Boi. Aí, entregavam-na ao dono da casa, ele entrava, aí certo momento, depois da dança antes da despedida, então o dirigente do Boi chegava até a porta, batia, chamava-o e dizia para ele que já estava na hora de ir embora. Eles entregavam o lenço com uma quantia, cuja quantia só eles sabiam, e quem deu também, quem recebeu, só na hora de ir averiguar. Era assim que se fazia o Boi daquela época (Raimundo, entrevistado em 2022).

Atualmente, o Festival tornou-se um produto caro para quem busca conforto durante os três dias de festa, transformando-se em um lazer elitista, já que nem todos conseguem pagar para desfrutar das mesmas condições de hospedagem, alimentação, transporte e ingresso para assistir. O conceito do Lazer Elitista é adotado por Matos para denominar o “lazer como um bem de consumo que poucos podem usufruir, dados valores os pagos às empresas do ramo” (2015, p. 111).

No contexto do passado, as relações de poder tornam-se evidentes, distribuindo-se desigualmente na figuração. Demonstrando que tanto os brincantes do Boi-Bumbá quanto os espectadores que “convidavam” os Bois para brincarem em seus terreiros estavam em uma relação de interdependência funcional. O Boi que dependia do convite de alguém de prestígio social e econômico da cidade para ganhar um dinheiro para custear as roupas do Boi e o dono da casa que dependia do Boi para renovação de suas emoções ao assistir aquele espetáculo onde a rivalidade era marcada através de versos tirados pelo Amo do Boi.

O boi era aqui na Rio Branco, em 56. Aí eu brinquei de vaqueiro. Inclusive o Boi saía na rua. Era um amontoado de gente brincando de fazer a roda para brincar, que é diferente desse de agora, mas era bonito, era animado, ia dançar nas casas... Vamos dizer, vocês contratavam o Boi para ir dançar na casa de vocês, vocês pagavam uma importância pro Boi dançar lá. Não tinha um valor exato não, por exemplo, os que tinham mais condições davam mais dinheiro. Preparavam um mungunzá, um refresco pra dar para o pessoal, mingau... preparavam mingau e o Boi ia dançar lá na sala e ia em várias casas numa noite. O Caprichoso. (Acinécio, entrevistado em 2022).

Segundo Monte Verde (2003) havia três momentos de apresentação e cada um tinha um preço, pois dependia do esforço físico dos brincantes. No primeiro momento eram cantadas as toadas de chegada e agradecimento pelo convite onde

era exaltado o dono da casa, evidenciando as relações de poder presentes naquele espaço, onde o anfitrião podia mostrar que podia pagar e os demais vizinhos podiam confirmar sua “superioridade” por ter mais dinheiro que os outros e ganhar mais prestígio social. Geralmente “aqueles que têm dinheiro, minha avó chamava de branco” (Maria do Carmo, entrevistada em 2022). No segundo momento era encenada a morte do Boi através do “auto do boi” e o terceiro momento ele não menciona no texto, mas talvez fosse a ressurreição do Boi.

O auto do boi trata-se de uma “peça teatral a céu aberto” (Tenório, 2016, p. 118) e não é “mais do que formas de representação de um mundo de fantasia <<irreal>>. A esfera mimética constitui uma parte distinta e integral da <<realidade>> social” (Elias; Dunning, 2018, p.174). O nível de sensibilidade à morte do boi, mesmo sendo um boi de pano, na esfera mimética poderia despertar emoção semelhante àquela do abate verdadeiro, ao qual a sociedade da época estava acostumada a ver.

De acordo com Matos (2015, p. 253) “essa sensibilidade em prol do tratamento, mesmo no abate de outras espécies, é marca civilizatória”. Deste modo, o convite para o Boi se apresentar no terreiro de casa era o lazer de algumas famílias que podiam pagar para renovar suas emoções. Cabe aqui uma observação sobre o auto do Boi, aos poucos ele foi sendo removido do Boi-Bumbá atual justamente pela sociedade estar mais sensível à morte de animais, no entanto, nos últimos anos vem sendo encenado de outra maneira, menos impactante aos olhos do espectador. Entendemos que esse foi estopim gradativo para a perda da espontaneidade e a prática de uma brincadeira que estava no começo, mas já vinha sendo de alguma forma espetacularizada, tornando-se um comércio, mesmo sem esse interesse aparente na época. Segundo Elias,

a profissionalização e a comercialização da produção do prazer por meio do lazer para outrem têm conduzido, em sociedades como a nossa, a vários tipos de desempenhos não espontâneos, altamente autoconscientes e profissionais da espontaneidade (p. 68, 2022).

Figura 7 - Boi Garantido capturado para a morte do Boi



FONTE: arquivo pessoal da autora, julho de 2009.

No Boi-Bumbá atual, Carvalho aponta que

as mudanças verificadas no FFP são consequência do processo inerente ao trânsito do evento, ao se distanciar do auto-do-boi e se transformar em espetáculo de massa, obliterando o aspecto sacrificial da morte e renascimento do animal e incorporando a “celebração folclórica” e o “ritual”, como momentos centrais do espetáculo (2014, p. 262)

Nesse íterim, na transição/junção do Boi de terreiro para/com o Boi de rua (figura 8), outras figurações foram colocadas em evidência.

O Caprichoso quando surgiu do seu Luiz Gonzaga, aí quando eles começaram a brigar, a fazer esse tipo de ação na cidade, a brigar, fazer as rodas de lá, as rodas daqui e a brigar os dois Bois. Aí eles tiraram "caboco do morro do Tucumã..." e chamaram assim para nós para cá, né? Porque tinha muito tucumanzeiro, então era assim que era e foi criada a cultura aqui na baixa. Mas a família da minha avó tinha mais de 100 pessoas. Muita, muita gente, as crianças todas e não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha coisa nenhuma, não tinha luz, já veio ter luz para nós, já é de 60 pra cá, né? Por 60 que chegou a luz que clareava até ali no São Benedito, de lá pra cá foi uma dificuldade pra botar. Pra cá era longe já. Muito longe, muito longe. Mas o povo vinha, olha vinha povo da Francesa. Essa passeata que meu pai criou, vocês viram agora a passeata, né? Linda! Meu pai criou porque ele não tinha como está escrevendo pra avisar o povo que ia começar o Boi. Aí ele pegava, botava no carro, carrinho de mão, os tambores, né? E aí o pessoal chegava e saía pelo caminho, que isso aqui era uma ribanceira que a gente ia lá... Quando chegava a época do boi ir para a rua, a gente subia aqui, ele fazia um caminho (a casa da mãe dele era do lado de lá), e aí a gente desse caminho, já saía lá na perto do Viana, lá que saía e aí o povo vinha pra cá, pegava o Boi e ia de lá para lá que a gente já ia brincar bonito, porque aqui era uma baixa, que ficava toda alagada, a área toda largada. Se eu estou dizendo que nós pegávamos o peixe aqui, era assim que é, né? (Maria do Carmo, entrevistada em 2022).

Figura 8 - Boi Caprichoso e Campineiro brincando nas ruas de Parintins, sem data



FONTE: Redes Sociais CEDEM Caprichoso.

O Boi que brincava nos terreiros e quintais sentia a necessidade de ganhar as ruas da cidade. Contam os mais antigos, que o dono do Boi, ia de casa em casa versando para vender a língua do Boi.

O “Auto do boi” atravessou o tempo e os supostos cem anos de criação dos bumbás de Parintins, se dinamizando, no decorrer da história, abandonando os quintais de seus donos e fundadores para ganhar as ruas da comunidade, em uma peça que caminhava como visitas nas casas de outras pessoas que ali assistiam passivamente ao teatro popular (Nakanome, 2017, p. 28).

Talvez, somente os versos não eram mais suficientes para renovar as emoções dos espectadores dos Bois de Parintins. Eles passariam a ocupar uma balança de poder que ultrapassaria gerações, na competição em sua forma mais institucionalizada.

2 LÁ VEM MEU BOI PELAS RUAS DE PARINTINS: A FIGURAÇÃO DO BOI DE RUA



*Sou da galera maior da terra
Vem pra cá ser feliz
Deixa tudo e vem de azul pra Parintins
Ele chegou e vai balançar
Vai, vai, balançar
Saia da frente tá chegando o Caprichoso
Nosso Boi Caprichoso
Quem tá chegando é o povo da Francesa
Vai levantar poeira
(Gabriel Moraes / Paulinho DU Sagrado)*



*Vou acordar toda a cidade
De camisa encarnada, eu vou
Todo arretado com a turma de fé
O meu boi quando chega
Sacode o terreiro, é todo invocado
Coração na testa todo branquinho
Ser iluminado
Vou derramando amor pra quem quiser
É de graça esse amor
É perrechê*

*(Cesão Carvalho/Djane Sena/
Robson Roberto/ Moisés Amazonas e
Alcides Aquino)*

Como característica marcante, o Boi de Rua, assim como o Boi de Terreiro, “na maioria das vezes, possui um dono e mobiliza brincantes para fazer a festa, porém, a brincadeira não possui um lugar fixo, brinca-se nas ruas e nas casas das pessoas que oferecem ao dono do Boi e aos brincantes algum tipo de agrado”. (IPHAN, 2018, p. 71).

Afloravam nesta época as relações de poder na cidade envolvendo o Boi-Bumbá. Ao contrário do que se possa imaginar, não estamos falando do econômico. O poder é algo que está presente em todas as relações humanas e “o equilíbrio de poder está sempre presente onde quer que haja uma interdependência funcional entre pessoas” (Elias, 2018, p. 81).

Dessa maneira, a figuração do Boi de Rua, ganhou as ruas de Parintins. Saíam nas ruas iluminados por lamparinas (a energia elétrica ainda não tinha chegado a todos os pontos da cidade) e “brincavam nas ruas e nas casas de Parintins, onde as pessoas mais ricas lhes pagavam ou lhes davam uma refeição para dançarem em seus quintais” (Valentin, 2005, p. 100).

E era uma coisa muito pequena que foi tomando corpo, foi crescendo, foi criando paixões e como era um boi de promessa e sempre Garantido zelou muito por esse lado, tanto que as ladainhas nas datas festivas e alusivas aos santos como Santo Antônio, São João Batista... São Pedro não se faz mais porque já era em cima do festival, depois, dia 29, São Pedro. Mas Santo Antônio e João Batista as ladainhas são sagradas antes do Boi sair às ruas da cidade. Então, eu, quando comecei a comandar a brincadeira, irmanado com João Batista, com Paulinho, com Jair, uma coisa que me incomodava era quando nós saíamos às ruas. Muitas ruas não eram asfaltadas. Eu via aquelas crianças de colo, no colo das mães, pegando o

sereno, orvalho de madrugada, aquela poeira e às vezes ela colocava um paninho, uma fralda cueiro no rostinho. Eu chamei o João Batista, "João Batista, gente, tem que proibir isso aí, cara. Essas senhoras com criancinha, essas crianças tem que estar em casa". Ele falava, "ô, professor, é promessa". Eu não sabia. "É promessa", era promessa para os Santos, para Santo Antônio, São João. Eu digo "ah é? Então ninguém mexe nisso". Já pensou? Então essa parte aí do Boi, assim mística, legal. Eu achava muito bacana isso aí (Zezinho, entrevistado em 2022).

Além da promessa do dono do Boi ao criá-lo, as pessoas faziam do Boi também uma espécie de devoção totêmica (IPHAN, 2018). Desde o surgimento dos Bois em Parintins, já se criou uma relação de poder entre ambos e podemos interpretar essa relação entre eles através das relações sociais, pois eles medem o tempo todo suas forças buscando ser o melhor ou o maior, a começar pelas várias versões de fundação de cada Boi que sempre compete para afirmar quem nasceu primeiro, até chegar ao bumbódromo que vence quem faz as melhores apresentações nos três dias de espetáculo. No Boi de rua, atualmente a competição é, implicitamente, por quem reúne mais pessoas.

2.1 A rivalidade nas ruas

As brigas nas ruas estão nos relatos de todos os entrevistados nessa pesquisa. Segundo Nakanome (2017, p. 27), registros policiais e políticos dos cem anos de história do folguedo em Parintins, "apontam grupos de baderneiros tocando tambores e ecoando a desordem em uma comunidade ainda muito pequena". Não distante, temos os famosos embates que aconteciam nas ruas da cidade:

O que marcava a memória popular no formato "boi de rua" eram os encontros de um bumbá com o outro. As ruas já não eram apenas um lugar de passagem, no vai e vem da cidade, mas um palco onde negros e caboclos (todos homens), entoavam suas cantigas com beberagens. A saída dos bumbás nas ruas da ilha denotava um desafio espacial, o reduto assumido por cada um se expandia na cidade e, na urbe da floresta, o inevitável acontecia: os touros se encontravam nas principais avenidas e, assim, nascia o fator principal para a construção da rivalidade atual, no caso, a disputa pelo espaço em uma cidade planejada pela sua geografia (Nakanome, 2017, p. 29).

Ao se falar na rivalidade criada entre os Bois e os seus torcedores, pensamos nos Modelos de Jogo de Elias (2018). Considerando que para o autor existe um tipo de Competição Primária – sem regras – e de Modelo de Jogos de Competições com Regras. No entanto, sob a ótica de Norbert Elias, não podemos considerar esse jogo um modelo de competição primária ou sem regras, mesmo

tendo os tipos de ações que hoje tratamos como “incivilizadas” para o nosso tempo, pois esse é

um modelo que mostra a relação entre dois grupos não regulados por normas. De acordo com uma tradição sociológica relevante, as normas identificam-se com a estrutura. A Competição Primária pode servir como advertência de que é perfeitamente possível estruturar as relações sociais entre indivíduos, mesmo que estas se desenrolem sem regras. Mesmo uma situação que aparece às pessoas nela envolvidas como o cúmulo da desordem faz parte de uma ordem social (Elias, 2018, p. 82).

Por mais que os brincantes e os Bois quisessem brigar, o objetivo não era matar o adversário como em uma Competição Primária. O objetivo nunca foi esse. A sociedade parintinense nesta época já estava sob influências das normas sociais e do estado, assim como também já possuía um autocontrole a ponto de saber até onde poderia avançar no jogo. No entanto, o lazer proporciona a vivência de fortes emoções (amor, raiva e medo) e a mistura da bebida provocava o descontrole das emoções e acabava em briga.

Naquele tempo que eles saíam nas ruas eles saíam e brincavam nas casas... vendiam a língua do Boi, quando se encontravam queriam brigar porque um queria ser melhor do que o outro, e aí terminava em brigas. Essas brigas eu acho que era uma rivalidade de um querer ser melhor do que o outro (Mário, entrevistado em 2022).

Entender que um Boi não existe sem o outro ou que não haverá mais emoção se deixar de haver rivalidade, é compreender o quanto Caprichoso e Garantido estão em uma relação devida a sua interdependência funcional.

Briga! Encontro de Bois. Se encontravam na rua e brigavam. Os brincantes brigavam. Mas fazia assim, o boi valente, o Boi ficava valente, mas era os brincantes que brigavam. Não acabou, quer dizer, antigamente, pra mim era como se tivesse uma ignorância passada. Hoje, já é cada um no seu cada qual, cada um, quer dizer, eu não vou no curral do Garantido também, também tem gente do Garantido que não vem no curral do Caprichoso. Morreu e não foi. Eu conheço 3 que morreram e não fui nunca foram: Maria Ângela, Paulinho faria, Emerson Maia. Nunca foram lá no Caprichoso. Nós fomos uma vez brincar numa das quadras do Garantido. Outra vez o Garantido veio aqui no CCE, que era do Caprichoso. Não era o curral, curral era na Rio Branco, mas era a área de brincar, se apresentar, era aqui na CCE, antes do antes do festival, do bumbódromo (Acinécio, entrevistado em 2022).

Podemos considerar também a figuração do Boi de Rua como um jogo de muitas pessoas em um só nível. Elias (2018) nos apresenta o modelo “(2d)” que mais se aproxima das características dos Boi-Bumbás na época dos confrontos nas ruas. Onde dois grupos jogam uns contra os outros “segundo regras que dão a ambos os lados oportunidades iguais de vencer” (p. 91), mas na confusão entre jogadas e contra-jogadas nenhum consegue exercer uma influência sobre o outro e

nenhum dos grupos consegue controlar o jogo. É preciso alguém de fora para colocar ordem, por exemplo, a polícia, uma marca da heteronomia presente no complexo do Boi-Bumbá para disciplinar as pessoas.

Na época da briga? Deus o livre, mana, mais de 10! Tinha apenas 5 soldados aqui em Parintins. Que a cadeia era bem aí defronte de onde é a catedral agora. Aí na João Melo, logo na entrada da Rua Amazonas, era a cadeia aí. E o encontro dos Bois foi em 43, no ano que eu já tinha 6 anos. Ele se encontrou, o Garantido e o Caprichoso. Caprichoso foi preso, não é? Prenderam muita gente do Caprichoso e tacaram fogo no Boi. Com ordem do delegado, porque o Caprichoso se meteu na frente do Garantido. Garantido vinha subindo. O delegado da época mandou tacar fogo no Caprichoso porque ele se apresentou na frente do Garantido e era proibido. Se o Garantido estivesse aqui na Rua Amazonas, o Caprichoso tinha que passar lá na outra rua, lá do mercado que era a 25 de dezembro, parece o nome, não é? Nem me lembro muito mais. E aí, quando foi nessa noite eles ficaram calados, sentados na beira da rua, do caminho, porque não tinha rua não, era caminho. E aí ficaram calados lá no escuro, porque a gente usava lamparina, não é? E o garantido vinha subindo aqui onde tem agora aquele prédio na Rua Amazonas, tu sabe, aí era mato. Quando o Garantido chegou bem pertinho, aí eles saíram de lá e aí formaram a roda deles e o Garantido veio. E aí, meu pai botou o Boi na cabeça e correu, se escondeu na casa da irmã dele, que era bem ali perto, porque ele só não queria que escangalhassem o Boi, né? Aí ele correu para lá, todo mundo estava acordado, que ainda era cedo da noite, aí ele se escondeu lá com o Boi. E aí, a porrada, comeu. Era porrada mesmo, porradau. E aí o “pessoal” vieram de lá, os soldados, que eram só seis soldados que tinha. Um, eu sei que o nome dele era Jacaúna, o mais forte... E aí foram levando, levando o pessoal do Caprichoso até que prenderam. Prenderam 30 e não sei quantas pessoas que eu não me lembro mais a quantia. Aí, prenderam lá e aí no outro dia “vem tacar fogo no Boi tal hora!”. Foram para lá dar... o restante eu não sei contar porque era aquela aglomeração, né? Era gente, gente, gente, gente foram assistir ao Caprichoso ser queimado. Em praça pública, foi 43. (Maria do Carmo, entrevistada em 2022).

Segundo Tenório (2016) essa rivalidade ficou ainda mais forte quando houve essa confusão generalizada em uma das ruas da cidade. Se antes os embates eram em forma de versos e brigas de touros ao redor da fogueira, nesse ano ganhou requintes de crueldade (nas palavras do autor).

Muita gente terminou machucada, brincantes e o próprio Boi Caprichoso terminaram presos, segundo o autor. No dia seguinte, o Boi Caprichoso “foi queimado em praça pública pelo Capitão-PM Idelfonso. A partir de então o Boi Caprichoso buscava vingar-se a cada temporada junina e o Boi Garantido, por sua vez, se defendia também atacando e a guerra prosseguia” (p. 127).

Houve muita confusão, muita briga. Ele não podia se encontrar na rua que quando se encontravam eles brigavam. Quando o Caprichoso vinha de lá e o Garantido ia daqui, eles se encontravam e podia sair da frente. Quem gostasse da briga ficasse. Eu como não gostava, eu ia embora, procurava o rumo de casa. Mas a turma contando como acontecia o negócio não era fácil. Era de se agredir com murro, pontapé, com as lanças que batia um no outro e muitas histórias foram relatadas por pessoas mesmo que brincavam, tanto no Caprichoso como no Garantido, e pessoas antigas. Não era jovem

não... lá da década de 30, mais ou menos. Aí eles contavam. Pra ter uma certeza, teve um delegado que mandou prender os 2 bois. Por esse motivo de saírem na rua e não saberem respeitar um ao outro. Tudo era na base do xaveco, da arrogância e... E aí, para evitar isso, ele chamou os dois Bois, e disse “Eu vou dar um prazo pra vocês, se você saírem na rua e voltar a brigar, eu vou queimar todos os dois na praça pública”. Aí quem queria perder? Ninguém. E aí tomaram uma decisão, um brincava até uma certa parte do meio da cidade e o outro vinha para o seu curral e vice-versa. E nunca mais aconteceu. (Júlio, entrevistado em 2022).

A segunda geração do Boi passou a compor a linha de frente (figura 9 e 10) nas brigas de rua. Era preciso controlar.

Figura 9 - Linha de frente do Boi Garantido no chamado Tabladão



FONTE: Arquivo Família Faria, pesquisa de campo 2022.

Figura 10 - Linha de frente do Boi Garantido e Toureiro no Tabladão



FONTE: Arquivo Família Lima, pesquisa de campo 2022.

A polícia entrevistava, prendia e entrava o Padrinho do Boi para providenciar a soltura dos brigões. Tenório afirma que essa figura surgiu entre os anos de 1949 e 1950 e era sempre um homem considerado rico que ajudava a pagar as contas do Boi apadrinhado.

Eu sou o padrinho do Boi. É uma personalidade que dava para a pessoa, por exemplo, eu, padrinho do Boi, eu ganho camisa, ganho ingresso, tudo o que o Boi tem eles me dão, mas também o que eu puder dar, uma churrasqueira pra ele, eu dou. Aí é isso aqui que é padrinho do Boi. O padrinho do Boi antigamente era dono porque não tinha dono o Boi. Tinha alguém que tomava conta da casa. O Luiz Gonzaga, por exemplo, no tempo de Luiz Gonzaga era o (incompreensível o nome) e Didi Vieira, todos dois já morreram. Tanto o (incompreensível o nome) como o Didi Vieira. O padrinho do Boi é para dar a comida para a churrasqueira da morte do Boi. Eles davam, eles doavam... Agora não, mudou tudo, depois que passou para o bumbódromo, como eu falei, já não tinha mais essa coisa de dar um mamote, um gado. Primeiro porque eu não tinha, não tinha gado pra dar, o Boi também já tinha um dinheirinho. Eu era padrinho do Boi sem o Boi ter um tostão e botava o Boi na quadra. Sem dinheiro nenhum. O primeiro ano que veio dinheiro pro Boi, ainda fui eu que fui buscar em Manaus com o Amazonino Mendes. Era duzentos mil pra cada um (Acinécio, entrevistado em 2022).

Atualmente, as figuras do padrinho e madrinha do Boi ganharam outro significado e função devido à institucionalização do Boi-Bumbá e por ele ter grandes patrocinadores, logo, hoje em dia não tem mais aquela responsabilidade que se tinha antigamente de custear a brincadeira dos Bois.

Olha, no momento eu sou madrinha do meu querido Boi Caprichoso desde a gestão do Babá. O termo madrinha ou padrinho existe no Boi há muitos anos. O padrinho era que arcava com toda a responsabilidade do Boi junto com os brincantes. O Boi foi evoluindo, a função do padrinho foi ficando diminuta, mas para não acabar, eles mantêm. E escolhe uma pessoa, no caso eu, Madrinha, o Acinécio ficou sendo o padrinho [...]. E a função da madrinha é quando eles convidam para uma reunião a gente participa, opina em alguma coisa, se for solicitado, caso não, ficam informando o que foi que aconteceu aqui, o que foi que aconteceu ali? O que der e vier, eu transo alguma coisa. Olha, agora que eu sou madrinha, né? Mas antes eu era pesquisadora, eu montava o Boi pro bumbódromo, pra arena desde 1982. Eu pesquisava, preparava os releases todos e entregava para apresentador. E essa foi a minha função até quando estreitou tudo, acabou, passou para outro conselho e nós ficamos, já para não afastarmos totalmente do Boi, nós ficamos sendo, eu, madrinha, Acinécio o padrinho (Odinéia, entrevistada em 2022).

Uma figura ícone do Festival de Parintins, mesmo depois de sua partida, é a Dona Maria Ângela Faria, ela era a madrinha do Boi Garantido.

A minha mãe, ela se apaixonou de uma maneira tal que redobrou o nosso amor pelo Garantido. Tanto que ela, todas as alvoradas e as vezes que o Boi saía, ela ficava esperando o Boi passar na casa dela. E ela passou a ser madrinha por uma denominação popular. As pessoas que iam acompanhando o Boi, na volta já para o curral, que passava na casa dela, ninguém ia para a catedral, o Boi vinha na Jhonatas Pedrosa e voltava, passava na casa dela. Eu tinha um apartamentozinho que era meu, ela

ficava lá na sacada, com a bandeira dela. Aí o pessoal "bença madrinha, bença madrinha!". Foi uma denominação popular. Não foi ela que se disse madrinha, não fomos nós, não foram os Monte Verde, foi o povo que passou a tratar de madrinha e tomava bença. "Bença, madrinha, Bença madrinha!", aí ficou, madrinha do Garantido. Foi isso que aconteceu, aí pronto (Zezinho, entrevistado em 2022).

Na Parintins da época que os Bois começaram a sair nas ruas, havia pouco policiamento na cidade, fato confirmado por muitos entrevistados. No entanto, ao olhar para o passado, reconhecem a importância de se continuar a ter a segurança pública envolvida em todo complexo de Boi-Bumbá para evitar que coisas do passado voltem a acontecer.

Bom, a tradição do garantido de rua que a gente sempre sai, que eu conheço, é para pagar a promessa, que é dia 24. Que é pra sair na rua. Dia 12, que é véspera de Santo Antônio, que é o Santo casamenteiro, né? Então, essas são as 2 coisas que, antes do festival acontece. Agora, já o atual, é Alvorada do boi é um outro movimento que surgiu dentro do garantido. Bom, agora já está mais civilizado, né? Porque a rivalidade na época, quando eu ainda era garoto, era meio, era complicada, era cheia de turbulência. Existia muita briga. Mas quando eu era bem jovem, só tinha seis policiais na época, quando eu comecei, só era uma viatura, um quando se pegava assim numa esquina, o papoco era feio. E aí? Não podia. Como que eles iam prender uma multidão que eles só eram os 6 policiais na época? (Rheck, entrevistado em 2022).

Os entrevistados reconhecem a importância da polícia para minimizar os riscos de agressões e brigas generalizadas durante as festas de Boi-Bumbá. É recorrente o pedido por segurança pública por parte dos entrevistados ao longo dos outros meses do ano também, e não somente na época do festival onde a segurança está mais voltada para proteger as pessoas que vem a cidade em busca do lazer.

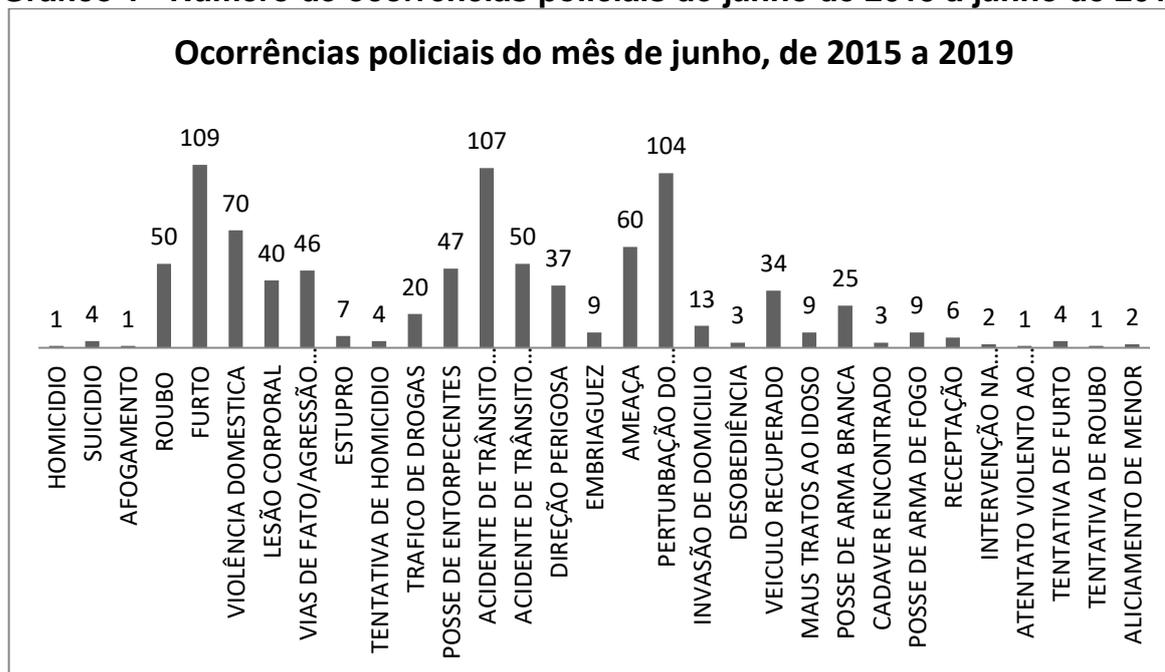
É sempre importante segurança. Tem muitas pessoas que não frequentam alguns eventos mais justamente por causa de segurança, às vezes. Graças a Deus, dificilmente a gente vê, acredito que nos dois bois isso, a gente não vê aquela violência mesmo que a gente vê por aí nos eventos do Boi. Às vezes é uma discussão ou outra que a gente já tá meio ligado, meio emocionado demais, mas não tem, eu num nunca ouvi falar que houve morte ou que o fulano atirou ou até mesmo os eventos, pode ser de pós Boi, nas festas em outros lugares tudo bem, mas assim nos eventos mesmo mas a segurança tem que ser importante também pra inibir. A gente sabe que hoje em dia a violência é muito grande e queira ou não queira eles inibem ainda a presença de pessoas que querem bagunçar nos eventos, essas coisas todas. Provar tanto é que quando chega o período do festival o governo do estado reforça a polícia, parece que a gente está numa Copa do Mundo, porque é gente pela água, pela terra, tem policial de tudo quanto é jeito. Acho que até Interpol ou o FBI tão por aqui nesse período. E justamente é por causa disso. Praticamente o estado ele se muda pra cá nessa semana do festival. Se você for ver, funciona tudo. É médico não sei da onde, tem, tem isso, tem aquilo, tem segurança, tem tudo. Acabou o Boi, ele leva aquela estrutura, e a gente perde, às vezes, um pouco. Tem sistema de câmera em toda a cidade praticamente, a internet funciona bem

nesse período, tudo funciona, luz, tudo funciona a água, não falta nada nesse período (Evandro Jr, entrevistado em 2022).

Em dados recebidos da Polícia Militar do Amazonas e em conversa com policiais do Batalhão, as ocorrências no período “bovino” são diferentes das de antigamente. Como os dados foram perdidos devido a digitalização dos processos, só foi possível observar os dados de 2015 a 2019 (época em que não teve festival devido a pandemia do Covid-19).

Pela planilha cedida à presente pesquisa foi gerado o gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - Número de ocorrências policiais de junho de 2015 a junho de 2019



FONTE: elaborado pela autora a partir da planilha cedida pelo 11º Batalhão da Polícia Militar de Parintins (2021).

Os dados demonstram que as ocorrências policiais estão mais relacionadas a furto (109), acidentes de trânsito (107), perturbação do sossego alheio (104). Mas registros como os de antigamente não foram registrados.

Foi unânime também a resposta dos entrevistados quando perguntados se os turistas frequentariam ao festival se ainda fossem nos moldes dos embates nas ruas que o povo conta. Os entrevistados que vivenciaram o período do Boi-Bumbá que brigava nas ruas nos disseram que hoje em dia está melhor a brincadeira sem esses atritos, pois, ninguém melhor do que quem vivenciou a história para comparar.

Poderíamos dizer que sim, porque se você não conhece aos dois lados da moeda, você não pode saber o que é melhor. Não é verdade? Como é que eu sei que não era bom? Porque eu conheci o melhor agora. Depois de novas gerações se apresentarem dentro do Boi-Bumbá, pessoas já mais

educadas, isto é, mais frequentes a educação, porque Parintins é uma coisa que eu mais admiro. A educação de Parintins ela é assídua, ela é, como posso dizer, ativa. E os professores em Parintins, os educadores trabalham nesse sentido de desenvolver uma cidade cultural que traga desenvolvimento econômico, cultural, social e familiar e por que não dizer espiritual? Porque Parintins, podemos dizer, que é uma ilha cercada de padre por todos os lados. Muitas igrejas nós temos (Raimundo, entrevistado em 2022).

O processo de manter a narrativa das brigas nas ruas presente nos nossos dias é o meio de colaborar para que não se repita, pois esses fatos antigos, apesar de serem contados em tom jocoso, muitos não gostariam que acontecesse novamente.

Na verdade, isso aí é uma fase importante para essa ascensão dos Bumbás, porque essa rixa que a gente chama, ela serviu para dividir a cidade, não é? Então criou uma base muito sólida para que o festival ele fosse realmente uma brincadeira que é até hoje. É diferente das outras cidades, dos outros centros, porque aqui é a cidade que se divide realmente, então não tem a opção, ou é Garantido ou é Caprichoso. Então, é por isso que ela tem uma importância muito grande no campo cultural, social e artístico também (Rob, entrevistado em 2022).

Com o passar dos tempos, no decurso do processo civilizador que tende cada vez mais à individualização dos seres humanos, a identidade-nós (Elias, 1994b) – sentimento de pertencer à determinada figuração, como à família, à agremiação folclórica – vem sendo obscurecida ou ocultada pela identidade-eu e talvez seja isso uma das responsáveis pelo fim das brigas nas ruas da cidade por causa de Boi-Bumbá.

2.2 A divisão dos territórios

Dos resquícios da rivalidade da época, a cidade ainda é dividida em dois territórios simbólicos: o do Caprichoso e o do Garantido.

Desde o início a festa teve como diferencial a rivalidade acirrada entre os dois. Contam os mais antigos que, ao saírem nas ruas da cidade, dançando no ritmo de toadas (música criada para decantar o tema) ao redor de fogueiras dispostas previamente nas frentes das casas, inevitavelmente se encontravam e, esse encontro dos dois grupos de brincantes sempre acabava em briga, na maioria das vezes com lutas físicas e até pauladas. A cada vitória ou derrota, os bois saíam às ruas para comemorar a vitória almejada ou a derrota obtida e, eram nessas “passeatas” que aconteciam as brigas. Essa rivalidade só aumentou no decorrer da brincadeira e, para evitar os confrontos, o “território” de cada um foi se delineando naturalmente, dividindo a cidade literalmente em lado azul (da Catedral ao bairro da Francesa) e lado vermelho (da Catedral à Baixa do São José). (Pires, 2014, p. 103).

Na figura 11 podemos ver a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do município que está localizada bem no centro da cidade e ela marca até onde um Boi-Bumbá pode ir (simbolicamente). Para o lado de cima da cidade, como os antigos chamam, fica o lado vermelho e para o lado de baixo fica o azul, Garantido e Caprichoso respectivamente. Essa demarcação territorial já foi muito rígida.

Você não passava dali da catedral, Cordovil para lá, de azul. Assim como não passava de vermelho para cá. Você tá entendendo? Isso aí realmente era muito restrito, mesmo. Hoje em dia, não. Hoje em dia é mais maleável, entendeu? Hoje em dia eu já posso ir com uma camisa do caprichoso pra lá, entendeu? Eles já vêm, com a do garantido para cá, entendeu? Hoje em dia já está mais, em outras palavras, civilizadas, não é? (Cláudio, entrevistado em 2022).

Figura 11- Vista aérea da cidade de Parintins



FONTE: fotografia tirada com *drone* e autorizada por Everton Macedo (2022).

Um lado ou outro da cidade está diretamente ligado à identidade e importância que se dá a um determinado Boi.

Eu me lembro da minha avó quando era viva, até hoje tem a bandeira dela e tinha que hastear quando chegar o período do festival. Eu tinha que hastear a bandeira dela, porque antigamente era assim. Porque eles falavam que era pra marcar o território (Evandro Jr, entrevistado em 2022).

Essa relação, segundo Neves (2007) - que aborda a questão do território e territorialidades no Festival Folclórico de Parintins - “manifestada através das cores de cada agremiação, demonstra onde começa e acaba o território de cada um, uma vez que simultaneamente traduzem uma apropriação espacial” (p. 101).

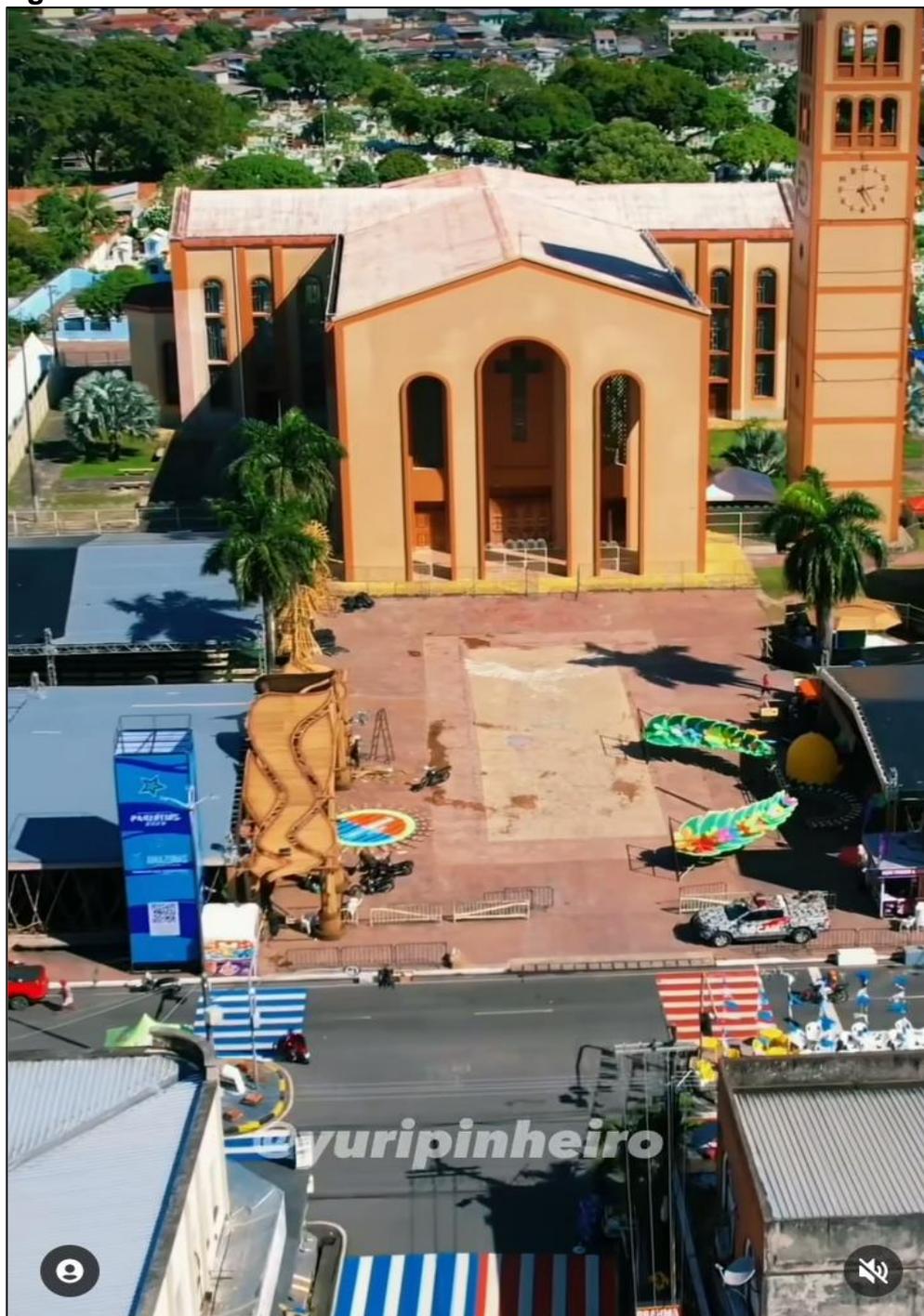
Na época, o prefeito de Parintins era o senhor Gláucio Bentes Gonçalves. Então, ele morava numa ilha ali no matadouro, matadouro é onde abate o boi para vender aqui em Parintins. Então o Garantido veio lá da baixa do São José pra dançar na casa do prefeito, que era Garantido. Quando chegou aqui no canto de casa. Que é o Boi Caprichoso, que era o curral do Boi Caprichoso, aqui a 50 metros, o Caprichoso não deixou ele passar. Entendeu? Aí foi o maior "porradau" da cidade. Então o Garantido, por infelicidade dele, ele correu para casa da Vovó Silva. A Vovó Silva era que morava aqui ao lado de casa vizinha e era Caprichoso doente. O que ela fez? Deu um banho de água quente no Boi Garantido. Naquela época. Essa história é muito tradicional aí do Garantido e do Caprichoso. Foram os torcedores, os torcedores, porque naquela época, Parintins só existiam dois policiais, então, naquela época tinha família do João Nossa, do Zé Nossa. Então eles andavam, tinha pouca luz em Parintins, não tinha quase luz, a luz era lamparina que, quando o Caprichoso saía na rua, o Nioka era uma figura tradicional do Boi caprichoso porque carregava várias de lamparinas na ponta de uma vara. Então, nessa época, o João Nossa, Joaquim Nossa, o seu Mundinho... nessa época, eles andavam de cavalo pela rua de Parintins, protegendo o Boi Caprichoso, mas cavalo de verdade, com revólver na cintura. Entendeu? Então, nessa época, eles atiravam muito para cima, olha nesse dia foi um tiroteio, mas não era assim, para matar ninguém. Era tiroteio para cima. Você sabe que quando se fala de bala não fica ninguém né? Então quando eles atiravam, não ficava ninguém. (Cláudio, entrevistado em 2022).

Por mais que não esteja explícito através das cores, sabe-se qual é o lado de cada Boi-Bumbá revelando as relações de poder com esse espaço que se configura. As casas, os postes de iluminação pública, as calçadas, as bandeiras penduradas tudo remete às cores de seu Boi-Bumbá, como citado por Raimundo.

Quando eu cheguei aqui nos anos 70, já para o início dos anos 80, eu já estava mais envolvido em participar das festividades do boi de rua. E a cidade de Parintins era dividida em 2 alas: a ala que ficava aqui bem no centro, onde tem a rua João Melo, na frente da catedral, na metade da Catedral para a fundação SESP, para o Jofre Cohen (quem conhece Parintins sabe do que eu estou falando) pra descida, para baixo, que vai justamente para o Jofre Cohen, daí lá para Santa Clara etc. Esse aí era dividido. Não passava ninguém do Garantido para lá. E da metade do lado do lado do Garantido, que vai para a baixa do Garantido, que vai lá para onde hoje é o curral do Garantido. Também, todos os postes, árvores na metade do seu caule eram pintadas das suas cores vermelho e branco, e do

lado aqui era azul e branco, do lado que fica o curral do Caprichoso e dava-se briga (Raimundo, entrevistado em 2022).

Figura 12 - Divisão da cidade de Parintins entre os dois territórios



FONTE: Captura de tela do vídeo de Yuri Pinheiro, 2023.

Atualmente, a prefeitura investe em pintura das faixas de pedestres (figura 12) e de passeios públicos, assim como os moradores mais apaixonados investem na pintura de suas casas (Neves, 2007). Grandes marcas patrocinadoras não ficam de fora desse simbolismo e fazem seu marketing pensando nessa divisão territorial e nos torcedores mais apaixonados que preferem produtos nas cores de

seu boi (figura 13). A rivalidade tornou-se uma oportunidade para a venda de muitos produtos que se adaptam em Parintins.

Olha, para você ver, por exemplo hoje, no nosso festival, a única cidade que a Coca-Cola muda as cores é Parintins, não é? Inclusive a nova patrocinadora agora é a Boêmia. Então, a boêmia, ela não mudou a cor porque ela é neutra, mas na latinha vem agora o Boi. O Boi Caprichoso e o Boi Garantido. Então, é essa parte que teve que acabar essa rivalidade para poder trazer esses patrocinadores. Senão, se houvesse ainda, como antigamente, muita coisa não teria acontecido e porque acontecia muita coisa (Benedita, entrevistada em 2022).

Figura 13 - Produtos de produzidos para comercialização durante o Festival Folclórico de Parintins



FONTE: edição de imagem elaborada pela autora (2019)

Todo entrevistado que contou sua história de um confronto na rua, acabou comparando aquela época com o que acontece hoje, isso faz parte do processo civilizador onde aos poucos a rivalidade foi canalizada para outras vertentes consideradas hoje “mais saudáveis”.

Olha, histórias de confronto, contadas pela Maria Célia Nascimento Cid. Então, ela me contava que houve um confronto aqui na Rio Branco. Caprichoso brincando aqui na casa que era do seu Cardoso, já morreram todos já, só está aí já os netos, aqui na beira do rio que foi de Chico Ianuzzi e agora é o neto que mora aí. O Garantido estava brincando lá e o Caprichoso vinha se aproximando para chegar para o curral dele, que tinha que entrar pela Rio Branco para poder ir para lá pelo beco. Aí alguém conta:

“olha, o Garantido disse vai passar na Rio Branco”. E quando o Caprichoso aperta o passo para chegar primeiro, o Garantido já vem se aproximando para entrar. Foi uma confusão tão grande que eu digo assim, que as lanças voavam como se fosse bruxas no ar. Porque a parte que tinha as faixas das lanças tremulavam, o povo contava, respondiam, eu acho até que fazendo graça que era como se fosse bruxas voando no ar e todos os quebrados se confrontava aqui no SESP, que era aqui na frente. Depois passou pro Jofre Cohen. Aí era do Garantido e do Caprichoso, porque eles batiam... ela cara ferida, cabeça quebrada, ovo. Graças a Deus, isso acabou. Hoje um respeita o outro no bumbódromo já, ninguém agride ninguém. Às vezes eles têm vontade de dar um grito, mas tem que recolher o grito, porque se não perde ponto, então, por força de regulamento, a gente já não se ofende mais (Odinéa, entrevistada em 2022).

No processo de brincar de Boi, pela cidade, os Bois-Bumbás foram conquistando seus territórios nos arredores dos seus currais. O Boi Garantido sempre esteve localizado na Baixa do São José, parte de cima da cidade, onde morava seu fundador Lindolfo Monte Verde e lá permanece até os dias de hoje. Já o Boi Caprichoso, andou um pouco por toda a cidade por que teve vários donos.

Então ele andou um pouco. O Caprichoso ele tem uma história mais ampla, porque ele não nasceu aqui e se criou aqui e vai... Desculpa, tu é do Caprichoso ou do Garantido? É brincadeira. Aí eu brinco com os meninos do Garantido que vai morrer atolado, Caprichoso ele buscou áreas, fez em cinturão azul em Parintins (Odinéa, entrevistada em 2022).

Atualmente, a questão da rivalidade é deixada mais para dentro da arena. Conforme vários relatos das pessoas entrevistadas, a convivência e o trânsito de torcedores do Boi contrário é aceitável nas outras áreas da cidade, mas tem regras para se frequentar o curral dos bois por exemplo. Por mais que você exerça sua autonomia de poder sair de uma figuração para outra, ela vai exercer uma heteronomia sobre você. Sendo assim, as pessoas adotam cores neutras para ir ao curral adversário ou em eventos do outro boi em outros locais. Existem placas de aviso que expressam a proibição de entrar usando as cores da agremiação rival.

Olha, o antigamente era o fato agressivo em si, né? A gente tinha, como eu falei, não era agressividade por agressividade, existiam alguns pontos que foram verberado com relação aos escritos posteriores, mas existe ainda muita rivalidade com relação principalmente no período do festival. Então, hoje em dia eu posso ir no Caprichoso, posso, mas não posso ir de vermelho. Não só questão de respeito mas como de rivalidade, né? Eu não pertencço àquela cor, tanto que o Caprichoso também não vai de azul no Garantido. Então, respeitar as cores em cada localidade e pessoas que ainda arrumam suas casas, isso para mim são fatores de rivalidade. Mas é aquela rivalidade que não te desrespeita. Acredito que não existe um desrespeito. Se eu não gosto do Caprichoso, eu vou cantar uma música de desafio, um verso de desafio, mas não é porque ele está cantando que eu vou apedrejar, eu vou jogar, eu vou falar alguma coisa dele, mas existe muito ainda. Talvez seja um tempero do festival, não é? É como time de futebol. Eu posso sentar do lado de um corinthiano ou de um palmeirense, mas começou o jogo, é cada um salvando o seu. Acredito que essa

rivalidade também ainda acontece no festival (Suzan, entrevistada em 2022).

2.3 A formação de figurações

Já vimos que há figurações de pessoas de muitos tipos. Em Parintins, com o processo da brincadeira de Boi nas Ruas, muitas figurações foram sendo formadas. Famílias foram transformando-se em torcedores do boi Caprichoso ou do Boi Garantido. Até a terceira geração do Boi-Bumbá, ainda era comum você encontrar famílias de pessoas que eram todas torcedoras de um único boi.

Nessa decisão por torcer por um dos Bois foi ficando mais acirrada do que a torcida por um time de futebol, por exemplo. Em Parintins, é até comum as pessoas trocarem as cores de seu time pela cor do Boi, onde uma pessoa do Garantido prefere torcer para o Flamengo e um torcedor do Caprichoso prefere torcer pelo Vasco. Mas o contrário também acontece.

Com certeza existe a rivalidade, só que de uma forma mais social né? Hoje você ou alguém da sua família, se você é Garantido, você não veste uma roupa azul. Isso é uma coisa instintiva. Eu, por exemplo, sou Garantido, mas eu não uso uma camisa azul. Eu sei que uma coisa não tem nada a ver com a outra, mas é um instinto que a gente tem, não é? E existem famílias assim também. Assim como o Flamengo não veste uma camisa do Vasco, o Vasco não veste uma camisa do Flamengo e a gente também, quem é Garantido, é Garantido. Quem é Caprichoso evita até os contatos assim de visitar os galpões. Até porque é de respeitar o território do outro, não é? (Rob, entrevistada em 2022).

As futuras gerações já seriam introduzidas em uma figuração existente, como “contam em Manaus que o parintinense é tão vidrado por bumbá que, ao nascer uma criança na cidade, antes de perguntar se é menino ou menina, perguntam: é Caprichoso ou Garantido?” (Loureiro, 2015, p.353).

Quando eu era criança, por volta de 1995, lembro-me de ir com meus pais aos ensaios do Boi Garantido. O curral do Boi – lugar onde são realizados os ensaios, verdadeiros redutos das agremiações folclóricas – ficava na rua que passa atrás da casa de minha avó, onde morávamos, a um quarteirão. Minha mãe me vestia com um macacão de listras vermelhas⁵ e brancas, ela vestia sua blusa vermelha e meu pai sua camisa vermelha de seda. Íamos andando e lá minha mãe me colocava em cima de uma estrutura para eu poder enxergar melhor as apresentações dos artistas. Ela ficava se “balançando” no “dois prá lá, dois pra cá”

⁵ O vermelho simboliza a figuração de uma família torcedora do Boi-Bumbá Garantido na qual fui inserida quando nasci, assim como o azul simboliza o torcedor do Boi-Bumbá Caprichoso.

que o ritmo das toadas ditava, enquanto meu pai tocava um grande tambor, até ficar exausto e suado com sua camisa de seda que desenhava seu corpo jovial. Ele não fazia parte da batucada⁶, apenas trocava de posto com um de seus colegas que precisava sair naquele momento, mas ele se divertia batendo tambor, mesmo que no outro dia estivesse com os braços doloridos. Das visitas constantes nos ensaios durante minha infância, inseri-me na figuração do Boi Garantido como torcedora.

Existem casos de, em uma família que torce para o Caprichoso, um filho que preferiu torcer para o Garantido e vice-versa, afinal, o indivíduo tem autonomia relativa que lhe permite “desligar-se de determinada figuração e introduzir-se em outra, mas se e em que medida isto é possível, depende do fato das peculiaridades da figuração em questão” (Elias, 2006, p. 27). Evandro Junior nos conta que a questão da rivalidade

foi parada, acho que foi a evolução do tempo mesmo que foi parando. Como eu estou te falando. Antigamente tu era vermelho, era vermelho mesmo, não tinha essa de azul. Muito do que se fala ainda hoje com relação a "ah não sei o que, daqui pra cá, da Cordovil pra cá é Caprichoso, da avenida da fé aqui. Esqueci o nome da avenida da fé, como que chama, né? Daqui pra cá é Garantido, daqui pra lá é Caprichoso. Antigamente poderia funcionar, mas hoje com evolução do tempo... Se você pegar lá dos primórdios, o homem ele vem evoluindo e com isso aquelas pessoas que realmente a família, quando era antigamente, o pai determinava, os pais determinavam. Que num tinha muito essa opção de escolher o teu Boi. Tu já era, tinha que ser daquele Boi que a tua família era. E com o tempo a gente vê até agora o processo todo ele vai se perdendo um pouco nessa questão de fanatismo, de brigas se você for ver as grandes discussões que tem, são muito mais aquele povo raiz mesmo do Boi, a nova moçada ali, aquela a turma mais jovem, pra eles não tem muito essa rivalidade. A não ser aqueles que algumas famílias ainda criam dentro de si, da família, a rivalidade. Desde que não aceita aquilo, que não pode fazer isso, o famoso saudosismo. "Ah, no meu tempo não era assim... no meu tempo esse negócio aqui não podia, porque ia terminar na porrada". Hoje em dia não, você vê hoje festa que as pessoas frequentam, livremente, o que ainda se mantém é a questão não entrar de vermelho no azul e nem de azul no vermelho. Mas frequentam, fazem festa, os próprios cantores, levantadores, fazem o show, eles já cantam música dos dois Bois, então vai se tendo essa mudança de rumo do festival. E eu penso que futuramente, fica os que são os antigos, que eram raiz mesmo, daí são bem poucos os filhos que vão ficando com isso. Eu num me importo, eu ouço os dois Bois, mas eu sou azul. Mas eu brinco pra cá, dificilmente eu vou pra lá, mas eu tenho amigos, se for preciso ir, eu vou, mas sem problema nenhum. Não tem muito aquela coisa, "não, não posso, não, não vou, não, porque não sei o que". Mas é bem difícil, geralmente eu brinco Boi mais pro meu lado, como diz o pessoal. Mais lá pro lado Caprichoso. A gente participa, tem evento, essas coisas, a gente sempre vai. E isso é uma coisa que vai passar de pai pra filho, literalmente. Eu já tenho meu filho, pra ele, o Caprichoso é a melhor coisa do mundo. Ele quer estar lá na frente, ele quer estar no ensaio, essas coisas, então vai passando. É uma coisa que ele já está... pra ele, na escola dele ele não senta em nada se não for azul, as cadeiras são coloridas né?

⁶ Conjunto de ritmistas do Boi Garantido; no Boi Caprichoso são chamados de Marujada.

Quando ele chega se tiver alguém na azul dele lá, tem que levantar pra ele sentar. Eu tenho hábito também, dificilmente eu uso vermelho. Aí esse também já tem essa coisa, ele não gosta de nada vermelho pra ele, assim como meus outros sobrinhos. Aí então vai, mas esse é mais o convívio da família, mas tu não vai direcionando como antigamente. Aí de ver a gente dum lado, eles vão. (Evandro, entrevistado em 2022).

Outra entrevistada que é torcedora do Boi Garantido teve uma difícil decisão a ser tomada. Ela que nunca tinha pisado no curral do Caprichoso, teve que vestir-se de preto e levar seu filho para concorrer à tripa mirim do boi e torcer por ele.

aqui em casa meu filho é do contrário [fala com voz e rosto triste]. Ele tem essa ligação com o Boi azul, que eu acho que eu foi da escola, ou porque o melhor amigo dele é do Caprichoso, então se tornou um pouco problemático isso. Porque a gente não espera, né? No início a gente tentava incentivar pra ele não ser do outro Boi ele queria comprar a camisa, ele queria sandália e a gente ficava evitando, mas aí é a avó disse que não adiantava, que ele gostava e aí ela começou a dar camisa, dar chinelo... Foi por ela... Ela que começou a dar os acessórios, aí depois o pai dele começou a prometer que levaria no ensaio, aí levou, e, enfim, a gente faz bagunça com ele. Eu ainda nunca consegui acompanhar ele lá, mas ele está concorrendo para ser o tripa mirim do Caprichoso domingo. Mas aí eu tô incentivando, claro, não é? para que, enfim, ele seja feliz no que ele quiser torcer. Nunca entrei lá no curral, não me sinto confortável. Por causa da aversão, mesmo ao contrário. É questão ideológica mesmo. Torcedora fanática (Cristina, entrevistada em 2022).

Mas os tempos mostram-se outros a cada dia. Cristina conseguiu ir ao curral do Caprichoso torcer pelo seu filho que acabou ganhando o concurso para tripa Mirim. Isso demonstra o quanto a civilidade entre os torcedores do Boi Caprichoso e do Boi Garantido se transformou de modo que seus brincantes pudessem conviver até mesmo sob o mesmo teto,

até porque eu, no começo, como eu falei, que eu já fui do Garantido. Hoje sou do Caprichoso, mas o meu esposo é Garantido, então todas as festas do Garantido que ele for participar eu vou. E quando é a festa do meu boi Caprichoso, ele vai comigo. É aí a gente só faz participar das duas festas agora (Maria Betânia, entrevistada em 2022).

Outros acontecimentos também acabaram unindo por um instante as duas figurações em uma só, a parintinense, levando o Boi Garantido ao reduto do Caprichoso e vice-versa, principalmente durante a pandemia.

3 DE PARINTINS PARA O MUNDO VER - A FIGURAÇÃO DO BOI DE PALCO/ARENA



*Vem viajar, vem mergulhar
Vem conhecer a ilha da fantasia
Vem brincar de boi
Vem viajar, vem mergulhar
Vem conhecer a nossa festa
No meio da floresta
É a magia que encanta o mundo
A arte, o folclore, o sonho
Das lendas, dos mitos, das crenças, das danças
Me apresento para o mundo
Sou o boi Caprichoso e vou mostrar
A nossa festa de boi é magia que vai
Te encantar*

(Adriano Aguiar/Geovane Bastos/Rozinaldo Carneiro)



*Nosso boi Nossa dança xipuara
Caiu no mundo
Tá mostrando nossa cara
Atravessou pro outro lado do oceano
Ficou famoso meu valente boi de pano
Que era só da velha Tupinambarana
Que se apoiou na fé de seu Valdir Viana
Mostra pro mundo seu folclore como é
Na baixa do São José
Macio feito pêlo de coelho
Meu boizinho é todo branco
Só na testa tem vermelho
É perigoso porque rouba coração
Por isso é o boi do povão
Sou Garantido, sou vermelho é
De Parintins pra todo mundo ver
Vem me ver
Vem me ver*

(Jorge Aragão/Ana Paula Perrone)

As brigas entre os grupos rivais Caprichoso e Garantido só aumentavam e era preciso frear essas manifestações violentas. Estava cada vez mais perigoso sair de casa para brincar de Boi, correndo o risco de acabar no hospital ou na prisão. Foi quando o grupo Juventude Atlético Católica (JAC) interviu para organizar a brincadeira de rua dos Boi-Bumbás.

A ideia era angariar recursos através de um festival para a construção da catedral de Nossa Senhora do Carmo, padroeira do município, também era preciso controlar os brincantes, coisa que não aconteceu de imediato. Caso isso não acontecesse, talvez não tivéssemos mais o Caprichoso e o Garantido no folclore parintinense, afinal, que pessoal, na sociedade em que vivemos, teria coragem para frequentar um espaço que não lhe oferecesse segurança em seu momento de lazer?

3.1 Das ruas para as quadras da cidade

O Boi e seus brincantes que percorrem as ruas geralmente guiam-se pelo tempo da natureza, isto é, pela duração da lua no céu. Eles começam a se reunir depois que o sol se põe e saem às ruas para brincar nas fogueiras até o alvorecer

com pouquíssima preocupação com a rigidez do tempo cronometrado no relógio. Quando não tinha luz elétrica na cidade, eles usavam lamparinas para guiar seus caminhos até o amanhecer.

A partir da inserção do Boi-Bumbá em um espaço fechado como as quadras da cidade, o tempo do relógio passou a gerenciar os modos da brincadeira. Haveria um tempo de apresentação para cada Boi. Assim, um se apresentava enquanto o outro aguardava sua vez. Mas, os resquícios da violência instalada no Boi-Bumbá do século XX ainda prevaleciam.

Ainda me lembro de uma cena... Do passado, eu me lembro que ainda quando o vovô era vivo, o fundador do Boi, o Lindolfo Monte Verde, nesse tempo os Bois saiam na rua para brincar de casa em casa e tal. Mas no contexto dessa cena que eu presenciei, o Boi já se apresentava ali na quadra da Catedral. Então, quando a gente chega ali perto do Cine Teatro da Paz, por ali, na avenida Amazonas, o Caprichoso aparece bem na esquina da Clarindo Chaves, que é entre a praça da catedral e o shopping catedral, pela avenida Amazonas. Então se canta aquela toada do Garantido: "*pau, pau, pau eu quero ver, não tenho medo. Pau pau pau eu quero ver, não tenho medo*", aí começa a grande briga dos dois Bois, porque quando eles se encontravam, acontecia isso. Acontecia briga mesmo, hoje não, a briga já é de outra forma, através da competição no bumbódromo. Naquele tempo, se os dois se esbarrassem, brigavam mesmo, então teve pau. No Garantido, tinha alguns personagens da época que eu me lembro e que eram pessoas fortes pro contexto da época e a gente até pode enfatizar isso porque era briga, né? Então ganhava aquele que tinha homens mais fortes, não é? Do lado do Garantido tinha o Zé Afonso, que ainda está vivo. Tinha o Dedé Machão, que já morreu, Dão Machão, que desse tempo ainda brincava no Garantido, depois foi pro Caprichoso mas era Garantido. Então, esse pessoal, o Porrotó, o Áureo, o Maximiano, eram batuqueiros, mas também eram a linha de frente do Boi. Nesses encontros, onde acontecia briga. E eram cenas, que para o contexto atual não é bom pra Juventude para motivar essas questões, mas só para dizer que o Boi perpassou por esses momentos, não é? Já era um tipo de competição, mas ali já acontecia a competição. Na quadra da catedral o Garantido ia para se apresentar. O Caprichoso também nessa noite ia se apresentar, só que não era para ele aparecer ali ainda, né? Era para ele ter deixado o Garantido entrar, depois, mais tarde ele aparecesse, quando o Garantido que saísse, tinha um tempo e aí ele entrava também, por uma porta, que não era nem um portão. Me lembro muito bem. Eu deveria ter uns 14 para 15 anos. E era uma porta muito estreita por onde passava ali e dava acesso para a Quadra chamada catedral. Lá acontecia, acho que já as competições de boi, então, são momentos assim, do tempo passado, né? que a gente ainda presenciou [...] (Ronildo, entrevistado em 2022)..

Segundo relatos dos entrevistados, as brigas tomavam conta do cenário do Boi-Bumbá. Não foi do dia para a noite que se chegou ao ideal de comportamento em público nas apresentações e nem se sabe se chegamos ao ideal, pois trata-se de um processo cego e sem fim aparente, mas já estamos distantes do que foi.

Estando dentro do processo, colocamos nossa lente para olhar para o passado e percebemos a ação do tempo nas condutas dos parintinenses e brincantes dos bois. Elias (1998) chama a atenção para a institucionalização do tempo através do relógio e do calendário, onde pouquíssimas sociedades orientam-se pelo tempo natural, do sol e da lua. Na época em que Parintins começava a usufruir um tempo para o lazer através do Boi-Bumbá, a maioria dos moradores da cidade tinham como ocupação a pesca, o comércio, a caça etc., logo, eles tinham mais autonomia relativa para dedicar parte do seu tempo a atividade mimética que é o lazer para renovar suas emoções.

Convém destacar o trio das emoções (Elias; Dunning, 2019): medo, amor e raiva. Somente as crianças de todas as sociedades revelam suas emoções, com o tempo, como parte de um processo de diferenciação, gradualmente começamos a seguir um padrão generalizado. Segundo Elias e Dunning (2019), quando atingimos a idade adulta, não anulamos nossa sensibilidade, apenas determinamos qual será nossa ação de acordo com a situação. É no lazer que essas emoções podem ser externadas, se assim permitido.

A raiva é uma emoção que incita a defesa pessoal e por isso contribui para a sobrevivência (Rezende; Coelho, 2010), ela pode surgir do sentimento de humilhação e também pode transformar-se em ódio e ira. Fazer com que o fluxo da agressividade ocorra em canais socialmente aceitos é uma maneira de cultivá-la, fazendo-a florescer, e de cultivá-la, domesticando-a. Um exemplo disso é o Boi-Bumbá de Parintins, que nos primórdios acontecia nas ruas e resultava em emoções do tipo sério, com agressão física entre os torcedores ou brincantes.

Considerando que as emoções são pensamentos sentidos em nossos corpos no rubor, na pulsação, no estomago, na mente... são também pensamentos *incorporados*, práticas sociais organizadas por histórias que encenamos e contamos (Rosaldo, 2019), os sentimentos não podem ser classificados em um tipo de conjunto universal, pois cada indivíduo reage de maneira diferente do outro de acordo com sua personalidade, de como se entende que a coisa aconteceu para construir uma opção de resposta.

A raiva sentida pode ser expressa, mas se negada ou - pior ainda - reprimida, é "voltada para dentro" de uma maneira que pode levar a qualquer coisa, da melancolia à explosão. Podemos "desabafar" a raiva, arbitrariamente, em inocentes infelizes dentro de nossa visão. Podemos "negar" sentimentos verdadeiros e, em consequência, sermos condenados à agitação interna. Mas o que não podemos fazer são duas coisas comuns

entre os ilhéus filipinos que eu conheci: não podemos ser "pagos" por "raiva" cuja expressão se mostraria indesejável. Os Ilongots entenderam que os sentimentos podiam estar escondidos. Mas eles não pensam em afetos ocultos ou esquecidos como energias perturbadoras reprimidas; nem vêem em ações violentas a expressão de uma história de frustrações enterradas em uma mente fértil, mas inconsciente (Rosaldo, 2019, p. 39)

Ao contrário da humilhação e do medo que podem gerar impotência no indivíduo diante de uma situação, a raiva e o desprezo podem desencadear a agressão física (violência), mas levemos sempre em consideração que as emoções não são sentidas da mesma maneira em todas as pessoas ou corpos.

Eu assisti uma briga depois que deu o resultado no Parque das Castanholeiras que o governador José Lindoso deu a vitória do Caprichoso. O Garantido não gostou e saiu quebrando tudo o que ele encontra pela frente. Vieram de lá do Parque das Castanholeiras, subindo aqui... tudo que encontrava na frente eles quebravam. E eu sei porque eu vi a hora que deu o resultado e a confusão foi muito feia mesmo (Julio, entrevistado em 2022).

A raiva, segundo Mazzetti e Freire Filho, “só pode ser pensada como uma emoção “extrema”, uma afronta a ordenação social” (2020, p. 20). Segundo Hochschild (2013, p.169), as regras sociais “são vistas como aplicáveis ao comportamento e ao pensamento, mas raramente à emoção ou ao sentimento”, assim, fatores sociais afetam o modo como as emoções são geradas e expressas. De tal modo, tentamos sempre gerenciar aquilo que sentimos de acordo com regras implícitas.

As maneiras como a expressão da raiva podem ou não ser consideradas apropriadas são governadas por normas culturais que regem relações sociais e se fundam em dinâmicas de poder. [...] o que determina se a raiva é justificada ou não envolve uma série de circunstâncias que extrapolam o indivíduo raivoso. (Mazzetti; Freire Filho, 2020, p. 27).

Este sentimento ocupa um lugar no campo das emoções hostis, mas não tão extrema quanto o ódio ou tão corrosiva quanto o ressentimento. Ela pode ser socialmente justificada ou até mesmo enaltecida, pode também ser considerada uma emoção moral ligada ao senso de justiça (Mazzetti; Freire Filho, 2020).

Observemos o caso do Boi-Bumbá de Parintins. No que tange à emoção de raiva, temos sua expressão através dos confrontos entre os torcedores. A rivalidade hoje negada por muitas pessoas que fazem parte da brincadeira, ainda resiste através do simbólico. A violência de antigamente, transformou-se a cada dia em uma brincadeira saudável com “alfinetadas” nos torcedores do Boi Contrário, a reação a isso varia de pessoa para pessoa, podendo, nos dias de hoje, ainda levar a agressões, mas são casos isolados.

Na verdade, quando não existia essa disputa, não existia bumbódromo. Existia sempre uma quadra, um local onde se disputava e havia sempre uma rixa mais acirrada, inclusive quando os Bois se encontravam nas ruas da cidade e aquela briga individual de cada participante que envolvia a família brincante. Era um quebra pau. Um quebra pau que às vezes ocasionava até alguma coisa mais grave como quebrar a cabeça de alguém, não sei o quê, não sei o quê... Essa rixa, com o passar do tempo, ela foi se amenizando e se socializando (Rob, entrevistado em 2022).

Naquela época, as brigas poderiam gerar tensões significativas nos brincantes como excitações agradáveis e também excitações do tipo sério como relata Cavalcanti (2000, p. 1030), pois “os Bois brincavam em terreiros e saíam nas ruas onde confrontavam-se com desafios e inevitáveis brigas, pois quando se encontravam, nenhum queria deixar o outro passar ou voltar para trás” e o Estado, através da polícia, tinha que intervir. A raiva como emoção desencadeante de sentimentos outros, fazia parte da brincadeira, na maioria das vezes pelo efeito de bebidas alcoólicas.

Pra mim tá tudo normal, tudo certo, tudo legal. O povo já sabe se comportar. O que eu não gostava era a bebida no festival, mas eu acho que agora não tem mais porque quando o seu Antonio, naqueles dois anos que ele ganhou, todos os dois anos, não tinha bebida. Olhe, eu dizia para ele "tire essa bebida, tire, porque..." (Maria Do Carmo, entrevistada em 2022).

Segundo Elias (2022, p. 338) “os seres humanos têm por natureza – mais do que qualquer outra criatura – a capacidade de restringir ou de modificar seus impulsos de acordo com a situação em questão”. Isso é a base do processo civilizador.

3.2 Institucionalizar para civilizar: O Festival Folclórico de Parintins

Em 1965 foi realizado o primeiro Festival Folclórico de Parintins com apresentação de quadrilhas, pássaros e outras danças folclóricas que eram o divertimento dos parintinenses na época. Os Bois foram inseridos em um ambiente controlado para a disputa em 1966, a quadra da JAC – Juventude Alegre Católica para ajudar na arrecadação de dinheiro para a construção da igreja da Padroeira do município, Nossa Senhora do Carmo.

Assim, lembrando que eu sou a quarta geração, eu não convivi mais com esse processo. Eu já sou do curral da baixa pra cá, da Cidade Garantido para cá. A única questão é, que vendo o quanto os Bois tinham público, os terreiro, suas brincadeiras de casa, o boi ia dançar nas casas das pessoas que tinham dinheiro, o Boi arrecadava... a Igreja Católica, que não é besta nem nada, viu que isso era um potencial para angariar recursos. E começou a fazer as suas quermesses e também as brincadeiras de Boi. E aí a gente tem uma brincadeira chamada que é aquela brincadeira da Bandeira, que coloca duas bandeiras e pergunta "quem é Garantido? Colocava o dinheiro.

Quem é Caprichoso?". E eles começaram a ver que era um potencial econômico. A igreja católica nunca foi alguém que não tivesse visão e a gente tá falando de padres italianos, tá falando do PIME, uma característica histórica de pessoas que vem realmente para a Amazônia pontuar. Tem uma missão. E a missão deles era católica, mas era também de aumentar o capital potencial da igreja. A igreja vendo esse potencial dessas brincadeiras, ela traz a festa dos Bois de terreiro e ela tenta organizar, que a gente tem a questão dos tablados, do tabladão que as pessoas falam, a igreja, como foi dentro da igreja, das suas organizações religiosas, que começou o processo de organizar as apresentações. É essa a história que eu vejo, é o que eu li e realmente faz todo o sentido. Quando a gente não vê de uma forma, como eu posso dizer? Esqueci a palavra. Eu não gosto, eu nunca gosto do processo muito harmonioso. "Ah, a igreja, viu, organizou". Não! É um processo financeiro. A gente está falando de pessoas, ninguém organiza nada em função de nada, organiza em função de alguma coisa e graças foi um terreno neutro, né? Pessoas que tinham essa característica e foi a partir do tablado que foi organizando, vendo o tamanho de gente, não se comportou mais aquele espaço, e foi ganhando outra característica (Suzan, entrevistada em 2022).

Anos mais tarde, em 1975, o boi-bumbá se tornou itinerante, disputando em vários outros locais na cidade e isso voltou a ser motivo de briga nas ruas e precisava ser arbitrado com responsabilidade, mas a confusão não seria resolvida de imediato. Segundo Elias (2006, p. 36) "o processo civilizador corresponde a um percurso de aprendizagem involuntária pelo qual passa a humanidade. Começou nos primórdios da humanidade e continua em marcha, com inúmeras vicissitudes, no presente momento". Ele age em uma direção e não tem um fim absoluto. O processo de civilização tem relação com a autorregulação que o ser humano adquire e que é de extrema importância para sua sobrevivência em sociedade. Na ausência de autorregulação, um ser humano é incapaz de viver por muito tempo na companhia de outros indivíduos.

A violência afasta as pessoas, não é? Ninguém quer a violência, o que se quer é brincar. Aí tudo tem limite. Tudo que é violento a tendência é acabar. Para mim, a minha visão é essa, ninguém quer estar no mundo de hoje ligado à violência. Já tem muito (Cristina, entrevistada em 2022).

Em 24 de junho de 1988 foi inaugurado o Bumbódromo de Parintins construído pelo governo do Estado do Amazonas, palco da disputa (Tenório, 2016). O sistema adotado nos demais locais onde eram realizadas as apresentações continuou vigente, isto é, "os organizadores do evento criaram dois portões de acesso às arquibancadas, também separadas para os torcedores" (Nogueira, 2013, p. 31). O investimento seria alto no Festival a partir daquele ano.

Eu estava lá presente. Rapaz, era uma coisa meio de louco, porque num município como Parintins, que não tinha muitos recursos. Era uma adrenalina muito... movimentava todo aqui o Amazonas, praticamente. Ter um município pequeno assim, fazer uma monstruosidade de apresentação dessa, a adrenalina é muito alta. Existem umas mudanças dentro como era

o tablado, porque o tablado era feito de madeira e era a cabeça do Boi. E hoje em dia o bumbódromo não é mais, já tem uma parte metálica, que já não é mais o formato da cabeça de um Boi. Já mudou, até não tem mais a tribuna que era o focinho de Boi. Ai já tem uma metálica por cima, aí tem diferença já. Os Bois evoluíram muito. Na época tinha itens que hoje não tem. E na época, se não se usava cabo de aço. Não tinha todo esse termo burocrático que tem agora. Que também é bom até por causa de segurança. Mas mudou muito, mudou muito o festival. Saudade sempre bate. Porque aquelas coisas antigas que a gente viveu, não volta mais. Que era bom para caramba. Mas como o mundo está evoluído, a gente tem que acompanhar (Rheck, entrevistado em 2022).

Naquela época não se podia saber o que aconteceria no futuro e muitos criticavam aquela construção que se tornaria destino turístico.

Foi em 1988. Inclusive participando lá. Eu fazia nesse tempo capacete, fazia alegoria... Artesão. E o Garantido foi o campeão no primeiro ano do bumbódromo em 1988. É totalmente diferente. O espaço físico em si é muito diferente, né? Porque o bumbódromo atual, como anfiteatro, ele foi construído aos moldes da brincadeira, com arquibancadas laterais aí... Na verdade, a construção do bumbódromo foi um desafio muito grande do governo Amazonino Mendes, porque muitas pessoas, inclusive os políticos, os prefeitos de outras cidades achavam que aquilo seria um elefante branco, uma despesa sem futuro. O bumbódromo custou muito caro para o governo e muitas pessoas foram contra, porque aquilo ia ficar na ociosidade. Não ia ter utilidade, só uma vez no ano, não sei o quê... E no entanto, hoje ele funciona tudo. E na verdade antes, logo que foi construído, na verdade acontecia realmente isso. Depois do festival, o bumbódromo era abandonado aí. Abria o saco dos materiais aí, da fiação, das portas, dos sanitários tudinho. Realmente isso ocasionava uma despesa, um prejuízo, para o governo do estado que teria que reformar tudo pro próximo ano, pro próximo festival. Então a saída para resolver esse problema foi abrir permanentemente o bumbódromo através do Liceu de Artes que está aí funcionando, né? Está aí capacitando talentos profissionais e é uma forma de ocupar o espaço até que venha o próximo festival (Rob, entrevistado em 2022).

Apesar de estarem em um local onde poderia haver certo controle do que pudesse acontecer, as torcidas (galeras) ainda não estavam no mesmo nível que estão hoje. Também não foi de uma hora para outra que elas passaram a se comportar da maneira que se comportam hoje.

Assistimos, há 29 anos. Uma briga que houve... Puxa a faca e risca no chão e a turma sai na carreira. O meu filho era pequeno, tinha 2 anos. Quando a turma desceu, desceu só de uma vez, para descer naquela escadinha. Nunca mais eu entro aqui. Foi no bumbódromo novo (Júlio, entrevistado em 2022).

Elias (1994) afirma que o padrão de agressividade, seu tom e intensidade não são os mesmos entre diferentes nações. A agressividade é enclausurada e domada por regras e proibições e que se transformam em autolimitações. Na mais das vezes, ela já foi tão refinada, civilizada como as demais formas de prazer, que

só se manifesta em sonhos ou na perda de controle do indivíduo tidas como patológicas.

Se atentarmos a qualquer prática humana, perceberemos a ação de um processo de civilização. As emoções e o comportamento foram sendo civilizadas para chegarem ao que são hoje e assim continuam em um processo sem fim. Elias (2019) acusa que essas mudanças são causadas porque há um aumento da sensibilidade em relação à violência. Em esportes como o boxe, por exemplo, a sensibilidade é revelada através do uso de luvas e inserção de categorias de jogadores de boxe, assumindo as características de desporto, por exemplo.

Não somente no desporto, mas também outras práticas culturais tradicionais, o aumento da sensibilidade, principalmente do expectador, tem resultado em mudanças civilizatórias. O livro *O Processo Civilizacional da tourada* exemplifica como se dá o processo de mudança em algo cultural em face à prática de tortura de touros na antiguidade e após algumas mudanças para a corrida de touros em Portugal que atualmente é

um espetáculo tensionado entre duas pretensões maximalistas. Por um lado, a pretensão de ir além da tourada existente, defendendo a introdução dos touros de morte. Tal implicaria que fosse permitido matar o animal na arena para finalizar a lide. Por outro lado, existe o maximalismo da proibição total das corridas de touros, o que implicaria a sua supressão. Administrativa e legalmente, é um espetáculo de natureza artística que possui o caráter de bem cultural a conservar. Conta, portanto, com a cobertura estatal, entidade que, de algum modo, parece mediar entre quem deseja ampliar e aprofundar o espetáculo e entre quem deseja o seu desaparecimento (Haro, 2019, p. 188-9).

Tal como a tourada na Europa, o Boi-Bumbá de Parintins precisou se reinventar várias vezes para atender as exigências sociais e do estado. As pessoas estavam cada vez mais sedentas de que aqueles conflitos cessassem. Talvez se continuassem a brigar em todos os encontros pela cidade, o Festival não chegaria ao que é hoje.

Ninguém queria vim... porque vinha pra cá... Tá igual os clubes de futebol agora. Você vai, olha a televisão, é briga na arquibancada, é fora da arquibancada, é antes de chegar no estado, então tomaram uma decisão. Hoje você vê, todo mundo passa. Não pode passar o Boi de um determinado percurso para o outro. Você não pode sair da concentração do Garantido e ir lá pro Caprichoso com a camisa do Garantido e vice-versa. E quando nós vamos para lá, eu vou neutro porque eu quero espiar todos dois, aí eu vou com uma camisa que não tem referência nenhuma. Eu vou, olhamos lá no Garantido batemos foto, vamos no Caprichoso, bato as fotos, aí, vem embora. (Júlio, entrevistado em 2022).

Desta maneira, a violência que venha a existir, seja através de brigas verbais ou vias de fato, só acontecem porque a sociedade ainda as permite acontecer. Pois,

o nível variável de civilização nas competições de jogos mantém-se incompreensível se não for relacionado, pelo menos, com o nível geral de violência socialmente permitida, com o nível da organização do controle da violência e com a correspondente formação da consciência em causa (Elias, 2019, p. 287).

3.2.1 A implantação do regulamento

Existem normas em todas as esferas da vida, inclusive no lazer. O que é permitido em uma esfera, por exemplo, pode não ser permitido em outra. Um exemplo é o carnaval, onde é permitido andar semi-nu nas ruas e em outros dias não. As normas são comuns onde indivíduos atuam em grupos, são regulamentos sociais, tais como regras do jogo. Elas estão presentes no contexto do Boi-Bumbá de Parintins desde os primórdios e demonstram ser o reflexo da sociedade onde está inserido. Ao olharmos para o passado, fica mais nítido observar como “as normas se desenvolvem como parte da estrutura da sociedade” (Elias; Dunning, 2019, p. 221) e como gerações antes da nossa se portavam diante de certas emoções.

Tenório (2016) afirma que no fim da década de 70 já existia um regulamento do Festival Folclórico de Parintins que possuía 19 artigos e que mais tarde foi aumentado para 43 artigos. Esse regulamento está no livro de João Jorge de Souza (1989) onde ele pontua que existiam 28 itens para serem julgados por 4 jurados que não poderiam ser da região norte do Brasil. A disputa ocorria nos dias 28, 29 e 30 de junho e em seu artigo 8º determinava o tempo de apresentação em 3 horas. Se antes os Bois brincavam nas ruas sob o tempo natural, na arena do bumbódromo teriam que ser coagidos pelo tempo do relógio sob a pena de perder pontos caso ultrapassasse o horário estabelecido.

No ano de 1980 o Boi-Bumbá passou a se apresentar no Estádio Tupi Cantanhede, conhecido como Tabladão, devido ao assoalho colocado para não danificar o gramado do estádio. Segundo Tenório (2016) essa foi a primeira vez que o festival apareceu na televisão. Mesmo assim, ainda havia muita confusão até mesmo durante as apresentações.

Um relato importante sobre a criação das normas através do regulamento no festival é do entrevistado Zezinho. Ele esteve envolvido no Boi-Bumbá Garantido

desde 1974 onde contribuiu para a civilidade das torcidas. Segundo ele, foi por causa das brigas que o Boi chegou onde está hoje.

As brigas foram disciplinadas a partir de 1980. Porque quando nós passamos a ir para o tabladão do Tupizão, nós fomos muito hostilizados lá, com pedras, era terrível. E um torcedor fanático do Caprichoso colocou um serviço de alto-falante lá no meio da galera e a gente se apresentando e o cara com o microfone ligado lá e insultando a gente, as famílias. E aí nós aproveitamos, tinha um promotor muito sério, respeitado na cidade, chamado doutor Carlos Coelho. Ele morava na Coronel Araújo. E nós colocamos ele como presidente da comissão organizadora do festival. E aí que nós vamos fazer um estatuto, que a partir de 81 a galera começou a contar ponto. E se ela se comportasse mal, com gestos obscenos, com manifestações durante a apresentação de um Boi, ela perderia ponto. Foi como nós disciplinamos o povo a assistir com respeito, porque quem vem de fora e vê "cara, que povo educado. Ele assiste o adversário. É uma festa cheia de fanatismo, mas na hora, é um povo muito...". Ele sabe que aquela galera ali está ali porque não pode fazer... E hoje, até educou mesmo. Foi justamente por causa das agressões. Foi uma ideia aqui do seu amigo pra freiar, nós fomos muito vítimas ali daquelas coisas todas, então, tudo o que antes faziam durante uma apresentação do Boi contra a gente, principalmente, a minha família era muito visada. Depois eles deixavam pra fazer na morte do Boi deles, até queimado o nome da nossa família foi numa fogueira no meio da rua. Para ti ver como era o negócio, né? Então perdemos muitos clientes, porque nós éramos lojistas grandes na época e alguns nem entravam na loja por causa do fanatismo. Entre outras coisas. (Zezinho, entrevistado em 2022).

Atualmente o regulamento é revisado e atualizado a cada cinco anos. É unânime a importância dele para os entrevistados. O que chama a atenção é o CNPJ acompanhando os nomes das agremiações, denotando ainda mais sua institucionalização. A mudança da data para o último fim de semana do mês de junho, o tempo de apresentação de 2 horas com tolerância de 30 minutos, 21 itens a serem julgados em suas apresentações, 9 jurados e um total de 45 artigos estão presentes no regulamento atual.

Como se fosse a regra do jogo, onde nenhum dos dois Bois entra na arena em desvantagem. No entanto mesmo com tantos artigos, coisas merecem serem revistas ou incluídas segundo os entrevistados, por exemplo, maior rigorosidade na escolha de jurados, que todos os anos é alvo de críticas e acusações.

O regulamento do festival ele tem que ser um pouco repensado, no sentido de que a gente precisa organizar mais os papéis. Por exemplo, a cada ano a gente vem tirando itens que eram fundamentais, por exemplo, dos itens anteriores só o Tuxaua prevalece, né? Antes, era o Tuxaua Luxo, Originalidade, hoje, só é o Tuxaua e, graças a Deus os bois estão vendo que coisas que a gente tinha muito lá atrás estão voltando. Então, na organização do regulamento, eu acho que falta ficar mais bem descritos os... a gente tem os itens de comparação e eu acho, eles muito superficiais. Tipo, "ah, item de comparação: beleza". Poxa, mas beleza é tão subjetivo para você analisar. No regulamento eu não vejo pontuar a questão artística

das pessoas e uma alegoria tem 3 pessoas fazendo, que assinam, "ah, mas tem alegorias que a gente vê uma escultura, uma presença de palco". Eu acredito que a gente não tem uma valorização dentro do nosso quadro de regulamento que valorize o trabalho das pessoas, pontuais. Por exemplo, o Carnaval, a gente tem um mestre sala e a porta Bandeira, no Carnaval a gente tem a comissão de frente, a gente não tem uma pontualidade da nossa atividade. Eu acredito que isso deve se pensar. E com relação à escolha dos jurados, eu acredito que seria muito interessante se essa escolha não ficasse aliada à prefeitura. Eu acho muito ruim você colocar parintinenses para escolherem os jurados, porque não tem como, a pessoa não vai ser neutra. Eu já acho um erro isso. "Ah, mas é o governo do estado do Amazonas", do Amazonas, meu filho, na Amazônia todo mundo vai ter um Boi. Então é um processo de escolha de jurados, para mim, muito falho, porque um determinado momento alguém vai puxar para o seu lado e existe aí a questão do lobby, dentro dessa contratação. Então, isso no regulamento, para mim, eu não gosto. Eu vou dizer "ah, a Joise, ela é acadêmica, ela é advogada, ela vai", "mas a Joise é Garantido, não tem como..." não tem, nessa hora... Eu não acredito nessa falsa neutralidade. Eu acho que isso no regulamento poderia mudar. (Suzan, entrevistada em 2022).

No regulamento, há normas para o julgamento das apresentações, por exemplo, a proibição da torcida adversária de se manifestar no momento em que o outro boi está se apresentando, é também proibido usar a cor padrão do boi adversário, influenciando na confecção das fantasias dos brincantes e nas alegorias; o Boi é quem está sob maior heteronomia durante todo o festival, entenda-se o Boi como todo o conjunto folclórico que se apresenta na arena.

Primeiro, eles têm dentro muito confusão pra decidir as coisas. Muitas vezes nem quem é o especialista é o que orienta como deve ser feita determinada atividade. Eu acho que eles terminam fazendo coisas além, digamos assim, tem um ritual sateré, o real é de uma forma, eles modificam a aquele tratamento dado, mas se bem que a arte tem liberdade, mas eu acho que eles têm a liberdade assim de mudar, eles conseguem fazer muita coisa. Mas muitas vezes, o que condiciona o espaço é meio que o público vai dar... hoje o politicamente correto... tem toadas de Letra e Música que já foram evitadas lá dentro, que eu soube como aquela "vai ter muita mulher...". Eu esqueci o nome... É do ano de 2018, eu esqueci e eles evitaram por conta do discurso machista. É, aí era meio que um discurso machista, então hoje eles meio que se policiam para não entrar em questões, justamente discurso machista, homofóbico, racista. Então acho que ele não tem a mesma liberdade, justamente porque a gente tá num outro momento, um outro tempo que eles prestam atenção justamente para não perder ponto, não desagradar. Inclusive teve o *blackface* que o lado contrário já aderiu a ser natural e o Garantido ainda usa a pintura e foi muito criticado e já tinham falado sobre isso lá de não usar, mas como eles colocam que aquilo é arte, é uma representação, teria espaço. Então tem muita discussão, sempre pensando nisso, o quê que é politicamente correto. (Cristina, 38 anos, entrevista 2022).

De acordo com Elias e Dunning (2019), independente de qualquer juízo de valor, as normas podem ser divididas em do tipo de lei moral e o tipo de regra do jogo e são regulamentos sociais de indivíduos que atuam em grupos. O tipo de lei

moral é modelado por regulamentos altamente internalizados em nossa consciência e não tem uma explicação para existirem e serem seguidas, apenas aprendemos que devemos proceder de determinada maneira de acordo com nossa própria consciência, individual e absolutas, rígidas e inalteradas. Já o outro tipo, tipo de regra do jogo, estão centradas no grupo, mesmo que representem regulamentos de indivíduos, as normas das regras do jogo “são preceitos bastante explícitos para indivíduos integrados em grupos específicos limitados” (p. 220), são flexíveis onde cada indivíduo pode desenvolver regras próprias ou regras novas.

Assim, o Boi de Parintins criou sua própria tradição, com normas específicas, mas são normas dentro das normas, tendo que adequar-se às normas da sociedade parintinense e da lei do país e podem mudar de acordo com novos desenvolvimentos e experiências na sociedade.

Bom. É um pouco assim. Não, agora. Eu nem participei desse novo regulamento que eles formaram aí. Já tem um novo regulamento esse ano que mudou vários itens que tinha, saiu para entrar outros, olha, no caso, no regulamento não poderia mais usar o cabo de aço, porque em 83 a nossa cunhã-poranga caiu, que até diminuiu 1 cm do corpo dela, aí ficou proibido o cabo de aço, mas agora voltou a tona o cabo de aço. Os Bois concordaram em botar o cabo de aço de novo. Mas aí é com mais responsabilidade também, não é? (Rheck, entrevistado em 2022).

Segundo Elias (2019), não existe um ponto zero para as normas ou regras, de tal modo não podemos dizer que o Boi-Bumbá brincava na ausência de qualquer regulação. O regulamento do festival que rege os bois atualmente é uma forma escrita de formalizar seu processo de mudanças. Afinal, “toda a gente conhece essas mudanças e, no entanto, nem sempre são percebidas de um modo claro e inequívoco como mudanças de estrutura social. São geralmente classificadas como <<acontecimentos históricos>>” (Elias, 2018, p.67).

Depois, com o crescimento do Boi, através de suas agremiações, hoje eu vejo justamente um Boi mais consciente. De que não é brigando, não é com essa rivalidade de disputa corporal, com palavrões que se ganha um festival. O povo começou a ser educar. Não que não fosse educado naquela época, é porque eles eram estimulados naquela época para se rivalizarem desta forma, agredindo o outro, "não pode passar! Aqui é a minha divisa, aqui a minha fronteira. Se você passar pra cá, já era. Você precisa ter passaporte". Passaporte de vacinação. Você é vacinado para Caprichoso? Você entra, se não é, já era. Então, hoje não, hoje não. A educação é outra. As pessoas são mais conscientes. Inclusive se começou a conscientizar o povo os torcedores tanto da ala do Caprichoso como do Garantido para que entendessem que o festival folclórico não se faz com agressividade, com violência, mas se faz com harmonia, conhecimento, tradição, originalidade. E eu aprendi também ter isso aí. Apesar de ter sido também, quando eu era muito jovem, lá na minha terra, lá no Ceará. Eu participei muito dos Bois de lá, completamente diferente. Tinha muito Boi lá do Ceará que tinha um vínculo muito similar com o Boi de São Luís do Maranhão. Um Boi,

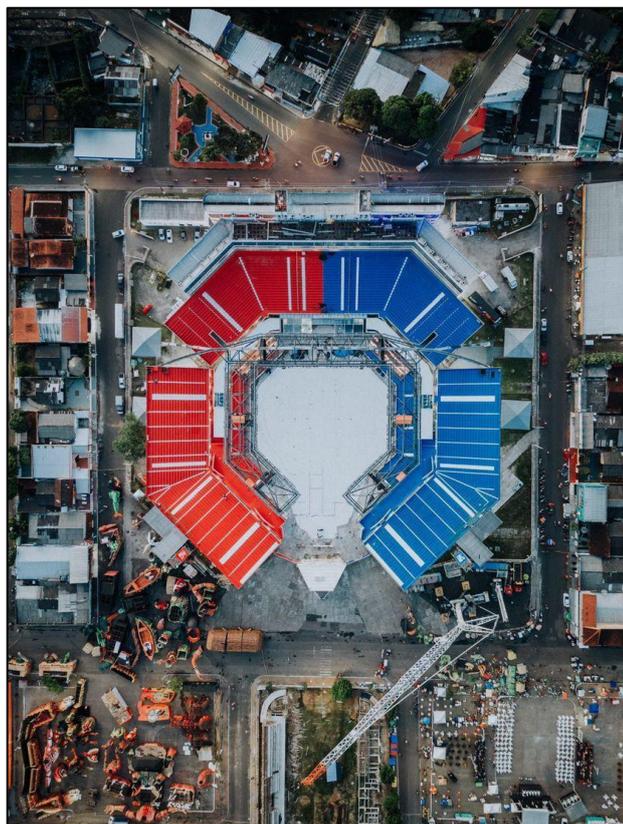
inclusive, o Boi de São Luís do Maranhão é o que apresenta mais originalidade de Boi-Bumbá dentro da sua cultura. E aqui em Parintins se explora o Boi-Bumbá com a cultura amazonense. Essa é a grande diferença. Hoje nós temos uma cultura voltada para a consciência de que se faz festival com alegria, participação e desenvolvimento cultural (Raimundo, entrevistado em 2022).

Fora da disputa na arena, os brincantes estão sob as normas sociais e as leis do estado e têm uma boa convivência. Ao entrar ou sair do bumbódromo nas noites de apresentação e, até o dia da apuração dos resultados, as torcidas estão sob controle demasiado, principalmente do Estado através da polícia militar que ocupa as ruas em ronda ostensiva. Mesmo havendo rivalidade, as tensões não podem chegar a ser do tipo sério, como aconteciam no passado, senão haverá intervenção e possivelmente serão conduzidas à delegacia.

3.3 A heteronomia presente no bumbódromo

Dentro da arena – Bumbódromo (figura 15), todos estão sob a ação do regulamento do festival. Através do regulamento, por mais que as pessoas queiram exercer sua autonomia relativa, elas são impedidas em algum momento pelas regras presentes nele para não prejudicar seu Boi-Bumbá.

Figura 15 - Arena do bumbódromo vista de cima



FONTE: fotografia tirada com *drone* e autorizada por Everton Macedo (2022).

Nas atividades de lazer institucionalizadas são necessárias regras e mecanismos de controle explicitamente postos a condicionar o indivíduo e seus protagonistas a se submeterem a elas no momento de seu usufruto. Isso faz com que o indivíduo mantenha o autocontrole e siga as regras para o bom andamento das atividades, assim como a própria atividade para ser realizada tem que seguir regras sociais e leis do estado.

Em se tratando de brincar de Boi, todos entrevistados foram enfáticos a dizer que se sentem livres para fazer o que quiserem. Mas se considerarmos que em todas as esferas sociais estamos sob o efeito do processo civilizador e consequente de normas, não somos completamente livres. Como já foi dito aqui, temos autonomia relativa para fazermos o que quisermos, principalmente no lazer, mas até mesmo no lazer não somos livres completamente.

O regulamento, no decurso do processo foi sendo internalizado entre os participantes da brincadeira de tal modo que moldou comportamentos dentro e fora da arena. Todos os entrevistados demonstraram saber as regras que estão presentes dentro do Festival Folclórico de Parintins mesmo sem nunca ter lido o regulamento do festival.

O regulamento impôs, porque Deus o livre, um confronto dentro do bumbódromo nem é bom pensar. Então a vaia, ela te incita, ela te convida a revide. E pra não acontecer isso, foi a melhor coisa que criaram uns adendos dentro do regulamento do boi para evitar brigas dentro do bumbódromo, porque embora sejam galeras separadas, mas ali naquela saída, saiu um por aqui, saiu outro por ali, um confronto é terrível. (Odinéia, entrevistada em 2022).

Quando se trata do espaço do bumbódromo, os entrevistados relatam casos em que se sentiram vigiados por outras pessoas, tendo que controlar suas emoções para que não acontecesse alguma coisa.

Uma vez que eu fui para a cadeira especial e aí era uma apresentação. Eu estava no Garantido, mas aí eu me lembro que eu fiquei em pé por conta do Caprichoso que eu queria ver um alguma apresentação. Aí as pessoas "ah, não sei o quê"... Eles não gostam que fiquem em pé. É mais assim porque as pessoas gostam de assistir, não é? Então quando tu vais, tu tens que ter cuidado para não ficar atrapalhando a visão de outra pessoa. Então isso é só a forma de ser vigiada. Tem que olhar, tu não pode ir com cocar muito grande, que a gente gosta, digamos, tem gente que gosta de se arrumar e colocar "o cocar" e ninguém mais vê nada lá atrás, e a pessoa vai falar "ah, tira esse cocar, tá atrapalhando, não sei o quê..." nesse sentido. (Cristina, entrevistada em 2022).

Há uma prática comum dos parintinense que não conseguem entrar na arquibancada da galera, gratuita, e muito menos não conseguem comprar ingresso pelo alto custo ou porque esgotam rapidamente, então, vão para a arquibancada do

outro Boi quando ele termina de se apresentar. Por exemplo, se o Garantido se apresenta primeiro e eu sou Caprichoso, vou para a arquibancada do Boi Garantido assim que acaba o espetáculo e alguns torcedores se retiram. E vice-versa. Mas essa prática exige muito controle emocional, principalmente para os mais apaixonados torcedores.

Eu mesma peguei uma laranjada, acho que eu fui para o lado azul de camisa pra arquibancada, estava eu com camisa que tinha uma parte vermelha, a gente era criança, com a mamãe, a gente tentou assistir o Garantido, que estava muito lotada, aí pelo lado azul. Só que a nossa roupa tinha alguma parte que era vermelha e eu peguei uma laranjada na costa. Aí o pessoal começou a gritar e a gente desceu porque ela ficou nervosa. Eu acho que essa questão de evitar ir com a cor do contrário para uma galera é bom, né? porque querendo ou não, fica aquela questão de fazer meme... Hoje é pior ainda. Hoje tem as redes sociais, então qualquer coisa é fruto de meme, bagunça. Então essa questão da violência nunca deve acontecer, mas pelo menos, então, se evitar realmente ir porque até tem pessoas que bebem, então, é complicado (Cristina, entrevistada em 2022).

Morando em Parintins, eu nunca tinha pisado no bumbódromo nos dias de festa até meus 17 anos e a primeira vez que eu participei foi maravilhoso e cheio de tensões porque eu não podia torcer pelo meu Boi, afinal, eu estava na arquibancada do Boi Caprichoso com minha prima. Fui de camisa branca, mas a vontade era de estar de vermelho, mas quando presenciei uma mulher ser atingida por objetos e ser vaiada por vestir a cor laranja pois parecia vermelho, mudei de ideia no mesmo instante. Foi realmente tenso, só fiquei imaginando se descobrissem que eu torcia para o Garantido, no quê aconteceria comigo ali, mesmo camuflada de branco (o que já é um código para verem que você não torce para o boi, pois torcedor mesmo, vai com as cores de seu boi, vermelho ou azul).

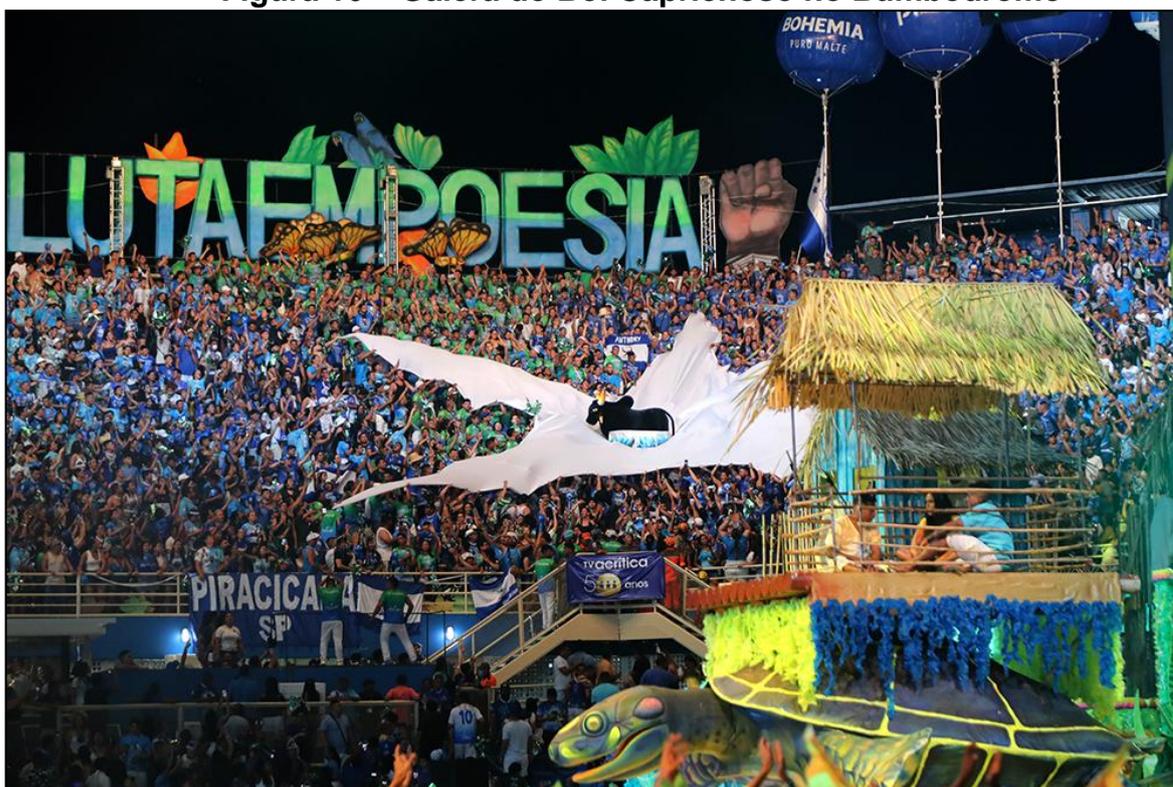
Na realidade, meu medo era reflexo do que meus pais e avós falavam sobre a violência das torcidas em alguma época que eles frequentaram aquele espaço. Eu me forçava a acreditar que eram outros tempos e que nada de ruim aconteceria e realmente foi muito tranquilo tirando algumas brincadeiras com outros torcedores camuflados e descobertos em meio à galera.

A apresentação começou e eu acabei entrando no clima mesmo na galera do contrário, uma verdadeira aula de aeróbica com duração de duas horas e meia sem parar, levantando os braços, batendo palmas, cantando, gritando, pulando... Não podia ficar parada que alguém já me olhava ou me cutucava o braço para participar. Mas não tem como ficar parada não, pois o ritmo é contagiante! No fim da apresentação do Boi Caprichoso, grande parte das pessoas que estavam na

arquibancada saiu e outras chegaram, foi aí que percebi que tinha mais gente como eu naquele lugar, esperando para ver o Boi Garantido, que iria se apresentar em seguida. Apesar de ficarmos ali para ver o próximo Boi se apresentar, não podíamos nos manifestar, se fizéssemos isso, a galera na qual estávamos perderia pontos, comprometendo assim a disputa pelo título.

No bumbódromo os espaços são bem delimitados, como vimos na figura 15. A área em azul recebe a torcida do Boi Caprichoso e a área em vermelho recebe os torcedores do Boi Garantido, com capacidade para aproximadamente 35 mil pessoas. No centro, na área branca, os bois se apresentam para os jurados. As galeras participam e pontuam na arquibancada gratuita (figura 16). Nela tem regras especiais.

Figura 16 – Galera do Boi Caprichoso no Bumbódromo



FONTE: Amazonas é mais. Disponível em <https://www.amazonasemais.com.br/wp-content/uploads/2022/06/caprichoso-boi-galera-1.jpg>.

O comportamento de ficar em silêncio enquanto a outra agremiação se apresenta é uma atitude admirada por todos que assistem à festa pela primeira vez. Isso também é um efeito do processo civilizador.

Eu gosto da emoção da galera, do povão. Tem regra sim. Não pode ficar parado. Se não, eu vou pegar meu batoque e caceto os outros. Eu vou sair cacetando os outros, eu jogo pompom molhado de xixi, "mexe! Se agita!" esse negócio de ir assistir de braços cruzados é para assistir em casa, do

telão lá da rua ou da arquibancada especial. No povão tem que dançar, tem que gritar, tem que cantar, senão atrapalha (Tais, entrevistada em 2022).

A prática desviante de urinar no chão da arquibancada em cima dos adereços não está dentro das práticas higiênicas de pessoas no percurso do processo civilizador em que nos encontramos, mas explica-se por haverem poucos banheiros para a quantidade de pessoas no local, sem contar a distância e o risco de perder o lugar, pois muitas pessoas dormem na fila para conseguir um bom lugar.

Aos dezoito anos, pude ir ao bumbódromo sozinha, aliás, combinei de encontrar com um amigo da faculdade que estava na cidade e fui com minha prima, desta vez para a galera do meu Boi Garantido. Diversão do início ao fim. Desde a fila para entrar, já que é atualmente o único lugar gratuito, temos que aguardar horas e horas para conseguir um bom lugar lá dentro na arquibancada, mas não precisamos dormir de um dia para o outro na fila. Chegamos lá por volta das 14 horas e aguardamos.

As horas de espera em ambas as filas são marcadas por cantorias de toadas, piadas sobre o Boi contrário, performance de torcedores imitando os itens, seja em sátira ou no real. Quando os portões se abrem, às 15 horas, ambas as torcidas, chamadas galeras, após revista realizada pela polícia militar, entram no bumbódromo e vão correndo nas rampas em busca dos melhores lugares na arquibancada.

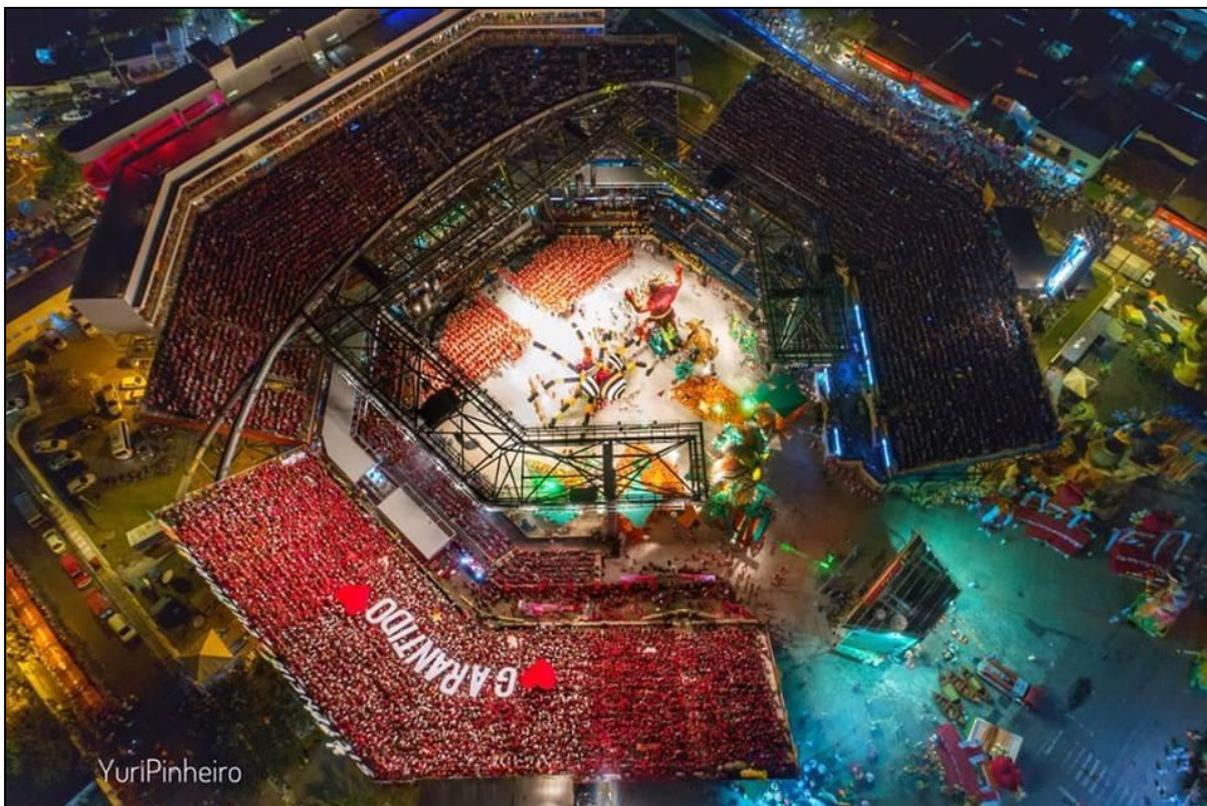
Às 16 horas, de acordo com o sorteio realizado previamente, uma agremiação adentra o bumbódromo para a passagem e ajuste de som. Neste momento o bloco musical⁷, interage com a sua galera e provoca a galera adversária de maneira direta, coisa que não pode acontecer durante a apresentação oficial. É um momento bem descontraído e os coreógrafos aproveitam para treinar sua galera com os movimentos de acordo com a toada. O respeito de ficar em silêncio enquanto o outro Boi se apresenta é praticado mesmo durante esse momento. A espera continua, pois a apresentação dos Bois só inicia às 20 horas e 30 minutos.

Quando o espetáculo começa, a galera vai ao delírio. O que eu tinha vivenciado na galera do Boi Caprichoso, camuflada no ano passado, agora se multiplicara. Pular, gritar, cantar, chorar, suar, dar as mãos a desconhecidos, era

⁷ Composto pelo Apresentador (Mestre de Cerimônias), Levantador de Toadas (cantor) e Amo do Boi (tirador de versos).

pouco para expressar a emoção. E ainda tinham mais duas noites de apresentações que me proporcionariam um descontrole controlado das minhas emoções.

Figura 17 –Vista aérea do Bumbódromo durante a apresentação do Boi Garantido



FONTE: Amazonas Atual. Disponível em: < <https://amazonasatual.com.br/wp-content/uploads/2019/05/WhatsApp-Image-2019-05-07-at-10.20.54.jpeg>>.

Além da regra de não poder ficar parado na hora em que seu Boi se apresenta, não se pode manifestar quando o outro Boi está se apresentando, pois seu Boi pode perder ponto, e cada décimo conta muito na somatória final que pode dar ou tirar o título do Bumbá. A iluminação é toda voltada para os brincantes do Boi que está realizando o espetáculo (figura 17).

Se você estiver do lado vermelho, você vai ter que respeitar o boi azul se apresentando e vice-versa, né? Se tiver do lado azul, vai ter que respeitar o Garantido. No caso, o vermelho se apresentando porque tem na regra, no regulamento do festival, que uma torcida não pode ir para a outra, não pode... Pode até jogar com xaveco porque não vai ouvir, por causa do som alto e tudo, mas, por exemplo, assim fazer aquela salva de vaias, aquela coisa toda, aí a agremiação que está vaiando vai perder ponto no final, na contagem de pontos. Uma regra de brincar de Boi é você gostar do festival, você querer participar e você querer vim conhecer. É essa a regra e ser feliz, se jogar, se despojar. (Maria Betânia, entrevistada em 2022).

Muitos dos torcedores só têm conhecimento das regras do Festival na hora da apuração dos pontos. Dentro dos Bumbás, as regras são mais levadas em

consideração pela por quem prepara o espetáculo. Entre os artistas, o entrevistado Rob declarou que eles não leem o regulamento, pois eles são como operários no festival, quem pensa todo o projeto para o Boi é a Comissão de Artes. O regulamento é distribuído para as diretorias.

Hoje, na verdade, o artista, ele é só um operário no festival. Existe uma comissão de arte que pensa o Boi. Eles criam o Boi de arena, aí depois eles contratam os artistas, dividem as equipes e repassam para eles os layouts daquilo que deve ser reproduzido. Então, na verdade, o artista faz reproduzir aquilo que foi pensado por uma comissão, que é um grupo de artistas. Antes era assim, tudo o que se produzia poderia ser apresentado lá no tabladão. Depois não. Depois que o Festival ele ultrapassou as fronteiras, foi necessário que houvesse a qualificação dos artistas, dos compositores. Porque antes, os compositores, por exemplo, eles compunham suas músicas sem pesquisar, o ritmo era bonito, a batida era legal e estava tudo bem. Só que com a vinda de pessoas estudadas da cultura, digamos assim, foi necessário que a gente também se aperfeiçoasse para que ele não fizesse uma coisa aleatória e sem nenhuma fundamentação, né? Então, no campo, por exemplo, da alegoria foi preciso haver pesquisa das lendas. Qual a cor realmente que identifica cada etnia e para que o jurado, quando julgar, ele possa estar dentro do contexto, o que acontecia muito é que as vezes se investia, por exemplo, numa tribo, mas não se pesquisava, não é? Então a tribo estava muito bonita, visualmente, muito bonita, mas totalmente fora do contexto cultural daquela etnia. Então pegava uma nota baixa, enquanto o contrário levava uma tribo mais identificada e ganhava. Aí o pessoal do Garantido dizia que tinha sido roubado, né? Ou poderia ser ao contrário também, né? Mas na verdade era isso. Então havia essa necessidade de se qualificar, como o festival é hoje uma indústria, um evento universal agora que está no mundo todo, é necessário que a gente esteja à altura para representar a nossa cultura (Rob, entrevistado em 2022).

Quanto ao Boi espetáculo, ele está cada vez mais amarrado ao regulamento e também nas regras sociais. Cada dia mais, a sociedade exige, direta ou indiretamente, que o Boi se posicione diante de temas sensíveis para a sociedade.

O regulamento vem para regularizar, né? Que a brincadeira, para que não seja de qualquer forma, né? É necessário que se estabilize regras, tenha tempo de cada apresentação. Hoje se escolhe um tema para cada apresentação de cada ano. O festival, na verdade, é um grito de preservação da natureza, em busca de despertar nas autoridades competentes aquele senso de proteger a Amazônia e também é uma forma de se expressar através das lendas, dos mitos, dos pássaros e tal. E isso atrai a atenção dos turistas. Nos grandes centros, as pessoas costumam ver tudo muito sintetizada a coisa. E hoje aqui é tudo natural, tanto que se aboliu nas indumentárias a própria pena das garças, dos pássaros, das araras, que antes era livre para se fazer isso. Hoje não, hoje é tudo sintético. Esse produto é importado da China, do Japão e tal, e é só uma forma de a gente dar uma visualidade artística. Porque, na verdade, tudo já é industrializado. O regulamento, ele foi criado para que não houvesse briga entre as coisas, não é? Para que a disputa vencesse aquele que fosse melhor. Por exemplo, o regulamento fala que tem que ter alegoria. Estabiliza o tamanho, altura e tal. Mas aí o artista tem a liberdade para fazer o que ele quer dentro desse limite aí. Então é daí que vai a questão do

juízo. Quem faz melhor e quem faz pior, né? O jurado, ele analisa isso e julga e declara quem vence ou não (Rob, entrevistado em 2022).

Nesse processo, temas latentes na sociedade são postos em evidência trabalhados na arena. Desde a década de 1980, juntamente com a introdução de elementos indígenas, os Bois vem adotando uma temática para suas apresentações, que eram uma forma de exaltação ao Bumbá como “Caprichoso: Rei Negro, Tributo a Liberdade” (1988) e “Garantido: Brinquedo de São João” (1988) no ano de inauguração do Bumbódromo.

Mas foi a partir de 1995 que começam os temas voltados para a preservação da Amazônia, Boi Caprichoso com “Luz e Mistérios da Floresta” e Boi Garantido com “Uma viagem à Amazônia”. Matos (2015) nos diz que “toadas são produzidas intencionalmente para tensionar com os abusos humanos contra a natureza (p. 115), mas no grau de interdependência, todos contribuem para a degradação da natureza cantada, até mesmo o festival, com toneladas de resíduos e outros tipos de poluição por ele e nós gerados no ambiente.

Nas últimas décadas, temas como racismo, homofobia e machismo, sensíveis para a sociedade, vem sendo abordados na arena e em suas toadas por ambos os Bois, no entanto, assim como a temática da preservação do meio ambiente, ainda parece que fica só no discurso e carece ser praticado dentro e fora do espetáculo por torcedores e agremiações.

O esforço do Boi-Bumbá de Parintins em abordar temas atuais sem perder a tradição, muitas vezes marcada por temas sensíveis a muitas pessoas, é um desafio para sua sobrevivência e perpetuação de uma brincadeira que atingiu proporção internacional e desencadeadora de fortes emoções vivenciadas no lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A heteronomia está presente o tempo todo no complexo do Boi-Bumbá de Parintins, não anulando a autonomia das pessoas que brincam de Boi. No entanto, chegamos à conclusão que o “Regulamento do Concurso de Bumbás” é o principal responsável pelo controle externo e autocontrole das pessoas que não querem prejudicar o seu Boi na conquista do campeonato ou mesmo para não prejudicar a imagem da cidade e de seu Boi-Bumbá, pelos quais a identidade-nós ainda é muito forte. Estudos envolvendo o regulamento e os processos de sua criação e reformulação ainda merecem um estudo mais aprofundado, bem como o estudo dos temas trabalhados pelos Bumbás dentro e fora da arena.

Assim, a competitividade denominada “sadia” só foi possível acontecer em razão da heteronomia presente no Boi-Bumbá de Parintins, desta maneira, esta pesquisa sustenta a tese de que a heteronomia é um dos fatores responsáveis pela preservação de tradições socioculturais, a exemplo do Boi-Bumbá de Parintins, que através da institucionalização encontrou uma solução para atender ao desenvolvimento da sociedade de uma determinada época.

A análise das mudanças que aconteceram no boi-bumbá de Parintins nesta tese somente foi possível pela observação em logo prazo, pois, no momento em que as mudanças aconteceram, não havia como ter certeza no que resultariam, tendo somente expectativas. Hoje se pode dizer que colocar os bois para brincarem em um espaço controlado ou a inserção do regulamento foi intencional para amenizar as rivalidades nas ruas, pois já se sabe o que aconteceu, mas não se pode ter ideia do que virá. Somente outro estudo daqui a pelo menos três gerações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ASSUNÇÃO, P. D. **Negócios Jesuíticos**: o cotidiano da administração dos bens divinos. São Paulo: Edusp, 2008.

AZEVEDO, Luiza Elayne Corrêa. **Boi Bumbá de Parintins**: Cenários na Pós-Modernidade e sua inserção no Marketing Cultural. 2000. 127 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236200003_BOI_BUMBA_DE_PARINTINS_CENARIOS_NA_POS-MODERNIDADE_E_SUA_INSERTAO_NO_MARKETING_CULTURAL. Acesso em: 30 jan. 2021.

AZEVEDO FILHO, João D'Anuzio Menezes de. **A produção e a percepção do turismo em Parintins, Amazonas**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22102013-124506/>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BENTES, Fabiano Baraúna. **A teatralidade no Festival Folclórico de Parintins**: O jogo dos brincantes dos Bois-Bumbás. 2018. Dissertação (mestrado em Artes Cênicas) - Universidade Federal de Uberlândia, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22995/1/TeatralidadeFestivalFolclorico.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

BIRIBA, Ricardo Barreto. **Parintins cidade ritual**: boi-bumbá, performance e espetacularidade. 2005. 385 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Escola de Teatro, 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27484>. Acesso em: 18 jan.2021.

CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da Modernidade. 4 ed. 7. Reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Pulo, 2015.

CARDOSO, Edna Aniceto de Magalhães. **Festival Folclórico de Parintins**: percepções dos fatores de sucesso de um evento turístico cultural na aplicação do Modelo de Bordas e da Teoria de Script. 2019. 284 f. Tese (doutorado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Administração. Disponível: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/32454/1/TESE%20FINAL%20EDNA%2022_12_2019.pdf. Acesso em: 31 jan. 2021.

CARDOSO, Jorcemara Matos. **O discurso de resistência em meio à espetacularização do Festival Folclórico de Parintins**. 2016. 208 p. Dissertação

(Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7957>. Acesso em: 30 jan. 2021.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Cancioneiro das toadas do boi-bumbá de Parintins**. 2013. 291 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas, 2013. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/bitstream/riuea/1869/1/CANCIONEIRO%20DAS%20TOADAS%20DO%20BOI-BUMB%C3%81%20DE%20PARINTINS.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2021.

CARDOSO, Yasmin Ribeiro Gatto. **Imprensa e Gênero na Amazônia: representações jornalísticas da mulher no Festival Folclórico de Parintins**. 2018. 224 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/154896>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CARVALHO, Jônia Quédma Figueira. **Da Amazônia para o mundo ver: estudo semiótico do Festival Folclórico de Parintins no cenário da cultura pós-moderna**. Dissertação de mestrado em Comunicação e Semiótica, PUCSP, 1999 (Graduada em Comunicação Social/UA).

CARVALHO, Rui Manuel Sénico. **Parintins: boi-bumbá e afirmação identitária – discurso, representações, sonoridades e identidade no Amazonas contemporâneo**. Orientador: José Roberto Zan. 2014. 398 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes – Campinas, SP: 2014. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1624748>>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CATALÃO, Laranna Prestes. **Mãos que tecem o festival folclórico de Parintins: um estudo sobre as condições de trabalho e saúde dos artistas de galpão do boi-bumbá**. 2014. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Serviço Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4169>. Acesso em: 03 fev. 2021.

CAVALCANTI, Maria Laura. O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, vol. VI (suplemento), 1019-1046, set. 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/hcsm/v6s0/v6s0a11.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2019.

CHIMAMANDA, Ngozi Adichie. **O perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/enfrentamento-ao-racismo/obras_digitalizadas/chimamanda_ngozi_adichie_-_2019_-_o_perigo_de_uma_historia_unica.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

COSTA JUNIOR, Waldemir Rodrigues. **Cidade, cultura e rede urbana: a influência do trabalho criativo dos artistas-artesãos de Parintins-AM na configuração multiescalar da rede urbana brasileira**. 2011. 232 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

DANTAS, Gerson Severo de Oliveira; **O boi-bumbá de Parintins como fenômeno da comunicação de massa: um estudo da recepção das mensagens ecológicas veiculadas por Caprichoso e Garantido durante o festival Folclórico de 2002.** Manaus, AM, 2003. 101 p. Dissertação (mestrado) - UFAM/ICHL.

DUTRA, Raimundo Nonato de Jesus. **A revelação Histórica do Folclore Parintinense.** – Parintins, AM: Secretaria Municipal de Cultura, Meio Ambiente e Turismo. 2005.

DUTRA, Renner Douglas Gonçalves. **Do rufar do tambor com crianças à educação científica: uma abordagem a partir da escola de arte do boi caprichoso.** 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação em Ciências na Amazônia, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/2214>. Acesso em: 28 jan. 2021.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1994a.

_____. **A sociedade dos indivíduos.** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994b.

_____. **Envolvimento e alienação.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

_____. **Escritos & Ensaio 1:** Estado, processo e opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____. **Introdução a Sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2018.

_____; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação:** desporto e lazer no processo civilizacional. Lisboa: Edições 70, 2019.

_____. **Processos de excitação:** trabalhos não publicados de Norbert Elias sobre Esporte, Lazer, corpo e cultura. – Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2022.

FRANÇA Paulo Renan Rodrigues de. **Festival Folclórico de Parintins:** impactos socioambientais na percepção dos atores locais/ Paulo Renan Rodrigues de França. Brasília, 2014. 168 p. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília.

GOMES, Flávio dos Santos. **A hidra e os pântanos:** mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil. São Paulo: Unesp, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

HARO, Fernando Ampudia de. **O processo civilizacional da tourada:** Guerreiros, cortesãos, profissionais e... bárbaros? Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2019.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. **Trabalho Emocional, regras de sentimento e estrutura social**. In: COELHO, Maria Cláudia (org). Estudos Sobre Interação: textos escolhidos. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Dossiê Final: Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi Bumbá do Médio Amazonas e Parintins**. 2018. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_do_Complexo_do_Boi_Bumba_do_Medio_Amazonas_e_Parintins.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica uma Poética do imaginário**. Belém/PA: Cultura Brasil, 2015.

MATOS, G. C. G. **Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica**. Manaus: Valer/Fapeam, 2015.

_____. **Processo Civilizador Ocidental/Europeu, Tecnização e Modus Vivendi na Amazônia: Experiência de campo sob a lente figuracional/processual**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2023.

MACIEL, Ana Paula Araújo. **Gestão da qualidade dos serviços em eventos: uma análise comparativa do festival folclórico de Parintins/AM e do desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro/RJ através da técnica momento da verdade**. 2015. 200f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/21335>. Acesso em: 10 fev. 2021.

MAZETTI, Henrique; FREIRE FILHO, JOÃO. "Apenas uma garota": Greta Thunberg e os enquadramentos da raiva. **Mídia e Cotidiano**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF. Niterói, Universidade Federal Fluminense, v. 4, p. 7-31, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/38686/23441>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MIRANDA, Ana Paula Almeida. **Discursos organizacionais no Festival Folclórico de Parintins - AM: as percepções do público quanto ao uso da cultura popular no contexto da comunicação mercadológica**. 2019. 207 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Comunicação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2019.

MONTE VERDE, Démonteverde; MONTE VERDE, João Batista. **Boi Garantido de Lindolfo**. Manaus: Edições: Governo do Estado do Amazonas, Secretaria de Estado da Cultura, Editora da Universidade do Estado do Amazonas, 2003. 97 p.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Boi-Bumbá: história, análise fundamental e juízo crítico**. Manaus: Edição do autor, 2004.

NAKANOME, Ericky da Silva. **A Representação do Indígena no Boi Bumbá de Parintins**. Orientador: Ricardo Barreto Biriba. 2017. 137 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível em: <

http://www.ppgav.eba.ufba.br/sites/ppgav.eba.ufba.br/files/ericky_da_silva_nakanome.pdf>. Acesso em: 14. Mai. 2019

_____. "Três raças" e um Boi-Bumbá para duas: reflexões sobre a necessidade do protagonismo da cultura afro-brasileira no Festival Folclórico de Parintins. **RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades –Cidadania, Diversidade e Bem Estar**, a. 2, v. 4, n. 1, p.367-381, jan./jun. 2019. ISSN 2594-8806367. Disponível em: <http://https/periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/5816>. Acesso em: 15 jan. 2021.

NEVES, Diogo Labiak. **“DOIS PRA LÁ, DOIS PRA CÁ”**: Território, Globalização e Boi-Bumbá, na Ilha dos Tupinambá. (Parintins – Amazonas). Orientador: Luis Lopes Diniz Filho. 2007. Dissertação (mestrado em Geografia), Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, 2007. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/13593>>. Acesso em: 30 jan 2019.

NIGRI, Bruno Silva. **O Samba no Terreiro**: música, corpo e linguagem como prática cultural - apontamentos para o campo do lazer. Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli. 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/43001/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Bruno%20Nigri%20-%20O%20samba%20no%20terreiro%20%28vers%C3%A3o%20final%29.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. **A espetacularização do imaginário amazônico no boi-bumbá de Parintins**. Orientador: Selda Vale da Costa. 2013. 244f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013. Disponível em: <<https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4319>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

NOGUEIRA, Wilson de Souza. **As festas populares da Amazônia nas redes de comunicação**: um estudo sobre o Boi-bumbá de Parintins, a Ciranda de Manacapuru e o Sairé de Alter do Chão, e as suas relações com o mercado capitalista. Manaus, AM, 2002. 143 p. Dissertação (mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia)- Universidade Federal do Amazonas, 2002.

OLIVEIRA, Geysykariny Pinheiro de. **O fazer científico dos sujeitos criativos**: indicadores de altas habilidades/superdotação nos artistas do boi-bumbá de parintins. 2018. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2018. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/2189>. Acesso em: 28 jan. 2021.

PATRÍCIO, Patrícia Sales. **Na ilha do boi de pano**: uma reportagensaio para além do dogma da objetividade jornalística. 2007. 160 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-23072009-203051/publico/1521521.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2021.

PENHA, Darcília Dias. **Agricultura, Boi-Bumbá e a festa de Parintins**. 2016. 152 f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2016. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6578>. Acesso em 03 fev. 2021.

PIRES, Vilsélia de Souza. Festival Folclórico de Parintins: Turismo e os impactos especiais no ambiente urbano. **Somanlu**, ano 14, n. 1, jan./jun., 2014.

REZENDE, Claudia B. & COELHO, Maria Cláudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

ROSALDO, Michele Zimbalist. Em direção a uma antropologia do self e do sentimento. **RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 18, n. 54, pp. 31-49, dezembro de 2019. Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RosaldoArt_RBSEv18n54dez2019.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos, Modos e Significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SAUNIER, Tonzinho. **Parintins: Memória dos Acontecimentos Históricos**. Manaus: Editora Valer/Governo do Estado do Amazonas, 2003.

SILVA, Dulcilândia Belém da. **A presença do léxico indígena nas toadas do Boi-Bumbá de Parintins**. 2015. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Letras e Artes, Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2015. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/1893>. Acesso em: 28 jan. 2021.

SILVA, Elizandra Garcia da. **O modo de produção capitalista e o brincar de boi-bumbá Caprichoso e Garantido**. 2015. 121 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2015. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4699#preview-link0>. Acesso em: 03 fev. 2021.

SILVA, Maria de Lourdes Ferreira da. **Representação do indígena no Festival Folclórico de Parintins/Amazonas**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2017. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6796>. Acesso em: 03 fev. 2021.

SILVA, Maria Gabrielle Ribeiro; FERREIRA, Arcângela da Silva. Na trajetória da umbanda e do candomblé: religiosidades de matrizes africanas na cidade Parintins-AM (1980-2000). **Anais Dos Simpósios Da ABHR**, 14.. 2015. Disponível em: <<https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/902>> . Acesso em: 15 abr. 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SOUSA, Genesco Alves de. **Com o pé na África: corpo, arte e lazer em um terreiro do candomblé** [manuscrito]. 2021. Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli. 2021.

143 f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36958/1/TESE%20COM%20O%20PE%20ONA%20AFRICA%20GENESCO%20SOUSA.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SOUZA, João Jorge de. **Parintins**: A ilha do folclore (notícias históricas, folclore, crônicas). Edições Governo do Estado do Amazonas. 1989.

TENÓRIO, Basílio. **A cultura do Boi-Bumbá de Parintins**. Parintins: Gráfica e Editora João XXIII, 2016.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida**. Manaus: Valer, 2000.

VALENTIN, Andreas. **Contrários** - A celebração da rivalidade dos Bois-Bumbás de Parintins. Manaus: Valer, 2005.

VIANA, R. N. A. Fala preta, gestos e palavras da cultura afro-brasileira: o Bumba meu Boi maranhense. **Conexões**, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 160–178, 2018. DOI: 10.20396/conex.v16i2.8653003. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8653003>>. Acesso em: 13 jul. 2022.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejad. A festa de boi-bumbá em Parintins: tradição e identidade cultural. **Somanlu**, pp. 27-33, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/258/132>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

WEIL, Andreza Gomes. **A realidade fora da arena**: a dinâmica (in) sustentável do trabalho informal no festival folclórico de Parintins – Amazonas. 2014. 178 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/4163>. Acesso em: 04 fev. 2021.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) Sexo
- 2) Idade
- 3) Qual é o seu tipo de ligação com o Boi-Bumbá de Parintins?
- 4) Você lembra quando começou a brincar de Boi-Bumbá? Quando foi? Como foi?
- 5) Você sabe alguma história sobre a criação dos Bois-Bumbás? Quem lhe contou essa história?
- 6) Você sabe alguma história do Boi-Bumbá antes dele se apresentar na arena do Bumbódromo? Se sim, pode me contar?
- 7) Você estava presente na primeira apresentação dos Bois-Bumbás no Bumbódromo? Como foi?
- 8) Se você pudesse apontar as regras que existem para assistir ao Festival dentro do Bumbódromo, como elas seriam?
- 9) Você nota alguma coisa de diferente nos anos que você brincou de Boi-Bumbá? Quais?
- 10) Você acha que existia algum tipo de rivalidade entre os Bois-Bumbás? Como era?
- 11) E hoje? Como podemos ver a rivalidade no Boi-Bumbá?
- 12) Dependendo do seu tipo de ligação com o Boi-Bumbá, você se sente livre para fazer o que quiser? Por que?
- 13) Em alguma situação você percebeu que não poderia fazer algo? Sentiu-se vigiado ou tolido? Por que?
- 14) Você acha que tem alguma regra para brincar de Boi-Bumbá?
- 15) Como você vê a presença do regulamento no Festival de Parintins?
- 16) O que você acha da presença da polícia no Boi-Bumbá?
- 17) Você tem alguma fotografia sua brincando de Boi-Bumbá? Pode me mostrar? Se sim, você pode descrever a imagem?

ANEXO A – REGULAMENTO DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS DISPUTA DE BUMBÁS 2022.

REGULAMENTO DO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE PARINTINS DISPUTA DE BUMBÁS 2022

CAPÍTULO I - DO OBJETIVO, ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO

Art. 1º - Este Regulamento tem por finalidade estabelecer normas para o Festival Folclórico de Parintins que ocorrerá anualmente no último final de semana do mês de junho, regulamentado pela Lei Municipal nº 336/2005 - PGMP.

§ **1º**. Será realizado pela Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso, inscrita no CNPJ sob nº 04.276.523/0001-16 (Boi-bumbá Caprichoso) e Instituto Boi-Bumbá Garantido, inscrito no CNPJ sob nº 10.756.667/0001-72 (Boi-bumbá Garantido) e organizado pela Prefeitura Municipal de Parintins, inscrita no CNPJ sob nº 04.329.736/0001-69, bem como pelo Governo do Estado do Amazonas, inscrito no CNPJ sob o n. 04.312.369/0001-90, com o apoio logístico, operacional, administrativo e financeiro.

§ **2º**. Os objetivos primordiais são:

- I – Preservar o folclore do “Boi-Bumbá” de Parintins;
- II – Promover a cultura regional e estimular o espírito criativo do povo parintiner se;
- III – Valorizar a diversidade etno-cultural dos povos da Amazônia;
- IV – Defender e estimular o conceito e uso sustentável da biodiversidade na Amazônia;
- V – Regem a disputa entre as duas Associações Folclóricas Boi-Bumbá Caprichoso e Boi-Bumbá Garantido.

CAPÍTULO II - DA COMISSÃO ORGANIZADORA

Art. 2º - A Comissão Organizadora será composta por: 01 (um) representante do Poder Executivo Estadual, que atuará como Presidente da Comissão Organizadora do Festival, e 01 (um) representante do Poder Executivo Municipal, que atuará como coordenador de jurados desta Comissão, sendo integrada também por 01 (um) representante do Boi-Bumbá Caprichoso e 01 (um) representante do Boi-Bumbá Garantido, que atuarão como membros, os quais deverão ser indicados pela presidência de cada agremiação nomeados por ato competente do Poder Executivo Municipal e/ou Estadual.

Art. 3º - Os membros desta Comissão Organizadora terão as seguintes atribuições:

§ **1º** - Providenciar e Coordenar toda a Logística Administrativa, Financeira e Operacional, do Festival Folclórico de Parintins, na forma devidamente ajustadas entre as partes.

§ **2º** - Locar o imóvel que hospedará os Jurados e Comissão Julgadora, este imóvel terá de ficar disponibilizado, 07 (sete) dias antes do evento na Cidade de Parintins que terá:

a) Que possuir infraestrutura adequada para hospedar 10 (dez) pessoas, sendo 01 (um) presidente, 09 (nove) Jurados;

b) De ser obrigatoriamente uma casa ou apartamentos, desde que o local seja para uso restrito e exclusivo dos Jurados e dos Membros da Comissão Julgadora na Cidade de Parintins, não sendo permitido o seu compartilhamento com terceiros ou hóspedes;

- § **3º** Providenciar a confecção dos troféus de premiação que manifeste o simbolismo da festa.
- § **4º** Emitir autorizações de passagens aéreas de ida e volta para os representantes dos dois Bumbás;
- § **5º** Providenciar toda a logística necessária (passagens, transporte, hospedagem e alimentação) dos Jurados e membros da Comissão Julgadora.
- § **6º** - Providenciar as urnas, lacres e demais materiais constantes no Art. 28 deste Regulamento.

CAPÍTULO III - DA COMISSÃO JULGADORA

Art 4º - A Comissão Julgadora será composta de 01 (um) presidente e 09 (nove) jurados.

§ **1º** - O Presidente da Comissão Julgadora será definido por comum acordo pelos representantes dos Bumbás. Em não havendo consenso, o mesmo será definido por sorteio até 48 horas antes da primeira noite do Festival. Escolhido o mesmo, este terá suas atribuições previstas no Art. 5º deste regulamento.

§ **2º** - O Presidente da Comissão não terá direito a voto, nem de qualidade ou quantidade, nas decisões da Comissão, que decidirá por maioria simples de votos de seus nove membros.

§ **3º** - Cada Bumbá deverá indicar 01 (um) representante, obrigatoriamente membro nomeado do Conselho de Arte e da Direção Geral do Espetáculo, sendo vedada a indicação do item, com a finalidade de apresentar o tema do Festival à Comissão Julgadora.

§ **Parágrafo único:** A apresentação deverá ser oral, com suporte de data show, pelo prazo máximo de 1 (uma) hora.

§ **4º** - A Prefeitura de Parintins indicará um advogado que explicará o regulamento à comissão julgadora, ato este que será acompanhado por 1 (um) advogado indicado por cada Bumbá até 24 (vinte e quatro) horas antes da primeira noite do Festival, devendo ser comunicado por meio de ofício ao Presidente da Comissão Organizadora, até 07 (sete) dias antes do início do Festival Folclórico de Parintins.

§ **5º** - Em caso de substituição de representante das Associações Folclóricas, pelo fato de alguma complicação extrema de saúde, deverá ser oficializado pelos presidentes dos Bumbás.

Art. 5º - Ao Presidente da Comissão Julgadora competem as seguintes atribuições:

- § **1º** - Providenciar e coordenar a logística do processo;
- § **2º** - Receber e submeter a julgamento pelos nove jurados, todos os recursos interpostos pelas Associações Folclóricas Boi-Bumbá Garantido e Boi-Bumbá Caprichoso, aplicando ou não as penalidades previstas neste Regulamento.
- § **3º** - Lavrar a decisão do colegiado de jurados, circunstanciada e fundamentada de acordo com este Regulamento, sobre todas as decisões.
- § **4º** - Assinar as folhas de votação constantes no caderno.

CAPÍTULO IV - DO PROCESSO DE ESCOLHA DOS JURADOS

Art. 6º - Será criado, pela Comissão Organizadora do Festival, um banco de dados dos jurados que participaram do julgamento dos Festivais Folclóricos de Parintins a partir de 2005, ficando à comissão a abertura de novos editais anualmente.

a) Os Jurados serão pessoas de renome nacional, tendo, no mínimo, mestrado na área de formação, ou, ainda, notório saber, com comprovada atuação nas manifestações folclóricas e culturais brasileiras, para cada especialidade, de acordo com o Anexo I;

b) Os jurados selecionados deverão ser originários no mínimo de 2 (dois) Estados da Federação, considerando o seu local de nascimento e domicílio;

§ **1º** Destes jurados, do período constante no caput deste artigo, serão selecionados os jurados do festival folclórico por uma comissão composta de 1(um) representante de cada Bumbá e o Coordenador de Jurados da Comissão Organizadora do Festival;

§ **2º** Fica estabelecido o prazo de um ano para a constituição da Escola de Jurados do Festival Folclórico de Parintins;

§ **3º** A partir do ano de 2018 a Escola de Jurados será responsável pela manutenção do banco de dados, treinamento e seleção dos jurados para o Festival Folclórico;

§ **4º** Serão necessariamente escolhidos 01 (um) jurado para presidir a comissão, 03 (três) jurados para compor o Bloco A, 03 (três) jurados para compor o Bloco B e 03 (três) jurados para compor o bloco C, dentro das especialidades constantes do Anexo I.

§ **5º** Aos jurados constantes do banco de dados é vedada qualquer manifestação pró ou contra qualquer um dos Bumbás.

CAPÍTULO V - DAS ATRIBUIÇÕES DOS JURADOS

Art. 7º - Para cada apresentação haverá um caderno de votação com uma folha para cada item a ser julgado, por cada Jurado, contendo os critérios para julgamento e nota, que após a votação será colocado em envelope e rubricados pelo Jurado, um fiscal de cada Bumbá e o Presidente da Comissão Julgadora sendo depositados na urna, que receberá o lacre definitivo devidamente rubricado por todos os membros da Comissão Julgadora, logo após o encerramento da apresentação da última Associação.

Art. 8º - As urnas, depois de lacradas serão entregues pelos membros da Comissão Julgadora, na presença dos fiscais das Associações Folclóricas, ao Comandante da 11º Batalhão de Polícia Militar de Parintins, que ficará responsável pela sua guarda e inviolabilidade até a entrega para o Presidente da Comissão Julgadora, no dia e hora da Apuração, constantes neste Regulamento.

Art. 9º - O julgamento será efetuado por 09 (nove) Jurados, que observarão a especialidade de cada grupo de critérios de julgamento, divididos em 03 (três) blocos e em três grupos distintos e mistos de jurados, sendo: Bloco A = jurados Comum / Musical, Bloco B = Cênico / Coreográfico, Bloco C = Artístico, sendo cada cabine de jurados composta de um representante de cada bloco em julgamento.

Art. 10 – Os Jurados, no desempenho de suas funções, assumem comportamento de juízes, devendo primar pela isenção e procurando agir com sabedoria, imparcialidade e justiça, aplicando fielmente este Regulamento e ficam:

§ **1º** - Obrigados a:

- a) Chegar diariamente ao "Bumbódromo", no mínimo 30 (trinta) minutos antes do início da primeira apresentação;
- b) Permanecer nas suas cabines até o encerramento dos espetáculos e da votação, salvo se acompanhados por fiscais das associações Folclóricas;
- c) Assinar o Termo de Ciência do Regulamento, que regerá a disputa do Festival Folclórico de Parintins.
- d) Justificar na folha de votação qualquer nota de forma objetiva com o apresentado no julgamento. A falta desta justificativa acarretará na anulação da nota, ficando a nota para fins de apuração igual ao do Bumbá Contrário.

§ **2º** - Impedidos de:

- a) Se ausentarem das cabines e do local onde estiverem hospedados, salvo com a concordância dos fiscais ou Coordenação de Jurados;
- b) Fazer qualquer consulta a outro membro do júri durante a apresentação;
- c) Contatar reservadamente com os dirigentes e fiscais das Associações concorrentes, e em qualquer hipótese com autoridades pública e imprensa;
- d) Receber qualquer tipo de objeto, adereço, souvenir e etc., de qualquer item, a qualquer tempo, exceto material impresso contendo roteiro do espetáculo.

Parágrafo Único – Caso alguma Associação Folclórica seja detentora de prova material, acerca de cometimento de infringência ao presente artigo, por parte de qualquer um dos Jurados, poderá oferecer impugnação escrita, narrando o fato alegado e instruindo com as provas materiais, entregue a cada dia de apresentação ao Presidente da Comissão Julgadora, devidamente rubricados pelos fiscais das agremiações, no mesmo prazo do que trata o Art. 11 e seus parágrafos deste regulamento e endereçado ao Presidente da Comissão Julgadora, a quem incumbirá apresentar o resultado do julgamento antes da abertura dos envelopes de notas. A procedência da impugnação implicará no cancelamento das notas julgadas pelo (a) Jurado (a), infrator (a) referente a todas as noites de apresentação. Não caberá recurso das decisões da Comissão Julgadora.

CAPÍTULO VI - DAS IMPUGNAÇÕES

Art. 11 – As impugnações deverão ser apresentadas em 03 (três) vias, pelos fiscais credenciados dos Bumbás, ao Presidente da Comissão Julgadora na mesma noite em que ocorrer o fato gerador, até 60 (sessenta) minutos após a apresentação da última Associação, sendo imediatamente apresentado aos fiscais da Associação impugnada.

§ **1º** - Os fiscais do Bumbá impugnado serão notificados para apresentar defesa até 09 h (nove horas) do dia seguinte, exceto para a noite do último dia que será até 06 h (seis horas) sob pena de preclusão.

§ **2º** - O Bumbá impugnado será considerado notificado, mediante recebimento pelos seus fiscais da segunda via de impugnação, dentro do prazo fixado no caput deste artigo. Decorrido o prazo sem a notificação

pessoal por ausência da parte impugnada, bastará à notificação feita ao membro da Associação impugnada pelo Presidente da Comissão Julgadora, com efeitos para todos os fins previstos neste Regulamento.

§ 3º - As impugnações serão decididas pela Comissão Julgadora até 14h (quatorze horas), do dia seguinte, para matérias referentes às apresentações da primeira e segunda noite e até as 08h (oito horas), da última noite de apresentação.

§ 4º - De cada decisão será lavrado ato circunstanciado da Comissão Julgadora constando o resultado, que, em envelope lacrado será rubricado pelos componentes da Comissão Julgadora e pelos fiscais de cada Bumbá, o qual só poderá ser conhecido quando da apuração dos resultados do festival.

CAPITULO VII - DO APRESENTADOR

Art. 12 – Cada Associação terá seu apresentador oficial, com a responsabilidade de fazer a apresentação do Bumbá, sendo defeso elogiar, ofender ou provocar por palavras, gestos ou qualquer outro meio à Associação contrária, autoridades civis, militares e eclesiásticas sob pena da aplicação de punição de acordo com o artigo 30 deste regulamento no item APRESENTADOR, referente à data da infração.

Art. 13 – As Associações devem utilizar apenas 01 (um) Apresentador oficial por dia de espetáculo.

Parágrafo Único – O descumprimento deste artigo implicará na perda de 01 (um) ponto, deduzido da pontuação geral obtida pela Associação na noite da apresentação.

CAPITULO VIII - DO TEMPO DA APRESENTAÇÃO

Art. 14 – As Associações terão o tempo mínimo de 02h (duas horas) e o tempo máximo de 02h30min (duas horas e trinta minutos), para cada apresentação nos três dias de festival.

§ 1º - A contagem do tempo oficial das apresentações dos Bumbás será feita pelo Presidente da Comissão Julgadora. E, para nortear o tempo de apresentação será instalado um relógio na área interna, de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Parintins.

§ 2º - Para efeito deste artigo o evento terá início às 20h, inclusive com a contagem do tempo previsto no *caput* do artigo. Encerrada a primeira apresentação do dia e após o intervalo de 45 (quarenta e cinco) minutos, sendo, 30 (trinta) minutos de intervalo oficial e mais 15 (quinze) minutos do animador do segundo concorrente, deverá iniciar-se a apresentação deste, o qual será submetido ao mesmo tempo de duração do espetáculo.

§ 3º - Considera-se como início da apresentação de cada Associação, a entrada do Apresentador.

§ 4º - Fica concedido prazo improrrogável de 15 minutos, antes do horário de cada apresentação oficial, para entrada e posicionamento dos músicos e, 15 minutos depois para saída, ressalvando que o referido tempo não será contado como tempo de apresentação de que trata o Art. 15 deste Regulamento.

§ 5º - As torres de som e iluminação sobre a cabine dos jurados ou outros lugares decididos pela consultoria técnica, terão uso comum para sonorização e para a iluminação cênica dos Bumbás. Será vedado a utilização para fins alegóricos/cenográficos, cênicos e coreográficos.

§ 6º - A infração a qualquer dos parágrafos 3º e 4º, deste artigo, resultará na perda de 0,1 (um décimo) automaticamente, para cada minuto ultrapassado, em relação ao tempo máximo e para cada minuto antecipado em relação ao tempo mínimo, conforme ata do Presidente da Comissão Julgadora.

Art. 15 – Somente no caso de interrupção de energia elétrica, de som, ou por interrupção da área por populares, ausência de jurados, mau tempo (chuva) ou qualquer outro obstáculo que impeça ou coloque em risco a segurança pessoal dos brincantes efetivamente a realização do espetáculo ou sua interrupção nos horários previstos, reconhecidos formalmente pelo Presidente da Comissão Organizadora, as Associações Folclóricas Caprichoso e Garantido, poderão realizar as suas apresentações fora do horário inicial previsto, sem prejuízo da pontuação.

§ **1º** - Fica concedido o tempo de 30 (trinta) minutos, contado da solução formal do impedimento, para que a Associação Folclórica dê início à apresentação do dia.

§ **2º** - Se os fatos previstos no *caput* deste artigo ocorrerem no curso do espetáculo, este será suspenso e seu reinício dar-se-á em até 30 (trinta) minutos após haver sido resolvido plenamente o problema, sem prejuízo para a Associação que estiver se apresentando.

§ **3º** - Não resolvido o impasse dentro do prazo estabelecido no parágrafo anterior, a pontuação do boi prejudicado será igual à da agremiação que não sofreu prejuízo na apresentação.

§ **4º** - A comissão organizadora e julgadora será competente para julgar os problemas descritos nos parágrafos 1º e 2º, deste artigo, cuja decisão deverá se basear em manifestação do corpo de bombeiros ou outro órgão responsável pela segurança do evento.

CAPÍTULO IX - DOS ITENS DE VOTAÇÃO

Art. 16 – Para o julgamento das Associações, serão rigorosamente observados, a cada dia do espetáculo, os 21 itens descritos no caderno de votação, conforme anexo II.

Art. 17 – A nota mínima a ser conferida por cada Jurado em cada item é 8,5 (oito virgula cinco) e a máxima é 10 (dez), podendo ser fracionada na forma decimal, e deve ser lançada na folha de votação, numericamente e por extenso.

§ **1º** - Caso haja omissão nos lançamentos das notas numéricas e por extenso, será atribuída a nota máxima 10 (dez) aos Bumbás. Caso o julgador tenha omitido o lançamento apenas de uma das notas, valerá então a nota lançada, desde que não contenha rasuras;

§ **2º** - Caso haja rasura no lançamento das notas numéricas e/ou por extenso, será atribuída a nota máxima 10 (dez) aos Bumbás naquele item.

§ **3º** - Caso haja divergência entre a nota numérica e por extenso, prevalecerá a maior nota, desde que não contenha rasuras.

§ **4º** - Os itens de votação serão levados ao conhecimento dos jurados através do Apresentador Oficial de cada Associação Folclórica.

§ **5º** - O Bumbá que deixar de apresentar qualquer item constante no caderno de votação não receberá nota ou pontuação no item correspondente, sendo-lhe atribuída, para efeito de apuração, a nota mínima 8,5 (oito e meio).

Art. 18 – O direito de voto é exclusivo dos Jurados.

CAPÍTULO X - DOS FISCAIS

Art. 19 – As Associações nomearão até 21 (vinte e um) fiscais por correspondência endereçada à Comissão Organizadora do Festival, até às 18h horas do dia que antecede ao início das apresentações, para acompanhamento direto junto a essa comissão.

- **1º** - É proibida a permanência na arena de fiscais do Bumba contrário ao da apresentação.

Art. 20 – Os fiscais deverão ser credenciados por atos baixados pelos Presidentes dos Bumbás. No fosso só poderão atuar na fiscalização 06 (seis) fiscais de cada Associação Folclórica devidamente escolhidos dentre os 21 (vinte e um) fiscais do que trata o Art. 20, devendo os mesmos, trajarem roupas neutras, ou seja, camisa branco, calça branco, calçado predominantemente branco e a identificação nominal de crachá com foto.

Parágrafo Único – O descumprimento deste artigo acarretará à Associação Folclórica faltosa a penalidade prevista no Art. 30, na noite geradora do fato.

Art. 21 – É competência dos fiscais:

- a) Fiscalizar a atuação da Comissão Julgadora;
- b) Verificar se o material de votação está em ordem, antes de ser iniciado o julgamento;
- c) Fazer impugnações sob qualquer irregularidade que verificar no curso da apresentação e votação, consignando suas razões por escrito;
- d) Não permitir que o caderno de votação seja retirado do local do julgamento, antes do lacre da urna receptora das mesmas;
- e) Assinar, juntamente com os membros da Comissão Julgadora, as folhas de votação, antes do início das apresentações;
- f) Assistir o lacre da urna receptora dos cadernos de votação, rubricando-a, juntamente com os Jurados;
- g) Receber as notificações de impugnações da sua Associação;
- h) Praticar todos os demais atos inerentes à sua função.

Art. 22 – Os fiscais não poderão interferir na votação e nem presenciar a prática do voto pelos jurados.

Parágrafo único - Para os fins descritos nas alíneas "c" e "h" do artigo anterior, a comissão organizadora devesse disponibilizar arquivo áudio visual (vídeo) da apresentação dos bumbás aos fiscais das agremiações, ao final da mesma.

CAPÍTULO XI - DA APURAÇÃO

Art. 23 – O Presidente da Comissão Julgadora será responsável pela apuração dos resultados do Festival Folclórico de Parintins.

§ **1º** - Cabe à Comissão Organizadora:






- a) Providenciar local e equipamentos para o processo de apuração no Bumbódromo;
- b) Fornecer os mapas e planilhas de apuração;
- c) Credenciar os representantes de cada Associação;

§ 2º - Cabe à Comissão Julgadora:

- a) Julgar a cada noite a impugnação de Jurado(a).

Art. 24 – Cada Associação concorrente indicará 02 (dois) representantes devidamente credenciados (delegado de apuração), que exercerão as funções de fiscal específico para o ato. Fica franqueada a livre participação dos Presidentes das Associações Folclóricas, sem prejuízo das funções conferidas ao delegado de apuração e um representante de cada órgão de imprensa. Os jornalistas ficarão em espaço especialmente destinado ao exercício de suas funções, sendo vedado qualquer tipo de manifestação pelos presentes, salvo, se membro da Comissão Julgadora e delegados.

§ 1º - A apuração será feita às 14h da segunda-feira, no Bumbódromo.

§ 2º - Antes do início da apuração serão divulgadas as atas contendo as decisões sobre as impugnações apresentadas por cada Associação, de cujas decisões não cabe qualquer recurso, em qualquer esfera. Em seguida serão lidas as notas dadas para cada item por cada Jurado, em cada bloco por dia de apresentação, sendo descartada a menor nota aplicada auferida pelo Jurado(a) a cada item e a cada noite de apresentação.

§ 3º - Na hipótese de haver apenas 02 (duas) notas válidas para quaisquer itens, ainda assim se descartará a menor nota entre as restantes.

§ 4º - Concluída a apuração, o Presidente da Comissão Julgadora proclamará o Bumbá Campeão e o Bumbá Vice-Campeão do Festival Folclórico de Parintins, respectivamente, conforme o maior número de pontos obtidos, efetivando a entrega dos troféus específicos.

§ 5º - Em caso de empate na pontuação geral dos três espetáculos, a Comissão Julgadora procederá ao desempate, observados sucessivamente os seguintes critérios:

- a) Confronta-se o somatório de pontuação nas três apresentações relativas aos itens coletivos, indicados no Anexo III, sendo proclamada campeã a Associação que obteve maior somatório de pontos;
- b) Confrontam-se os somatórios de pontuação nas três apresentações, relativas aos itens individuais, indicados no Anexo III, sendo proclamada campeã a Associação que obteve maior somatório de pontos;
- c) Persistindo o empate, confronta-se a quantidade da segunda melhor nota atribuída as Associações para se conhecer o vencedor;
- d) Persistindo mais uma vez o empate, o Presidente da Comissão Julgadora proclamará as duas Associações como campeãs.

CAPÍTULO XII - DO MATERIAL DE VOTAÇÃO

Art. 25 – O material de votação deverá ser entregue aos jurados pelos membros da Comissão Julgadora, no recinto específico, pelo menos 20 (vinte) minutos antes da apresentação da primeira agremiação.

Art. 26 – O material de cada jurado, por noite, consiste no seguinte:

- a) Caderno de votação;
- b) Folha de papel em branco para rascunho;
- c) Lápis e borracha;
- d) Caneta esferográfica verde;
- e) Envelope para acondicionar o caderno de votação constando: nome do bloco, nome do Jurado (a) e data de julgamento;
- f) Roteiro de apresentação.

Art. 27 – A folha de votação que não tiver as assinaturas do Presidente da Comissão Julgadora, dos Fiscais das Associações e do Jurado será automaticamente anulada.

Art. 28 – Os lacres e as urnas serão cedidos pela Comissão Organizadora, sendo estas lacradas imediatamente após o término de cada dia de espetáculo, entregues à guarda e responsabilidade do 11º Batalhão de Polícia Militar de Parintins.

Parágrafo único – As urnas lacradas permanecerão nas dependências do Bumbódromo, em cofre com senha única, de conhecimento do Comandante do Batalhão, em sala individual e sob vigilância constante.

CAPÍTULO XIII - DAS PENALIDADES

Art. 29 - O Bumbá que, comprovadamente, assediar um (os) jurado(s) será punido com multa de R\$ 100.000,00 (cem mil reais) que deverá ser revertida para a Entidade Organizadora do Festival Folclórico;

Art. 30 – As penalidades previstas às infrações deste Regulamento serão a perda de 01 (um) décimo, por ocorrência no item correspondente, deduzida da pontuação geral.

Art. 31 – É vedada a permanência de não brincantes dentro da arena durante a apresentação dos Bumbás.

Parágrafo Único - Não brincante é todo aquele que, na arena, não esteja credenciado ou com indumentária própria de cada Bumbá, salvo com função específica, comprovável e/ou temporário tais como: bombeiros, saúde, segurança, equipe técnica de som e luz, equipe da empresa organizadora e da empresa detentora do direito de imagem e outros necessários à organização e realização do espetáculo.

Art. 32 – A imprensa (repórter fotográfico ou não) de televisão e rádio, que não estejam a serviço da(s) empresa(s) detentora(s) dos direitos de transmissão, deverá utilizar a área específica da imprensa, cabendo à empresa e/ou o órgão credenciador do Festival o controle e fiscalização, sob pena de suspensão do credenciamento, sem penalidades aos Bumbás.

Art. 33 – Fica proibida a propaganda, publicidade ou qualquer outra ação de caráter comercial, na arena do Bumbódromo, iniciando-se tal restrição 30 minutos antes do espetáculo e finalizando 30 minutos após o final do espetáculo, por parte de não patrocinador oficial, sob pena de aplicação da penalidade descrita no art. 30 para cada ação aqui definida.

Art. 34 - Fica resguardado o uso intencional de propaganda, publicidade ou qualquer outra ação de caráter comercial, por parte de patrocinador oficial do Festival, bem como o uso de nomes e marcas das empresas contratadas, seja pelas Associações, seja pela Comissão Organizadora, para fins de prestação de serviço bem como para a operacionalização do espetáculo, não cabendo, portanto, quaisquer punições nestes casos.

CAPÍTULO XIV - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 35 - Será penalizado no item correspondente, o Bumbá que através de seu Apresentador, Levantador, Amo, suas toadas, versos ou dos seus representantes oficiais, atentar contra o pudor e a moral pública e que caracterizam racismo, machismo, homofobia, transfobia e ofensas pessoais, fizer alusão a partidos políticos ou candidatos a cargos eletivos, a título de propaganda, saudação nominal, referências político-partidárias, elogios ou ofensas a qualquer pessoa ou entidade, ou ainda, alusões depreciativas à crença religiosa, às autoridades civis, militares, e eclesiásticas, aos poderes constituídos ou seus representantes.

§ **1º** - É permitida a apresentação de toadas de desafio sem ofensa à pessoa humana.

§ **2º** - A penalidade prevista no *caput* deste artigo atenderá o disposto no Art. 30 deste regulamento.

§ **Art. 36** - Fica expressamente proibida a utilização pelas torcidas dos "Bumbás" de instrumentos elétricos ou eletrônicos sonoros, que interfiram negativamente no espetáculo, assim como gestos, acenos ou faixas ofensivas à Associação oposta, com a penalidade prevista no Art. - 30, no item 19 - Galera, por infração ao Art. 35 na noite geradora do fato.

§ **Art. 37** - A cor padrão da Associação Folclórica "Boi-Bumbá" Caprichoso é AZUL e do "Boi-Bumbá" Garantido é VERMELHA.

Parágrafo Único - É expressamente proibido o uso da cor de um "Bumbá" por outro, salvo em casos excepcionais, como em alegorias ou situações que comprovadamente tenham que utilizar a cor oficial de outra Associação Folclórica, com a penalidade prevista no Art. 30, no item correspondente.

Art. 38 - Relativamente aos itens de julgamento, serão observados os seguintes critérios, por noite de espetáculo:

I - Tribos Indígenas: No mínimo 04 (quatro) e no máximo 11 (onze) tribos, com no mínimo de 18 integrantes por tribo;

II - 03 (três) Tuxauas;

III - Vaqueirada: No mínimo de 30 e no máximo 40 integrantes;

IV - 01 (um) Ritual Indígena com estrutura artística e alegórica;

V - 01 (uma) Lenda Amazônica com estrutura artística e alegórica;

VI - 01 (uma) Figura Típica Regional com estrutura artística e alegórica.

Parágrafo Único - A Associação que apresentar número inferior ou superior aos estabelecidos neste artigo será penalizada de acordo com o previsto no Art. 30, no item correspondente, na noite do fato gerador.

Art. 39 - Não será permitida a utilização de:

I. Cabo de aço ou qualquer outro material sobre a arena, ligando os extremos das arquibancadas, durante as apresentações das Associações;

Página 10 de 21

II. Fogos de artifícios quentes (outdoor) dentro das dependências do Bumbódromo. A partir da área externa do Bumbódromo os mesmos só poderão ser usados em distância mínima fixada por laudo técnico expedido pelo Corpo de Bombeiros à Comissão Organizadora, até 19hs na primeira noite do Festival. A fim de solicitar o laudo técnico em questão, o boi deverá apresentar a documentação ao Corpo de Bombeiros em até 10 (dez) dias antes do evento, comprovado pela data no protocolo.

III. Bombas acima de 5" (cinco) polegadas;

IV. "COSPE FOGO", fazendo uso de qualquer substância inflamável. Qualquer elemento em combustão;

§ **1o** - O Bumbá que infringir esse artigo será punido com a perda de 01(um) ponto, desde que devidamente atestado no laudo técnico apresentado pelo Corpo de Bombeiros.

§ **2o** - No 52º Festival Folclórico (2017) o uso de guindastes só será permitido com Auto de Vistoria positivo expedido do Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas.

§ **3o** - É permitida a utilização de guindaste, desde que apresentada ART da operação.

Art. 40 - Será permitida a utilização de fogos de artifícios frios indoor nas apresentações dentro da arena do Bumbódromo;

Art. 41 - A ordem de apresentação dos Bumbás para as três noites do último final de semana de junho (sexta, sábado e domingo), será definida por sorteio às 10h (dez horas), 15 (quinze) dias antes do evento, em praça pública, coordenado e homologado pela Comissão Organizadora e pelos dois Presidentes das Associações Folclóricas.

Art. 42 - É obrigatória a apresentação das figuras "Pai Francisco e Mãe Catirina" nos espetáculos das três noites de apresentação, as quais não serão atribuídas notas.

Parágrafo Único - A Associação que deixar de apresentar as figuras "Pai Francisco e Mãe Catirina" perderá 0,1 (um décimo), por ocorrência, que serão deduzidos de sua pontuação geral.

Art. 43 - Os casos omissos neste Regulamento serão resolvidos pela Comissão Organizadora e pelo Presidente da Comissão Julgadora, no âmbito de suas respectivas atribuições.

Art. 44 - Farão parte integrante deste Regulamento os Anexos:

- a) Anexo I - Blocos de Julgamento Conforme Especialidades do Julgador;
- b) Anexo II - Itens do nº 01 a nº 21;
- c) Anexo III - Itens Coletivos, Itens Individuais, Estruturas Artísticas e Abstrato;
- d) Anexo IV - Critérios de Julgamento;
- e) Anexo V - Termo de Ciência dos Jurados ao Regulamento do Festival de Parintins;
- f) Anexo VI - Termo de Impugnação de Jurado.

Art. 45 - Este Regulamento entrará em vigor após a sua aprovação e publicação no Diário Oficial do Estado e Diário Oficial do Município. O mesmo terá validade até dezembro de 2023, podendo ser prorrogado ou revisto.

Revogam-se as disposições em contrário.

Parintins/Amazonas, 07 de março de 2022.

FRANK LUIZ DA CUNHA GARCIA
 Prefeito Municipal de Parintins

MARCOS APOLO MUNIZ DE ARAÚJO
 Secretário de Estado de Cultura e Economia Criativa

JENDER DE MELO LOBATO
 Presidente da Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso

ANTÔNIO ANDRADE BARBOSA
 Presidente da Associação Folclórica Boi-Bumbá Garantido

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE PARINTINS
 Avenida Brasil, 208 - Centro - Fone: (067) 311 198 / 3145-417

Maria Deiza Oliveira da Silva
 Notária / Registradora

SELO ELETRÔNICO TJAM - SELO
 RECFIR004853DA44TH3JHEKQ994. Valor do ato: R\$ 5,87. Partes: FRANK LUIZ DA CUNHA GARCIA. Tipo: RECONHECIMENTO DE FIRMA POR SEMELHANÇA, data: 18/03/2022. Consulte o selo em <https://cidadea.parintinsam.com.br/> ou através do QR Code:



CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE PARINTINS
 Avenida Brasil, 208 - Centro - Fone: (067) 311 198 / 3145-417

Maria Deiza Oliveira da Silva
 Notária / Registradora

SELO ELETRÔNICO TJAM - SELO
 RECFIR004853JUS6WR23K1LX5A964. Valor do ato: R\$ 5,87. Partes: MARCOS APOLO MUNIZ DE ARAUJO. Tipo: RECONHECIMENTO DE FIRMA POR SEMELHANÇA, data: 18/03/2022. Consulte o selo em <https://cidadea.parintinsam.com.br/> ou através do QR Code:



CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE PARINTINS
 Avenida Brasil, 208 - Centro - Fone: (067) 311 198 / 3145-417

Maria Deiza Oliveira da Silva
 Notária / Registradora

SELO ELETRÔNICO TJAM - SELO
 RECFIR004853PVR5ARL3HVUGAD09. Valor do ato: R\$ 5,87. Partes: JENDER DE MELO LOBATO. Tipo: RECONHECIMENTO DE FIRMA POR SEMELHANÇA, data: 18/03/2022. Consulte o selo em <https://cidadea.parintinsam.com.br/> ou através do QR Code:



CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE PARINTINS
 Avenida Brasil, 208 - Centro - Fone: (067) 311 198 / 3145-417

Maria Deiza Oliveira da Silva
 Notária / Registradora

SELO ELETRÔNICO TJAM - SELO
 RECFIR004853WAK1BQJSDMUNP232. Valor do ato: R\$ 5,87. Partes: ANTONIO ANDRADE BARBOSA. Tipo: RECONHECIMENTO DE FIRMA POR SEMELHANÇA, data: 18/03/2022. Consulte o selo em <https://cidadea.parintinsam.com.br/> ou através do QR Code:




ANEXO I

BLOCOS DE JULGAMENTO CONFORME ESPECIALIDADES DOS JULGADORES

BLOCO "A" - COMUM / MUSICAL

Podem exercer a função de julgadores: Músico, Compositor, Maestro, Musicólogo, Folclorista e Comunicólogo (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras).

ITENS:

- 01 - APRESENTADOR
- 02 - LEVANTADOR DE TOADAS
- 03 - BATUCADA OU MARUJADA
- 06 - AMO DO BOI
- 19 - GALERA
- 11 - TOADA (LETRA E MÚSICA)
- 21 - ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO

BLOCO "B" - CÊNICO / COREOGRÁFICO

Podem exercer as funções de julgadores: Teatrólogos, Coreógrafos, Folcloristas e Figurinistas (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras).

ITENS:

- 05 - PORTA-ESTANDARTE
- 07 - SINHAZINHA DA FAZENDA
- 08 - RAINHA DO FOLCLORE
- 09 - CUNHA-PORANGA
- 12 - PAJÉ
- 10 - BOI-BUMBÁ (EVOLUÇÃO)
- 20 - COREOGRAFIA

BLOCO "C" - ARTÍSTICO

Podem exercer as funções de julgadores: Artistas Plásticos, Etnólogos, Cenógrafos, Antropólogos, Folcloristas, Designer's e Arquitetos (Todos com referencial teórico em folclore, com trabalhos realizados que contemplem as manifestações folclóricas e culturais brasileiras).

ITENS:

- 04 - RITUAL INDÍGENA
- 13 - TRIBOS INDÍGENAS
- 14 - TUXAUAS
- 15 - FIGURA TÍPICA REGIONAL
- 16 - ALEGORIA
- 17 - LENDA AMAZÔNICA
- 18 - VAQUEIRADA

ANEXO II**ITENS**

1. APRESENTADOR
2. LEVANTADO DE TOADAS
3. BATUCADA OU MARUJADA
4. RITUAL INDÍGENA
5. PORTA ESTANDARTE
6. AMO DO BOI
7. SINHAZINHA DA FAZENDA
8. RAINHA DO FOLCLÔRE
9. CUNHÃ – PORANGA
10. "BOI-BUMBÁ" (EVOLUÇÃO)
11. TOADA (LETRA E MÚSICA)
12. PAJÉ
13. TRIBUS INDÍGENAS
14. TUXAUAS
15. FIGURA TÍPICA REGIONAL
16. ALEGORIAS
17. LENDA AMAZÔNICA
18. VAQUEIRADA
19. GALERA
20. COREOGRAFIA
21. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO



ANEXO III**ITENS COLETIVOS**

- 03. BATUCADA OU MARUJADA
- 13. TRIBOS INDÍGENAS
- 14. TUXAUAS
- 18. VAQUEIRADA
- 19. GALERA
- 20. COREOGRAFIA
- 21. ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO

ITENS INDIVIDUAIS

- 01. APRESENTADOR
- 02. LEVANTADOR DE TOADAS
- 05. PORTA ESTANDARTE
- 06. AMO DO BOI
- 07. SINHAZINHA DA FAZENDA
- 08. RAINHA DO FOLCLORE
- 09. CUNHÃ – PORANGA
- 10. "BOI-BUMBÁ" (EVOLUÇÃO)
- 12. PAJÉ

ESTRUTURAS ARTÍSTICAS

- 04. RITUAL INDÍGENA
- 15. FIGURA TÍPICA REGIONAL
- 16. ALEGORIAS
- 17. LENDA AMAZÔNICA

ABSTRATO

- 11. TOADA (LETRA E MÚSICA)



ANEXO IV
DOS CRITÉRIOS DE VOTAÇÃO

01 – APRESENTADOR

Individual

DEFINIÇÃO: Anfitrião, Mestre de Cerimônia, Porta voz.

MÉRITOS: Domínio de arena e de público, fluência verbal, carisma, impostação sem interferência ou intervenção que dificulte a audição ou compreensão do espetáculo de voz, dicção, alegria, atenção constante no desenvolvimento do tema.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária e significado, voz, desenvoltura, animação.

02 – LEVANTADOR DE TOADAS

Individual

DEFINIÇÃO: Sua voz é o fio condutor para o desenvolvimento do tema.

MÉRITOS: Interpretação, afinação, dicção, timbre e técnica de canto.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Afinação, extensão vocal, dicção, respiração e timbre.

03 – BATUCADA OU MARUJADA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Sustentação rítmica, base para o espetáculo, agrupamento de percussão que fornece um referencial rítmico indispensável às toadas.

MÉRITOS: Harmonia, cadência, ritmo, constância.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Harmonia, disposição de arena, ritmo, indumentária, cadência.

04 – RITUAL INDÍGENA

Estrutura artística

DEFINIÇÃO: Recriação de rito xamanístico, fundamentado através de pesquisa, dentro do contexto folclórico do boi-bumbá.

MÉRITOS: Teatralização, criatividade, beleza, originalidade e efeitos.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Fidelidade à toada cantada na apresentação do ritual, desenvolvimento, beleza e encenação, observada a sua fundamentação

(pesquisa/referências) dentro da folclorização do boi-bumbá.

05 – PORTA-ESTANDARTE

Individual

DEFINIÇÃO: Símbolo do Boi em movimento.

MÉRITOS: Bailado, garra, desenvoltura, simpatia, elegância e alegria.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, estandarte, leveza, graça, sincronia de movimentos entre o bailado e o estandarte.

06 – AMO DO BOI

Individual

DEFINIÇÃO: O dono da fazenda, menestrel que tira versos dentro dos fundamentos do espetáculo.

MÉRITOS: Dicção, desenvoltura, postura e expressões cênicas.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, voz, afinação, poder de improvisação e qualidade poética.

07 – SINHAZINHA DA FAZENDA

Individual

DEFINIÇÃO: Filha do dono da fazenda, no auto do Boi-Bumbá de Parintins.

MÉRITOS: Beleza, graça, desenvoltura e alegria.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, movimentos, saudação ao boi e ao público, simpatia e carisma.

08 – RAINHA DO FOLCLORE

Individual

DEFINIÇÃO: Item que representa a diversidade de valores expressados pela manifestação popular.

MÉRITOS: Beleza, simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Beleza, graça, movimentos, simpatia e indumentária.

09 – CUNHÃ-PORANGA

Individual

DEFINIÇÃO: Moça bonita, guerreira e guardiã, expressa a força através da beleza.

MÉRITOS: Beleza, simpatia, desenvoltura e incorporação as suas representações.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Beleza, movimentos, simpatia e indumentária.

10 – BOI-BUMBÁ (EVOLUÇÃO)

Individual

DEFINIÇÃO: Símbolo da manifestação popular, motivo e razão de ser do Festival Folclórico de Parintins.

MÉRITOS: Evolução e encenação.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Geometria idêntica, leveza, coreografia e movimentos de um boi real.

11 – TOADA (LETRA E MÚSICA)

Abstrato

DEFINIÇÃO: Suporte lítero musical do festival, elo entre a individualidade e o grupo.

MÉRITOS: Agrega elementos históricos, geográficos, culturais e sociais, desde os momentos primitivos até os nossos dias.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Melodia, métrica, conteúdo, interpretação, composição e harmonia.

12 – PAJÉ

Individual

DEFINIÇÃO: Curandeiro, hierofante, xamã, sacerdote, ponto de equilíbrio das tribos.

MÉRITOS: Expressão corporal e facial, movimentos harmônicos, domínio de espaço cênico.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, originalidade, expressão, segurança, domínio de arena, encenação e coreografia.

13 – TRIBOS INDÍGENAS

Coletivo

DEFINIÇÃO: Grupos étnicos que compõem os povos indígenas do Brasil, dentro do contexto folclórico do boi-bumbá de Parintins.

MÉRITOS: Sincronia de movimentos, cores e expressões cênicas e danças.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Sincronia, indumentária, fidelidade às raízes (dentro do contexto folclórico do Boi-Bumbá) e efeitos visuais: plástica e adereços pertinentes ao contexto tribal folclorizados ou não.

14 – TUXAUA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Chefe da tribo, o personagem caboclo em sua miscigenação, representação alegórica do universo indígena e caboclo da Amazônia.

MÉRITOS: Plástica adequada ao tema do espetáculo, criatividade e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, fidelidade ao tema do espetáculo e riqueza dos detalhes nas confecções do capacete (cocar alegórico).

15 – FIGURA TÍPICA REGIONAL

Artístico

DEFINIÇÃO: Símbolo da cultura amazônica, na sua soma de valores a partir dos elementos que compuseram a sua miscigenação.

MÉRITOS: Homenagem às raízes da terra, beleza e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Fidelidade ao item, acabamento, estética, porte e encenação.

16 – ALEGORIAS

Artístico

DEFINIÇÃO: Estruturas artísticas que funcionam como suporte cenográfico para apresentação.

MÉRITOS: Beleza, criatividade e originalidade.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Acabamento, execução, funcionalidade, estética e porte.

17 – LENDA AMAZÔNICA

Artístico

DEFINIÇÃO: Ficção que ilustra a cultura dos povos da Amazônia dentro do contexto folclórico do Boi-Bumbá de Parintins.

MÉRITOS: Imaginação, envolvimento, porte cenográfico e encenação.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Acabamento, encenação, originalidade e desenvolvimento.

18 – VAQUEIRADA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Agrupamento coletivo, guardiões do boi em evolução.

MÉRITOS: Beleza e coreografia.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, coreografia e sincronia.

19 – GALERA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Elemento de apoio do espetáculo, estímulo de apresentação, massa humana que forma uma das maiores coreografias uníssonas do mundo.

MÉRITOS: Alegria, energia contagiante, sincronia, garra, evolução e empolgação.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Animação, calor humano, participação e sincronia.

20 – COREOGRAFIA

Coletivo

DEFINIÇÃO: Todos os movimentos de dança apresentados durante o espetáculo.

MÉRITOS: Dinâmica, criatividade nos movimentos, ritmo e sincronia.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Expressividade do movimento, sincronia e criatividade.

21 – ORGANIZAÇÃO DO CONJUNTO FOLCLÓRICO

Coletivo

DEFINIÇÃO: Reunião de itens individuais, artísticos e coletivos embasados no conteúdo do espetáculo, e, por sua vez, dispostos organizadamente na arena de apresentação.

MÉRITOS: Disposição em que se encontram suas diversidades (tribos, itens individuais, etc.), harmonia, liberdade de movimentos na arena e tempo compatível.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, alegria pertinente ao conteúdo do espetáculo, diversidade de estrutura e fantasia com fidelidade ao tema.

ANEXO V
TERMO DE CIÊNCIA

Eu, _____ aceito o convite para ser jurado (a) do Festival Folclórico de Parintins e, por meio deste, declaro ter plena e total consciência de todos os termos constantes do Regulamento do Festival, a ser realizado na cidade de Parintins, no último final de semana de junho de cada ano.

Afirmo estar de acordo com as funções a mim imputadas para efeito de julgamento, declarando, ainda, que no desempenho de minhas funções, assumirei comportamento de juiz (a), primando pela isenção e procurando agir com sabedoria, imparcialidade e justiça, aplicando fielmente este Regulamento, ficando obrigado(a) a:

- Chegar diariamente ao "Bumbódromo", no mínimo 30 (trinta) minutos antes do início da primeira apresentação, na companhia de 01 (um) fiscal de cada Associação Folclórica indicados pelos Presidentes de cada Boi-Bumbá;
- Permanecer em minha cabine até o encerramento dos espetáculos e da votação salvo por motivo de força maior;
- Justificar na folha de votação qualquer nota.

Também no desempenho de minhas funções, tenho ciência de que estarei impedido (a) de:

- Me ausentar das cabines e do local onde estiver hospedado, salvo com a concordância da Coordenação de Jurados;
- Fazer qualquer consulta a outro membro do júri durante as apresentações;
- Contatar com os dirigentes das Associações concorrentes, com autoridades públicas, ressalvando os fiscais das associações folclóricas habilitadas e a Coordenação de Jurados;
- Receber qualquer tipo de objeto, adereço, souvenir e etc., de qualquer item, quando da sua apresentação na arena.

A transgressão das cláusulas que compõem este Termo de Ciência, assim como dos dispositivos constantes do Regulamento do Festival Folclórico de Parintins poderão acarretar suspeição e consequente impugnação de minhas notas, bem como multa pecuniária no valor de R\$20.000,00 (vinte mil reais) por descumprimento do artigo 11, parágrafo segundo.

Jurado (a)